

ROMARIA DA SAUDADE AO "VERA CRUZ"



EXTRATO

JOYA

Uma nova creação de

· MYRURGIA ·



Carlos Lacerda com o pé no estribo:

"AINDA HÁ MUITOS GREGÓRIOS"

«E voltarei depressa para acabar com a raça». ★ O verdadeiro significado do prosseguimento imediato da sua campanha, com a mesma intensidade, nada tem a ver com a sucessão presidencial. ★ Escolheu Portugal porque deseja descansar «em português». ★ Seu primeiro projeto na Câmara: o direito do voto municipal ao cidadão português. ★ Detalhes. ★ Falam a mãe e a espôsa do jornalista.

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

Continuarei as minhas preleções pelo rádio e pela imprensa

O carro da reportagem estaciona à porta do edifício da rua Toneleros em que reside Carlos Lacerda. É ao cair da tarde, uma tarde «gris» que entristece aquêle pedaço de rua fazendo lembrar a noite trágica de 5 de agôsto, cenário de uma tenebrosa ocorrência predestinada a mudar fundamentalmente o panorama político da nação. Não sobra tempo para outras divagações: quarenta e oito horas antes de embarcar, o jornalista (agora também deputado) vai receber-nos para uma conversa mais demorada. Pisamos o «hall» do edifício Albervânia e — deve ter sido impressão — pareceu que a nossa presença naquele lugar, que nunca freqüentáramos antes, despertava olhares curiosos do encarregado. Nada impede o acesso do repórter e quando entramos no apartamento de Lacerda, êle levanta-se do divã em que conversava com os amigos, interrompe a palestra e vem ao nosso encontro.

Mas desde logo sentimos não ser fácil a tranqüilidade que esperávamos para uma conversa demorada: o apartamento é um entra-e-sai de pessoas que vão ultimar assuntos ou despedir-se do viajante em preparativos, enquanto o telefone, situado em outra dependência, lá dentro, o obriga a ausentar-se repetidas vêzes. Êle vai e volta, atende a quem pode e como pode, recebe informações do final da apuração no Maracanã, dá instruções de serviço para o seu jornal, fuma sucessivos cigarros e quer mandar servir café ou uísque. Todos recusam porque o tempo urge e ninguém ali se encontra para um bate-papo inconseqüente. O fotógrafo vai fixando expressões do entrevistado que afinal consegue sentar-se para nos atender enquanto não surgirem outros visitantes:

— Penso que também tenho direito a umas férias — vai dizendo. Êstes dois últimos anos foram de atividade intensa e o médico recomendou terminantemente repouso completo. Ora, em qualquer ponto do Brasil para onde me dirigisse, não descansaria. Ou me procurariam ou eu procuraria alguém. Era preciso ir para longe, para onde a distância impedisse um contato mais assíduo com o trabalho — e resolvi escolher Portugal.

— Por que Portugal?
— Por dois motivos: primeiro, porque há dois anos ali estive com a minha mulher e me encantei com a terra, com o povo, com tudo. De volta, prometi a meus filhos levá-los à terra dos nossos maiores. Êles estão na idade própria para bem aproveitar uma lição de história e geografia. Em duas ou três semanas, vendo e sentindo de perto o que vou mostrar-lhes na Tôrre de Belém, nos Jerônimos, por tôdas as províncias que percorrer, terão aproveitado mais que na secura de um gabinete de estudo em aprendizagem teórica.
— E o segundo motivo?
Lacerda leva o cigarro aos lábios, sorri e responde, olhando para o chão:
— O segundo é que pretendo descansar «em português». Se escolhesse outro país, terra de outro idioma, nunca estaria tão à vontade, tão «em casa». O simples fato de falar outra língua, é uma preocupação, por mais que nos encontremos familiarizados com ela. Em Portugal, longe para as obrigações de serviço, continuarei perto do Brasil, falando com a mesma gente, sentindo o mesmo ambiente humano. E isso é mais importante do que parece quando se quer descansar de verdade.
— Pretende visitar outros países?
— O tempo será pouco. É possível, entretanto, que — havendo oportunidade — dê um pulo mais adiante, à Espanha, que não conheço.
— E quando estará de volta?
— Dentro de trinta ou quarenta dias. Se não houver necessidade da minha presença imediata no Rio, bem entendido! Do contrário...
— Poderia viajar de avião, para aproveitar melhor o tempo...
— O tempo já estará sendo aproveitado repousando no navio. Durante nove dias, vou dar ao corpo e ao espírito um pouco de sossêgo. Acho que o «Vera Cruz» me ajudará bastante nesse sentido.
— Quer dizer que sua ausência será curta...

Lacerda sacode a cabeça e bate o cigarro no cinzeiro:
— Depende... Para alguns, será curtíssima. Não falta quem desejasse que ficasse por lá até definitivamente...
Sua gargalhada é interrompida com a entrada de novos visitantes.

AINDA PORTUGAL

Mas desde que a conversa está concentrada no motivo — Portugal — arriscamos outra pergunta:

— Foi noticiado que v. iria a convite do dr. Nuno Simões, para uma propriedade dêsse escritor e economista, em Pedras Salgadas...
— Não é bem assim: do meu bom amigo Nuno Simões recebi o convite generalizado que êle costuma fazer a todos os brasileiros quando visitam a sua pátria — de ir a Pedras Salgadas. Claro que pretendo fazer essa visita, lá passando alguns dias, mas o intuito é percorrer, se possível, todo o país. Tenho por Portugal uma grande admiração: é um pequeno país (geogràficamente, bem entendido) que se organizou e dá ao mundo um exemplo de trabalho metódico, eficiente e magnífico. Sendo o Brasil, sob o mesmo aspecto, um grande país, o que não poderá realizar com orientação idêntica, moralização absoluta de seus costumes políticos e principalmente honestidade?

— V. vai encontrar Portugal num momento psicológico invulgar, com a ameaça da invasão de Goa...
— Já tive ocasião de emitir a minha opinião a respeito: sou, como todos os brasileiros esclarecidos, solidário com a nação irmã, compreendendo que ela está fazendo valer seus legítimos direitos sôbre as províncias indianas. E acredito que êsse direito há de prevalecer. O movimento dos pretensos «libertadores» obedece a instruções comunistas, e não pode Portugal servir de instrumento em favor dos interessados. O Brasil, desde a primeira hora, definiu sua atitude, a única que poderia adotar, é com a qual confraternizo plenamente. Quando não prevalecessem as razões de ordem histórica, teríamos que levar em conta a contribuição preciosa que os portuguêses deram, e continuarão dando ao progresso da nossa terra. Trata-se de gente ordeira, trabalhadora, que se integra na coletividade brasileira como ninguém, constituindo família, maridos e pais de brasileiros, a quem educam na estrada de bem servir à nossa pátria.

DIREITO DE VOTO AO PORTUGUÊS

Nessa altura Carlos Lacerda faz uma revelação de maior importância:
— Um de meus primeiros projetos a ser apresentado à Câmara dos Deputados, quando ali iniciar o meu mandato, será o da concessão do direito de voto ao cidadão português que tiver residido consecutivamente cinco anos em nosso país, tenha aqui constituído família e possua bens em território nacional.
— Voto para qualquer eleição?
Lacerda esclarece:
— De início, para a Câmara dos Vereadores. Quanto à dos Deputados, Senado e Presidência da República, requer outra preparação que a seu tempo será feita. De início, sou de opinião que é tempo de reclamar o concurso dos portuguêses permanentes no Brasil, para darem sua ajuda na escolha dos homens que nos governam. Não se trata de cortejar os portuguêses, mas de solicitar, dêles, mais êsse serviço. Observe que tive o cuidado de não aludir a essa sugestão, durante a campanha eleitoral, para evitar que me acusassem de estar cortejando o elemento português com o propósito de conseguir votos. Faço-o agora, depois que recebi votos até demais... E uma vez eleito, daqui lanço a idéia que de resto não é minha. Quem, primeiro, a teve, foi um homem que podia ventilar o assunto com a maior autoridade: Rui Barbosa.







"Não travei uma luta só para ganhar votos nem cruzarei os b



Lacerda assiste à última refeição de Maria Cristina, antes de embarcar. A caçula (3 anos) não acompanhou os pais, ficando em companhia da avó, dona Olga Lacerda. Foram Sérgio e Sebastião, a quem o pai prometera a viagem, ficando a irmãsinha para outra vez.







i os braços depois da receptividade que teve essa jornada"

"Português com família, bens e cinco anos de perma nê



Depois de ter assinado dezenas de autógrafos, a bordo, Lacerda retribui as aclamações do povo, agitando o lenço branco. Lá em baixo estão cantando o Hino da Lanterna.

nência no Brasil, terá direito ao voto municipal"



Desta vez o «Vera Cruz» levou ao cais, portuguêses e brasileiros. Quando o navio desatracou, todos confraternizavam no «até breve» a Lacerda.

E AGORA O BRASIL

A conversa estende-se, animada, com a presença de outros visitantes, curiosos em acompanhar a entrevista. Novos telefonemas, interrupções ligeiras para consultas urgentes — e desviamos o curso da palestra para os assuntos locais:

— Em sua última audição na Rádio Globo, v. anunciou seus propósitos firmes de, ao voltar, sem qualquer quebra de continuidade, prosseguir em sua campanha, com a mesma intensidade dos dias precedentes às eleições.

— De fato — interrompeu Lacerda. Continuarei as minhas preleções pelo rádio e pela imprensa, inclusive os comícios de casa em casa, penetrando cada vez mais e melhor o ambiente político nacional.

— Mas — insistimos — essa atitude de sua parte não deixa de ser estranha.

Agora é o jornalista que se surpreende:

— Estranha por quê? Não compreendo...

— As eleições passaram e você venceu — ganhou longe, como já esperavam até os seus adversários. Serenado o ambiente, poder-se-ia admitir que v. fizesse, pelo menos, uma pausa na sua grande tarefa. A menos que...

— A menos que... Diga, de uma vez!

— Que o prosseguimento dessa tarefa esteja, desde logo, ligada à campanha presidencial, que no entanto ainda vem longe...

Lacerda não se perturba para responder, mas observamos que a fisionomia dos presentes — e não são poucos — transfigurou-se. Uma espectativa geral se fêz sentir pela resposta que não tardou:

— Meu caro, nada há de extraordinário em tudo isso. Eu não fiz uma campanha para ganhar votos, apenas, mas para dar a minha contribuição, de baixo para cima, das raízes, do âmago do problema — no sentido de ajudar a tirar o Brasil do caos em que se encontrava. Ninguém poderá dizer que usei de mera demagogia para se verificar, em meu favor, uma alta contagem de votos, quedando-me em seguida, de braços cruzados. Nem por sombras! O problema é complexo, gigantesco, não admite intervalos. É preciso acabar com todos os Gregórios do Brasil, e olhe que ainda faltam muitos! Exterminá-los de vez, não deixar dêles



Dona Olga, mãe de Carlos Lacerda, assiste no salão do navio, ao assedio de seus admiradores e mostra-se feliz, embora saudosa.



Lacerda e Brunini trocam um apêrto de mão de despedidas, assistido pelo deputado Alcides Carneiro: — «Até já, companheiro...»



Dona Leticia, espôsa de Lacerda, não foi reconhecida pelo povo que invadiu o navio. Também assistiu às investidas, como espectadora...



O alto-falante de bordo solicitava, pela décima vez, que os visitantes descessem, mas ninguém atendia e de todos os cantos surgiam cartões postais com a foto do «Vera Cruz» para serem autografados. Lacerda atendia, «abafado»... E os fãs continuavam a insistir...

a semente, sanear a terra, eis o que é preciso. E se não está concluída a obra, por que parar então?

— O intervalo será de apenas a sua viagem a Portugal!

— Se não me vir obrigado a interrompê-lo a qualquer momento, o que espero não venha a acontecer.

Outro cigarro, dois dedos de prosa com outros amigos e:

— O que me comoveu foi a receptividade da primeira fase dessa grande campanha. Embora contasse com ela em grande parte, confesso que a mim mesmo ela surpreendeu pelas proporções assumidas de dia para dia. Senti que o povo compreendia, aceitava, queria, ajudava êsse trabalho, feito para o Brasil e todos os brasileiros. Senti a responsabilidade que me pesava nos ombros, fiz um exame de consciência rigoroso e vi que era preciso continuar. Parar, nunca. Ora, se o homem do povo reconhece e contribui para êsse saneamento, só nos cabe, a muitos, a todos os brasileiros, e portanto também a mim, trabalhar por êle, hoje, amanhã, sempre. Esta é uma obra de profundidade, no sentido vertical e no horizontal, não mera doutrina demagógica. O Brasil tem agora um govêrno honesto, disposto a trabalhar também: vamos dar-lhe essa contribuição. Não pensei no problema presidencial, não é êle que articula os movimentos do meu trabalho, não tem nada uma coisa com a outra: aqui estarei antes do Natal e, sem demora, antes da ebertura da Câmara, reatarei o fio dessa tarefa contando com os que estiveram a meu lado até aqui. Cada dia que passa, novos elementos surgem demonstrando o caos em que nos encontrávamos, e não sei para onde iríamos, sem essa mudança de clima governamental. Podemos acreditar nos homens que aí estão.

★

E a conversa foi interrompida, nessa altura, porque Maria Cristina reclamava a presença de Lacerda.

Maria Cristina é a filhinha caçula do jornalista: tem três anos e não acompanhou os pais nessa viagem, ficando em companhia da avó e de outros familiares. Ela é quem reclama, também, a presença de todos, no dia de Natal.

O EMBARQUE

Às primeiras horas de sexta-feira, 15, a família Lacerda galgava a escada do «Vera Cruz», que teve outro de seus notáveis embarques. Se de hábito a partida do barco português constitui motivo de festa e aglomeração na Praça Mauá, desta vez o fato assumiu proporções maiores: não eram apenas portuguêses que iam levar o seu abraço aos compatriotas, mas portuguêses e brasileiros que desejavam boa viagem ao diretor da «Tribuna da Imprensa». O pessoal de bordo teve dificuldades enormes em fazer que os visitantes descessem: centenas de senhoras e cavalheiros rodeavam Lacerda, dêle arrancavam autógrafos, abraçavam-no e o crivavam de perguntas. O embaixador Antônio de Faria e senhora, lá estavam, porque no «Vera Cruz» também viajou um filho do casal ilustre. E o ministro Raul Fernandes permaneceu no cais até quando o transatlântico se afastou. Quando indagamos o motivo de sua presença, respondeu:

E disfarçando um sorriso:

— Bem... E para ver o navio, claro!

★

Enquanto a multidão envolvia Carlos Lacerda, encontrávamos, em um grupo à distância, a sra. Olga Lacerda, mãe do jornalista:

— Estou muito feliz. Meu filho precisava descansar. Que Deus o acompanhe... Embora venha a sentir saudades dêle, de Letícia e dos garotos... Mas pelo Natal todos estarão em casa.

Dona Letícia, espôsa de Lacerda, também arredada do grupo, que por desconhecê-la não a envolvia nas homenagens, despedia-se de pessoas amigas:

— Vamos ver se descansamos um pouco. Êle precisa — e nós também...

Difícil era reunir a família para o grupo costumeiro: sebastião (13 anos) e Sérgio (15) perdiam-se entre a multidão que exibia o emblema da lanterninha, cartões postais do «Vera Cruz» autografados por Lacerda e lenços brancos, para acenar do cais:

— Já vi a piscina — diz Sebastião. Se o tempo fôr camarada, vamos aproveitar bastante...

★

A saída do «Vera Cruz» sofreu, por todos êsses motivos, considerável atraso. Os últimos amigos e admiradores de Lacerda iam descendo a escada, com pouca (ou nenhuma) vontade de sair, enquanto, no cais, milhares de braços se erguiam, acenando lenços, bandeiras, troféus — e gritando o nome do jornalista.

Do «deck» inferior, Carlos Lacerda retribuía o entusiasmo popular com a sua fisionomia de homem que sabe controlar-se. Seu sorriso é discreto, parece medido. Seus olhos brilham por detrás das lentes.

A tarde vai descendo, o barco português vai se afastando, as últimas serpentinas cruzam ainda o espaço, mais lenços brancos, fisionomias alvoroçadas, gritos eufóricos:

— Lacerda... Lacerda... Lacerda...

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 44 ★ RIO DE JANEIRO ★ 30/10/54

SUMÁRIO

REPORTAGENS
Ainda há muitos Gregórios 3/ 8
Como se faz um filme em Hollywood 11/15
Um filme contra os americanos 20/21
Lúcio Rangel responde bem e depressa 22/23
A terra abriu-se em 2 metades 40/41
Vinte candidatos vencidos 44/46
Romaria da Saudade ao «Vera Cruz» 48/53
Anselmo e Ilka — Papai e Mamãe.. 55/57

LITERATURA
A Embaixatriz de Vênus (Adalgisa Nery) 9
Mármore e «Sôpa» (Raul Lima) 19
Na região dos Baobás (Lourdes Espíndola) 26/27
Maria (romance) 32/33

SEÇÕES
Puxe pelo Cérebro 16
Show 17
Flash Paulista 18
Cinema 25
Modelos 28/29
Femininas 34/35
Por êsse mundo de Deus 36/37
Literária 38
Palavras Cruzadas 42
Música 43
Astrologia 46
Champanhota 47
A semana acabou assim 54
Último Flash 58

HUMORISMO
O Riso dos Outros 24
Vida Difícil 30/31
Cuco 59

CAPA
MALA POWERS
(Kodacrome)

Redator Chefe .... Celestino Silveira
Paginação .... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Gratuliano Brito
Diretor .... Alberto Lima
Desenho .... J. M. Costa Júnior
Assistente de Publicidade .... S. L. Guimarães, A. Mendes,
Redatores e corretores .. S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.

A EMBAIXATRIZ DE VÊNUS

ESSA história de habitantes da Lua, no início tão curiosa, já está sem interêsse e muito explorada e como andamos bem fatigados do cotidiano do nosso mundo com as incompatibilidades de gênios das nações, as crueldades mentais exercidas pelas grandes potências, os atritos constantes com a nossa delicada amiga Standard Oil que deseja ficar com as nossas quatro gôtas de petróleo, com os amigos antigos que cortaram relações por causa das eleições Jânio x Ademar, com o «flat look» que é uma reprise de 1923 e sobretudo bastante cansados com tanta consciência tranqüila e sem jaça dos nossos homens públicos em contraste com a do pobre «Carne Sêca», único a declarar com dignidade e ombridade que a sua de tão gasta já não existe mais, ficamos deveras atraídos com a notícia do aparecimento de uma habitante de Vênus.

Chegou da estratosfera e pousou também num país de mentalidade estratosférica: Estados Unidos, numa cidade da Califórnia. Corpo de efebo, braços finos, joelhos feíssimos, pés à Greta Garbo, cabelos louros e escorridos, olhos cada um de uma côr, nariz grosso e bôca muito larga de desenho acaboclado. Testa imensa, tão imensa que denuncia evidentemente a sua origem esquisita. Tem um nome regularmente usado nas terras do generalíssimo Franco. Chama-se Dolores.

A venusiana Dolores apareceu displicentemente numa estrada da Flórida ao lado de dois compatriotas. Um parece descendente de S. Francisco de Assis. Pálido, com a bondade do universo no olhar, pescoço fino e usa óculos de aro de ouro, naturalmente importados. O outro é semelhante a uma fotografia de um membro da nossa Academia de Letras, aos puros e inocentes quatorze anos. Tem um ar medroso e delicado e parece guardar em ebulição versos e poemas sôbre as boninas e os lírios castos e alvos das campinas de Vênus. Um trio realmente estranhíssimo e curioso. Entretanto a figura central dêsses excursionistas é a mulher.

Estamos precisando de acontecimentos novos e de turistas diferentes daqueles que vêm espiar a nossa baíazinha de guanabara e cair desmaiado diante da beleza da mulher brasileira. Seria uma medida de grande patriotismo e teria uma larga repercussão internacional e de grandes resultados na vida interna do nosso país, se o Itamarati expedisse imediatamente ao govêrno de Vênus um convite para uma visita oficial dessas figuras, às nossas plagas já tão cansadas e indiferentes às mentiras sem beleza e fartas de turistas que vendem muito, nada compram e levam muita coisa de presente.

Seria um furo sensacional do Brasil quando a A. Press espalhasse pelos ares a notícia que o nosso govêrno está num clima de grandes relações políticas e de interêsses econômicos e comerciais com os povos venusianos. Grande banquete seria realizado na Casa de Rio Branco à primeira embaixatriz de Vênus que fala um idioma entre o chinês, o hebraico e o inglês. Haveria uma grande agitação e expectativa entre as mais elegantes brasileiras no afã de saberem como a venusiana estaria vestida. De luz? De nuvens? De madrugadas? Os homens escovariam os seus faceiros bigodinhos e iriam às livrarias procurar elementos que indicassem onde fica Vênus, a quantas milhas de distância, em que latitude e como é a vida noturna dessa maravilhosa região. A mapoteca do Itamarati ficaria atulhada de visitantes à procura de conhecimentos imediatos. Seria um rebolíço maior do que a eleição para presidente da República ou uma vitória de Zèzinho.

Quem sabe êsse intercâmbio maravilhoso não traria um novo panorama de progresso, de cultura e não traria um revigoramento no ânimo da nossa gente a ponto da crença ser devolvida ao seu verdadeiro lugar e cercada da sua fôrça natural? Até que Vênus se desgastasse com o correr do tempo e do corriqueiro, nós teríamos a prioridade dessa visita, ao menos essa, de acolher em solo tropical e ardente três habitantes de Vênus. Talvez os dois companheiros da embaixatriz nos deixassem um pouco da bondade e da ternura do seu olhar franciscano e nos declamassem grandes poemas sôbre as boninas e nos fizessem ver a real brancura dos lírios porque os nossos andam um pouco manchados. A representante da mulher de Vênus contaria numa entrevista na ABI dirigida pelo nosso Moses, às nossas dez mais elegantes, as últimas criações dos Dior, dos Fath e dos Balmais venusianos para a exigente sociedade feminina daquela região de luz e suavidade.

Com êsse intercâmbio amável e espetacular talvez conseguíssemos vender muito café, óleo de mamona, carnaúba, bananas, pedras semipreciosas e outras coisinhas que estão encalhadas aqui em casa. É claro que diante da violência das nossas exportações, surgiriam brigas e grupos interditando o nosso rumo à glória, mas para isso temos técnicos e políticos hábeis que resolveriam tôdas as questões.

A postos funcionários da nossa «Public Relations», apareceu um novo mercado de interêsses políticos, comerciais, culturais e sociais. Não deixem escapar essa magnífica oportunidade!

ADALGISA NERY

O SESI - ASSISTÊNCIA AO TRABALHADOR INDUSTRIAL NO BRASIL





SEMANA DA CRIANÇA EM SÃO PAULO

Atendendo às suas finalidades, emprestou o Departamento Regional do SESI decidida colaboração à Semana da Criança, levada a efeito em São Paulo de 10 a 17 de outubro último. Além de promover jogos e folguedos para mais de 2.500 petizes filhos de trabalhadores, aos quais propiciou visitas várias, de vivo interêsse para as cianças, fêz realizar uma série de conferências, entregues a reputadas autoridades, sôbre problemas do mundo infantil. Essas palestras provocaram o mais vivo interêsse, sendo acompanhadas por numerosa e atenta assistência. O clichê (à esquerda) focaliza aspectos das comemorações sesianas da Semana da Criança, vendo-se ao alto a distribuição de lanches aos 2.500 petizes participantes das festas, no estádio do Pacaembu; em baixo, flagrante dos folguedos. Anualmente comemora o SESI o «Dia da Pátria» com a concentração dos alunos dos seus cursos de corte e costura e orientação de leitura. Hoje esta festa já se reveste da maior expressão. O clichê (à direita) focaliza a solenidade dêste ano, que teve lugar no cinema Piratininga, à qual compareceu o governador Lucas Nogueira Garcez, que se vê ao alto ladeado pelos srs. Antônio Devisate, presidente da FIESP e Armando Arruda Pereira, diretor do Departamento Regional do SESI.

BREVE RELATO DAS ATIVIDADES NO PARQUE FABRIL PAULISTA

O trabalhador da indústria, no Brasil, dispõe, assim como sua família, da mais completa assistência em todos os setores, encarregando-se disso o Serviço Social da Indústria — SESI, entidade mantida exclusivamente pelos industriais brasileiros. O Serviço Social da Indústria, instituição única em seu gênero, foi idealizado e organizado por um grupo de dirigentes da indústria nacional, sendo criado pela Confederação da Indústria em 1946, autorizada por decreto do Govêrno Federal.

Suas principais características são: ser mantido por industriais, por contribuição proporcional às fôlhas de pagamento das indústrias; não ter caráter beneficente, cobrando ao trabalhador os serviços prestados, numa base, entretanto, que permite ao industriário utilizar-se sem restrições dêsses serviços. O SESI é entidade de caráter nacional, abrangendo todos os Estados da Federação. Como, porém, seu desenvolvimento é paralelo ao da indústria, em São Paulo, Estado mais industrializado, seus serviços assumem maior vulto, estendendo-se por todo o interior e bairros operários da Capital.

O Departamento Regional de São Paulo mantém, atualmente, Ambulatórios Médicos, Odontológicos, Hospitais, Postos de Puericultura, Serviço de Reabilitação Profissional, Serviços de Combate à Sífilis e à Tuberculose, Cozinhas para fornecimento de refeições a industriários, Postos para venda de gêneros, Cursos de Alfabetização, Instrução Básica e Complementar, Cursos de Orientação de Leitura, Bibliotecas Ambulantes, Cursos de Corte e Costura, Cursos de Formação Doméstica, Cursos de Divulgação Cultural, Centros Sociais, Escritórios Jurídicos, Postos de Serviço Social, Teatro Operário, Cinema, Clubes do Trabalhador, Grupos de Recreação Infantil e Serviço de Assistência aos Esportes. Os serviços educacionais e de assistência a esportes e recreação são inteiramente gratuitos. A sede central do Departamento Regional do SESI em São Paulo está localizada no Viaduto Dona Paulina, 80.

leon eliachar

(Prêmio Nobel da Crônica de Cinema)

apresenta:

COMO SE FAZ UM FILME

(Em Hollywood)

POLICIAL



O MORDOMO
Sempre suspeito.

● Primeira iniciativa: arranjar um mordomo, de monóculo, 4 empregadinhas, uma jornalista amadora, um repórter profissional, meia dúzia de suspeitos e um cadáver. Segunda iniciativa: três revólveres — um para o repórter, um para o detective, um para um dos suspeitos (se o mordomo quiser que apanhe o revólver do repórter quando êle estiver distraído, dá-se um jeito). Detalhe importante: um palito de fósforo (a pista do criminoso), uma lanterninha, (para quando apagarem a luz). O argumento pode não ser verossimil, mas deve ser engenhoso e quanto mais engenhoso menos verossimil. Um trêm deve passar de vez em quando no «subway», o criminoso deve refugiar-se no cais, e tôda vez que o suspeito passar pela janela da escada providenciar-se uma trovoada. No fim, o repórter profissional casa-se com a jornalista amadora, o detective prende o criminoso, o mordomo não tinha nada que ver com aquilo e muito antes de nós descobriu que o crime não compensa. Mas, um momentinho que o detective vai explicar como, quando e porque chegou à conclusão de que «aquêle» é que era o criminoso (é aí que entra o palito de fósforo). Mesmo assim, êle corria o risco de errar, mas aquela prova (o palito) era realmente irrefutável. E jamais o criminoso pensaria que um palito de fósforo o queimaria na cadeira elétrica.

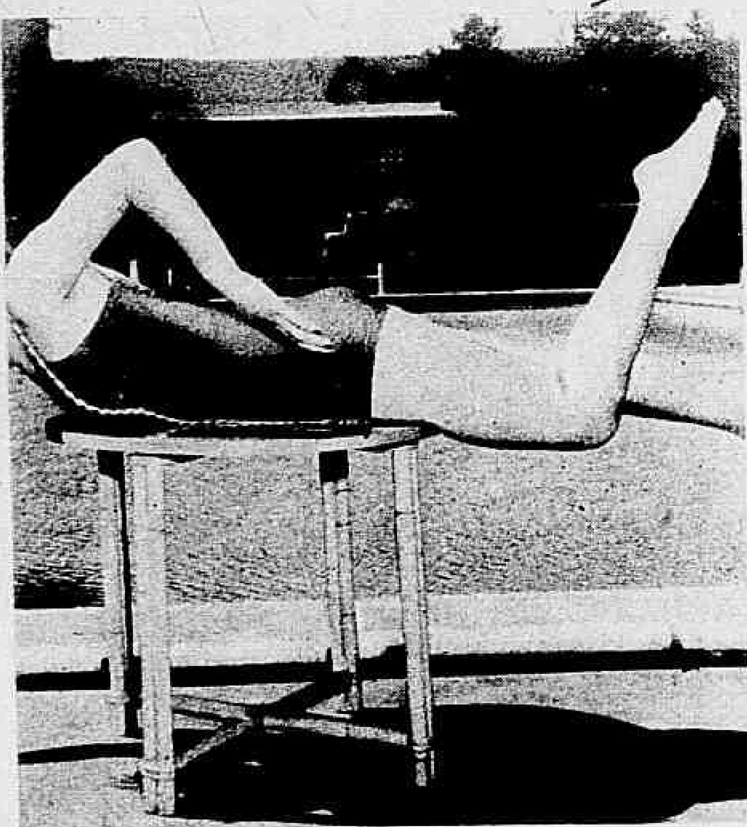
DE GANGSTER



O PÔQUER
Sempre interrompido.

● Quatro sujeitos estão jogando pôquer, uma loura lhes serve uísque. O maquilador se encarregará de lhes dar uma fisionomia de «bookmaker», capangas e assassinos profissionais. Resolvem procurar Joe, um sujeito que saiu da cadeia há 5 meses e que só êle sabe como assaltar o Banco. Será o último «serviço» da turma. Depois, riqueza, luxo, viagens e a loura. Problema: de quem será a loura? Fácil: do Joe. Mas Joe não quer mais assaltar, mudou de vida. Acaba sendo convencido a golpes de coronha e a sorrisos da loura. «Mas é a última vez», — afirma. No dia do assalto, um guàrda morre. Resolvem fugir. Roubam um carro, são perseguidos pelas estradas desertas, atravessam a ponte de Brooklyn e o resto se passa no asfalto de Nova York, entre os letreiros luminosos da Broadway. Joe é cercado a tiros, cambaleia, cai morto na sarjeta. A loura chega pouco antes da assistência, ouve as últimas palavras da vítima, chora em silêncio. Apóia a cabeça da vítima sôbre o seu braço, acende-lhe um cigarro (aqui se pode gastar dois «closes», um dêle, dando a primeira tragada, e outro dela, deixando escapar a primeira lágrima). Então êle balbucia que devia ter seguido o conselho dela, que não devia ter participado do assalto. Sua cabeça tomba no meio da frase. E' o fim.

AQUÁTICO



A POSIÇÃO
Sempre horizontal.

● De preferência, tudo se passa num hotel de veraneio, com piscina orquestrada e esteres williams. Oito maiôs para a «estrêla» são suficientes, e oito pequenas curvilíneas para mergulharem em primeiro plano é bom. Duas orquestras: uma de salão e uma de piscina. A de salão tocará de 15 em 15 minutos e a de piscina de 5 em 5, intercalada de sereias tecnicoloridas. O galã é magnata de uma indústria, sujeito rico que ninguém acredita ser tão jovem. A moça é pacata, tímida, mas com certas ambições aquáticas. Pode-se incluir outro par, um sujeito engraçado (para fazer funcionar o departamento humorístico do estúdio, afinal êle ganha para isso), e uma moça com vocação para cantora. Os incidentes são sempre os mesmos: correrias pelos corredores do hotel, atrapalhações na hora de servir a comida, gerentes neurastênicos mexendo com as bochechas, empurrões dentro dágua. As cenas de amor se passam durante a noite (refletores suaves, com luz filtrada por celofane azul) e as briguinhas, durante o dia. Um «ballet» aquático no final com orquestra invisível. Quando o mocinho volta pra casa (com a mocinha) está chovendo mas êle arranja logo um táxi e dá uma boa gorjeta ao porteiro do hotel. E a história? Bolas, vocês acham que ainda dá tempo?

BIOGRÁFICO



O ROMANCE
Sempre esquecido.

● Escolhe-se uma pessoa célebre; um estadista, um pintor, um cientista, um inventor, qualquer coisa serve. Porque o que interessa mesmo é a história de amor que a gente vai inventar para êle. Consulta-se livros a respeito de sua obra e de sua vida. Principalmente de sua vida, porque sua obra muita gente já conhece. Lê-se tudo com calma, assinala-se trechos interessantes. Bolas, mas o cara não amou. Não tem importância, dá-se um jeito: departamento de «love story» e «happy-end» em ação. Corta-se uma porção de coisas, encaixa-se outras tantas e «just like that»: está tudo resolvido. Um galã bonito poderia fazer o Paganini ou o Chopin e há sempre uma mulher bonita em Hollywood capaz de entrar na vida de qualquer celebridade. Chama-se a isso, o «toque de bilheteria», dar ao público o que o público quer. Pincela-se tudo com as côres de Natalie Kalmus, cria-se uma «atmosfera», reproduz-se a época ali mesmo naquele canto de estúdio, veste-se os atores a caráter, e pronto. Se a pessoa focalizada já era célebre ficará mais ainda. Grande sujeito, você viu como êle brigava bem? Nota importante: os telefones não precisam ser trocados, e os isqueiros podem ser usados, quanto a rua pode-se usar mesmo aquela do filme anterior.

MUSICAL

O TESTE
Sempre aprovado.

● O «show» tem de ser feito de qualquer maneira. Não há dinheiro, é verdade, mas se o capitalista ver o talento da voz do mocinho, o talento da agilidade do bailarino e o talento das pernas da mocinha, está tudo resolvido. Então, passemos ràpidamente aos ensaios. Em qualquer lugar mesmo serve. Um bom coreógrafo resolve qualquer falta de espaço. Uma dupla de compositores famosos — ou mesmo sem fama — traça as pautas e larga as notas no papel. O resto depende do maestro. Mas, e o fio do romance que serve de pretexto para apresentar os numeros? Tôda vez que o mocinho brica, canta; tôda vez que a mocinha muda de roupa, canta; tôda vez que o mocinho faz as pazes, canta; e tôda vez que a mocinha aceita suas desculpas, também canta. Para não quebrar o ritmo. «The show must go on» — e finalmente chega o dia da estréia. Corte rápido! Oklahoma, pernas, Kansar, pernas, Ohio, pernas, Texas, pernas, Massassuchets, pernas, Nova York! Trem desaparece; ficam as pernas. Todo mundo nervoso, atrás das cortinas, beijinhos de lado a lado, cantorias, pernas, pano. A cortina abre-se, estão todos se beijando enquanto o capitalista esfrega as mãos. Está na cara que êle vai pegar aquela loura. Não disse?. E ainda anuncia o seu noivado para a platéia.

DE TARZAN

O AMOR
Sempre vigiado.

● Tambores. Ramagens. Pés de exploradores. Um cipó atravessa a tela em diagonal, com um homem pendurado na ponta fazendo :«a-a-a-a-aaaaa!!!» Salta em cima de um leão, briga ferozmente com êle, rola por cima de fôlhas sêcas, puxa de uma faca e decide rasgá-lo de alto a baixo. Põe a mão na bôca, grita de novo. Os exploradores param sùbitamente, abismados, um dêles puxa um rifle, a moça impede-o de atirar. Os exploradores armam acampamento, o homem de tanga pega o cipó das 5.15 e vai embora. À noite a moça sai para dar uma volta, fala com o homem de tanga. Começa assim: «mim Jane, you Tarzan» e acabam falando corretamente o inglês. Tomam banho num rio, dão gargalhadas selvagens, brincam com o macaquinho que dá cambalhotas sob qualquer pretexto, chegam à colina misteriosa onde apanham o tesouro escondido na caverna. Os elefantes formam parada de 7 de setembro, seguidos do pelotão de macaquinhos. Mas a expedição tem de partir, a moça resolve ficar, e constroem o seu ninho em cima de uma árvore para o próximo filme: «O Filho do Filho das Selvas». Mas antes de acabar a fita, Tarzan exclama, vitorioso: «a-a-a-a-a-a-a-aaaaaa!!!» E acrescenta: «a-a-a-a-a-a-aaaaaaaaaaaa!!!!»





LEIAM

O LIVRO-REVISTA:

VIDA E MORTE

Escrito por ELVIRA PAGÃ

Fartamente ilustrado com fotos sensacionais e autografado para você pela autora. REMESSAS RAPIDAS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL POR VIA AÉREA REGISTRADA. Sem aumento. Cr$ 60,00. Só atendemos pelo sistema de vale postal. Faça o seu pedido hoje mesmo para OMER PRIMON. CAIXA POSTAL 339. COPACABANA. RIO, D. F.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE......................

ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

RESPOSTAS: — 1 — Na África; 2 — Em 1575; 3 — Fisiologista; 4 — Em Londres; 5 — Na de Pharsalia; 6 — Santo Antônio; 7 — Um rio; 8 — Em Alcobaça; 9 — Senhor de terras; 10 — Sthendal; 11 — Em 1616; 12 — Baco; 13 — Lagarto; 14 — Em 1821; 15 — Na Itália.

LEIAM

A

CENA

MUDA

PREÇO: Cr$ 4,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO



suíço
e famoso no mundo inteiro

RADO

o relógio de confiança.

17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Em que parte do mundo venera-se a serpente como divindade:**

— Na Ásia?
— Na Europa?
— Na África?

2 **Em que ano se deu o nome de baioneta às armas de lâmina comprida:**

— Em 1200?
— Em 1575?
— Em 1820?

3 **Quem foi Alberto Haller:**

— Poeta?
— Músico?
— Fisiologista?

4 **Onde fica situada a abadia de Westminster:**

— Em Londres?
— Em Paris?
— Em Nova Iorque?

5 **Em que batalha Brutus foi derrotado:**

— Na de Mons?
— Na da Pharsalia?
— Na da Nicéia?

6 **Qual é o único santo considerado militar:**

— São Joaquim?
— São Thomaz?
— Santo Antônio?

7 **Segundo a mitologia, que significa o Lethes:**

— Um rio?
— Um lago?
— Um golfo?

8 **Onde se acha o túmulo de Inês de Castro:**

— Em Santarém?
— Em Alcobaça?
— Em Viana do Castelo?

9 **Que quer dizer a palavra «landgrave»:**

— Poeta?
— Menestrel?
— Senhor de terras?

10 **Qual era o pseudônimo usado pelo escritor Beyle:**

— Lamartine?
— Sthendal?
— Vigny?

11 **Em que ano morreu Cervantes:**

— Em 1800?
— Em 1616?
— Em 1504?

12 **Sileno era companheiro de:**

— Júpiter?
— Juno?
— Baco?

13 **Que espécie de animal é o conhecido pelo nome de iguana:**

— Serpente?
— Ave?
— Lagarto?

14 **Em que ano morreu Napoleão Bonaparte:**

— Em 1821?
— Em 1615?
— Em 1840?

15 **Em que país se encontram os Apeninos:**

— Na França?
— Na Alemanha?
— Na Itália?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW

AQUI AINDA NÃO EXISTE

PAULO SOLEDADE

● Quando inventaram empresários de artistas, êsses indivíduos que orientam, aconselham as condições de negócios, selecionam repertório, indicam os lugares onde os artistas devem se apresentar por um preço maior ou menor, distribuem publicidade e até inventam histórias para tornarem os seus contratados mais conhecidos, não foi à-toa. Todos êsses detalhes são importantíssimos para o sucesso do artista. O diretor comercial e artístico de um cantor é elemento de grande valia e raro de se encontrar um que atenda às necessidades de cada caso isoladamente. Temos tido exemplos dos americanos cujos diretores de agências criam ídolos do dia para a noite e com a mesma facilidade os derrubam. Em nenhum país com pequeno adiantamento no setor artístico o contratante pode entrar em contato direto com o contratado. Há sempre o intermediário que está em condições de tirar melhor partido para o seu representado. A explicação para êsse fato é que nem todos os artistas sabem se conduzir convenientemente do ponto de vista comercial e até ignoram suas verdadeiras possibilidades no setor que abraçaram. Observando nossos artistas vemos que muitos deixam a desejar pela falta de uma melhor orientação. Uns exibem-se em lugares que depõem contra a sua condição intelectual, outros sujeitam-se às exigências dos donos dos teatros e buates, homens que visam exclusivamente o lucro imediato e não se interessam pelos prejuízos a que determinadas condições de apresentação do artista possam acarretar no futuro do mesmo. Há também aquêles que em busca do chamado sucesso descem tanto para alcançar o grande público que não conseguem se reabilitar mais. Raro é assistir-se a um artista seguro na sua maneira de se conduzir. Uma vez ouvi no «Vogue» Renée Lamy cantando um repertório que não estava agradando. Era a primeira vez que a moça saía de Paris. Procurei auxiliá-la aconselhando-a determinadas músicas. Irritadíssima respondeu-me que cada um queria que ela cantasse um número diferente e ela não poderia satisfazer a todos. Estava desorientada. Não fêz sucesso e havia ganho naquele ano o «Grand Prix da chanson française». Outra vez assisti no «Casablanca» a duas bailarinas que tinham boa escola se apresentarem cada uma com um clarim na bôca, fazendo de «girl». Uma delas meses depois estava fazendo desfile de «bikini» e já não havia mais respeito pelo seu talento. Nesta mesma casa assisti o produtor solicitar de Dorival Caymmi que entrasse com um chapéu de cozinheiro e uma colher de pau na mão para cantar o sucesso «Quem quiser vatapá». Felizmente Caymmi é dos artistas que não transigem. No «Copacabana», Dick Farney, êsse excelente músico e ótimo cantor, foi colocado no «Meia-noite» como se fôsse um conjunto orquestral qualquer, sabendo-se que em Montevidéu é o artista de maior público que nós temos, e que poucos cantores nossos estão em condições de fazer um «night-club» o sucesso de Dick Farney. Atualmente se apresenta no «Vogue» uma cantora brasileira que estêve nos EE. UU. dez anos. Com uma voz excepcional e personalidade que a coloca no plano das atrações internacionais. Canta «Aquarela do Brasil», que não chega a ser novidade para o público daquela casa e «Lá vai o meu trolinho», um sucesso de Ari Barroso para o carnaval de anos atrás. Não está fazendo o sucesso que poderia conseguir. E por muito tempo ainda veremos dêsses erros nos nossos teatros e buates. Pelo menos enquanto não houver no Brasil o chamado diretor artístico e comercial que evitará seja o seu representado colocado de qualquer maneira nos palcos desta linda cidade.

Elizete Cardoso está fazendo muito sucesso em Montevidéu. Sabedor da falta que faz para um artista o apoio no estrangeiro, a Continental (discos) enviou um de seus diretores (Paulo Crespo) para prestar assistência à melhor cantora de buates que temos no momento. Depois de suas apresentações (não era conhecida lá) tomou conta da cidade e segundo notícias recebidas recentemente, há grande curiosidade por parte da sociedade de Montevidéu de conhecê-la pessoalmente, razão pela qual vem sendo solicitada tôdas as noites para tomar parte em reuniões nas casas do pessoal importante de lá. Um sucesso merecido de uma grande artista.

Ninguém imagina o quanto é difícil conseguir-se montar uma casa de diversões noturnas que tenha o que o francês chama de «ambience». Essa personalidade especial que determinados lugares possuem sem que se possa precisar exatamenete a razão do seu agrado. Uns buscam justificativa no «maitre» que é muito atencioso. Outros na cozinha que é de muito bom paladar. Há quem julgue ser a boa música o motivo da atração do público para êsses lugares. Enfim, cada qual busca uma justificativa. Não resta dúvida que todos êsses detalhes tão importantes, a própria iluminação tem muita responsabilidade nas casas noturnas. Mas o sucesso mesmo, êsse ninguém sabe onde está. Não há dinheiro que faça de uma casa um ponto de reunião preferido pelos que se divertem à noite. Essas casas acontecem como acontece com tudo que é fruto de uma concepção e uma realização num momento feliz, e que tem a aceitação geral.



ISAURINHA GARCIA e INESITA CARDOSO — Isaurinha tem um noivo que faz as vêzes de diretor comercial e o marido de Inesita é advogado. Trata-se de duas artistas muito bem amparadas por seus diretores.

«Folies Bergère» não conseguiu impressionar bem no Rio. As moças eram mais feias do que as que a gente está habituado a ver nas noites cariocas. A peça, impossibilitada de apresentar humorismo falado (porque seria em francês), não manteve o ritmo desejado. O guarda-roupa já vínhamos vendo em apresentações nossas. O preço elevado demais para quem não vai ver novidade. Mas há muito de teatro no que êle apresentou. Muito boa luz, e em determinados quadros sente-se o que êles são capazes de fazer quando têm vontade e não subestimam as platéias sul-americanas. O que não agradou mesmo foi a falta de respeito do elenco para com o público, trabalhando displicentemente, dando a impressão de que estavam fazendo uma grande coisa e que nós é que não entendíamos. Os aplausos foram fracos, êles saíram para fazer sucesso. Essa surprêsa talvez tenha tirado o entusiasmo daquela gante. E ficou pior o espetáculo quando Xenia Monty deixou de procurar agradar para fazer brincadeiras que foram imitadas pelo resto dos artistas. Falta de respeito pelo público e pelo nome do tradicional «Folies Bergère» de quem se esperava muito mais.

Grande Otelo foi chamado à atenção num ensaio do «Casablanca» quando não quis fazer papel mais ridículo dançando um «Charleston» num «short» que deveria ser apresentado como «trailer» do próximo «show», numa festa de caridade que a sra. Paulo Sampaio (Panair) organizou. Depois de repreendido, Otelo, que há muito tempo é um artista de conduta excepcional, deve ter pensado que não vale a pena a gente se modificar, pois na hora de uma demonstração de fôrça por parte do diretor diante mais de vinte pessoas, foi o escolhido injustamente. Quando amanhã êsse grande artista resolver tirar a forra, ninguém quererá entender quanta razão êle tem para isso.



DORIVAL CAYMMI — Não aceitou colocar o chapéu de cozinheiro para cantar «Vatapá» e fêz muito bem porque nunca precisou dêstes recursos para alcançar sucesso.

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

Ouça as melhores cantoras do Brasil exclusivas da

RÁDIO RECORD

• ARACI DE ALMEIDA
• CARMÉLIA ALVES
• ELIZETTE CARDOSO
• ELSA LARANJEIRA
• ESTER DE SOUSA
• INEZITA BARROSO
• ISAURA GARCIA
• NEIDE FRAGA

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

Hélio Abreu



Dior — Bonfiglioli — Jafet

● **JANIO E A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA** — Entrevistado por um repórter de TV, declarou o sr. Jânio Quadros que sòmente se candidatará à Presidência da República se o sr. Ademar de Barros apresentar-se candidato. Como é público e notório o chefe do PSP não esconde o seu propósito de chegar ao Catete. Assim, teremos pois, a menos que algo aconteça capaz de alterar o previsto, Jânio e Ademar medindo fôrças em futuro próximo.

● **EUCLIDES VIEIRA NÃO VOLTARÁ AO SENADO** — Derrotado que foi pelo sr. Auro Moura Andrade, não retornará ao Senado o sr. Euclides Vieira. O PSP continuará, entretanto, de posse de uma cadeira no Monroe, na pessoa do sr. Lino de Matos.

● **O TRIBUNAL ELEITORAL DE SÃO PAULO** desempenhou bem sua missão. Com grande eficiência e elevado critério aquela alta côrte da justiça eleitoral levou a bom têrmo suas responsabilidades.

● **ALGUNS CANDIDATOS GASTARAM MILHÕES** (e muitos não se elegeram). Êstes, porém, foram eleitos pela vontade popular: Herbert Levy, Castilho Cabral, Luís Roberto Vidigal, Mário Eugênio, Ivete Vargas e Porfírio da Paz. D. Ivete valeu-se, é verdade, da sombra do ilustre tio, mas o certo é que conseguiu apreciável votação sem dispender um cruzeiro, sem contar aquêles que gastou com cédulas e cartazes.

● **O VOTO SECRETO DE JAFET** — Ninguém sabe (ao certo) em quem votou o sr. Ricardo Jafet. Falam que sufragou Ademar, outros dizem que preferiu Jânio. A verdade (que nem o sr. Waibo Chamma pode esclarecer) é que Jafet é eleitor esclarecido e deve ter escolhido o melhor, isto é, Prestes Maia...

● **ENCONTRA-SE EM BUENOS AIRES** o escritor e industrial Marcos Gasparian. A viagem do conhecido homem de negócios ao Prata se prende exclusivamente a um merecido repouso. Marcos Gasparian presidiu o Rotary Club de São Paulo até bem pouco tempo.

● **NINGUÉM QUER NADA COM DIOR** — Anda mal o antigo ditador da moda Cristian Dior. A mulher brasileira nada quer com êle e, em São Paulo, mandou às favas a sua última «invenção» que lembra de perto o ano de 1922.

● **O COMENDADOR ALBERTO BONFIGLIOLI** foi agraciado pelo Papa, recebendo uma das mais importantes distinções do Vaticano.

● **O SR. JOSÉ FERRAZ DE CAMARGO** (um dos líderes do negócio açucareiro de São Paulo) tem envidado ingentes esforços no sentido de não permitir a alta do preço do produto.

● **AO CONTRÁRIO DO QUE SE NOTICIOU**, o sr. Emílio Carlos não ganhou ainda as 47 gravatas que apostou com diversas pessoas, na vitória de Jânio Quadros. O fato (agora descobriu-se) é que o deputado petenista apostou em Jânio apenas 17 gravatas (das quais 5 borboletas) e 15 em Prestes Maia e Ademar, respectivamente.



MÁRMORE E "SOPA"

RAUL LIMA

Desenho de MARIA TEREZA

O PRESIDENTE da República recebeu no Catete, sem veto nem sanção, alguns projetos de lei aprovados pelo Congresso, os quais promulgou, de acôrdo com a Constituição. Entre êles estavam dois que interessam ao Nordeste: o que concede isenção de impostos e taxas aduaneiras para 22 toneladas de mármore de Carrara destinadas à Basílica da Penha, no Recife, e outro que concede isenção semelhante para um micro-ônibus rural destinado às missões franciscanas nas Alagoas.

Comenta-se, a propósito, que o exame dos projetos que o Presidente da República se abstém de sancionar permitirá fazer-se um estudo das idiosincrasias, das reações em face de determinados assuntos. Não sendo, naturalmente, por indolência que deixa de apor a assinatura que transforma em leis os projetos que o legislativo aprova, essa omissão, embora sem conseqüências, pois a promulgação é determinada pela Constituição ao substituto, significa evidente reserva mental, ponto de vista contrário.

Para a Basílica da Penha o Presidente, que não é homem de fé, certamente acha que o mármore italiano é demasiado luxo. Os franciscanos das Alagoas são talvez considerados mais ricos do que tanto importador de automóveis e caminhões que obteve dólar barato e ganhou fortunas; deveriam os bons frades pagar os impostos e taxas à Alfândega ou andar mesmo a pé nos vales e serras das Alagoas como São Francisco naquelas verdes terras da Umbria onde, no ano passado, a caminho de Florença, me senti transportado à Idade Média. De qualquer modo, as leis estão promulgadas, o mármore da Basílica e a «sopa» das Missões serão entregues isentos de direitos.

O SUCESSO DE VENEZA

UM FILME CONTRA OS AMERICANOS

MARLON BRANDO ABALA A EUROPA. ★ JULGAMENTO DA OBRA FAMOSA DE ELIA KAZAN. ★ UM FILME DE VIOLÊNCIA E IMPRESSIONANTE REALISMO. ★ BATIDO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE VENEZA.



Eis Marlon Brando, o ator mais discutido da atualidade. Desequilibrado dos nervos, sempre assistido por psiquiatras, consegue êle arrebatar o seu enorme público com seu talento.

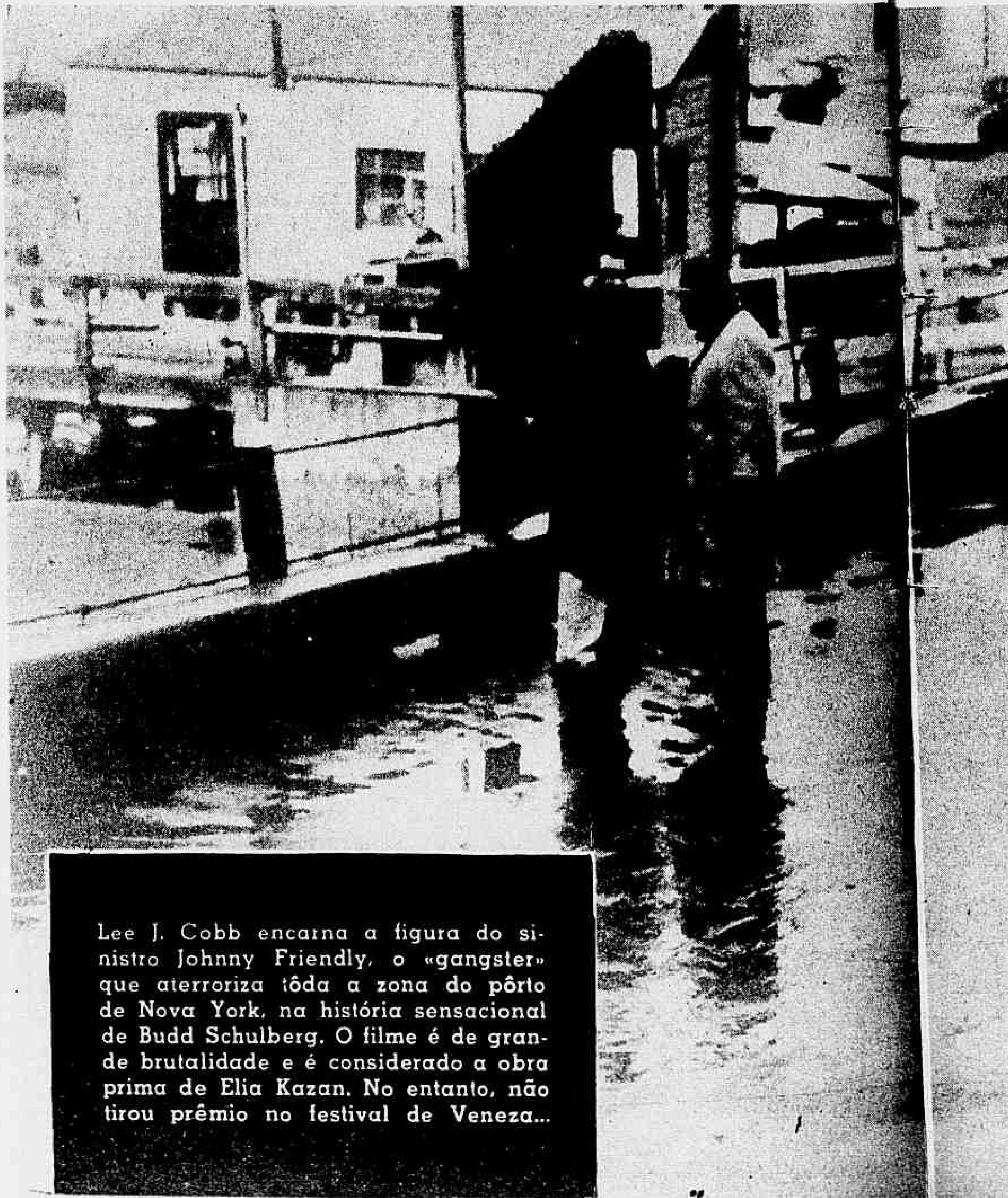
MARLON Brando, que muitos citam como o melhor ator de cinema de hoje, é também conhecido como um dos mais temperamentais. Não há muito, logo após sua extraordinária performance em «O Selvagem», recolheu-se a uma casa de saúde com os nervos sèriamente abalados. Elia Kazan, o extraordinário realizador de «Pinkie», já pressentira as excepcionais qualidades de Brando quando levara a efeito a peça de Tenessee Williams no cinema, «A street-car named desire». Sua companheira neste filme era Vivien Leigh, e mesmo assim, por um esfôrço prodigioso, o papel de Brando em nada se obscureceu com a presença da famosa mulher de Lawrence Oliver. Agora, desejando de novo seguir na sua trilha ríspida e sem concessões, Elia Kazan recorreu a Budd Schulberg, o famoso autor de «The desinchanted», para escrever o argumento de sua nova produção. O caso dos irmãos Anastásia, conforme já focalizamos numa reportagem anterior, estava a calhar para um filme dentro dos moldes de Kazan, e Schulberg, com aquêle talento e aquela crueza que o mundo inteiro lhe reconhece, não hesitou em apoderar-se dêsse drama do cais de Nova York, introduzindo-o como um veículo adequado para Marlon Brando.

«On the waterfront» não explora senão a mesma paisagem utilizada no filme mudo.

Seu entrecho é completamente diferente, tombando para o lado da luta entre um «gangster» todo poderoso, uma espécie de «Scarface» do cais, para reaver o poderio sôbre os trabalhadores das docas. Quem o enfrenta, numa luta sem trégua, é Marlon Brando. Elia Kazan, como é de se esperar, apresentou seu filme, cheio de orgulho, no recente festival de Veneza. Pode-se dizer que provocou todo um conflito. Inicialmente, enquanto os prêmios eram distribuídos, numa flagrante arbitrariedade, e quase que exclusivamente a artistas da Europa, a assistência, de pé, aplaudia e gritava entusiàsticamente o nome de Marlon Brando. Em nenhum festival de cinema ainda havia se registrado um tão impressionante fenômeno, e fôrça é confessar, que tudo se deve exclusivamente ao esfôrço do jovem ator, que superou, segundo a crítica, tudo quanto fêz até agora, inclusive sua famosa criação de Marco Antônio em «Júlio César». Nenhum prêmio foi outorgado a Marlon Brando no entanto — mas nem por isto o filme deixou de sair vitorioso, cotado como o mais famoso, o mais realista, o mais brutal dêstes últimos tempos.

Exatamente porque retrata uma fase da gigantesca luta contra o banditismo nos Estados Unidos — e isto é mostrado sem complascência — «On The Waterfront» foi imediatamente considerado uma produção antiamericana. A aura do escândalo começou a perseguir o filme — e desde hoje, não há jornal que cite o filme de Elia Kazan sem considerá-lo uma coisa triste e impiedosa, algo que os americanos deviam proibir que saísse para o estrangeiro, de tal modo choca a violência de suas cenas, e é destrutor o espírito que o anima, iluminando até os últimos recantos, um dos piores males disto a que o mundo chama de civilização ianque.

No cruel filme de Elia Kazan, as docas de Nova York, que outrora forneceram motivo para um filme célebre de George Brancroft e Betty Compson, servem de cenário. Eis um momento de «suspense», no qual Marlon dança com Eva Marie Saint, seguindo o belo roteiro da obra de Schulberg.



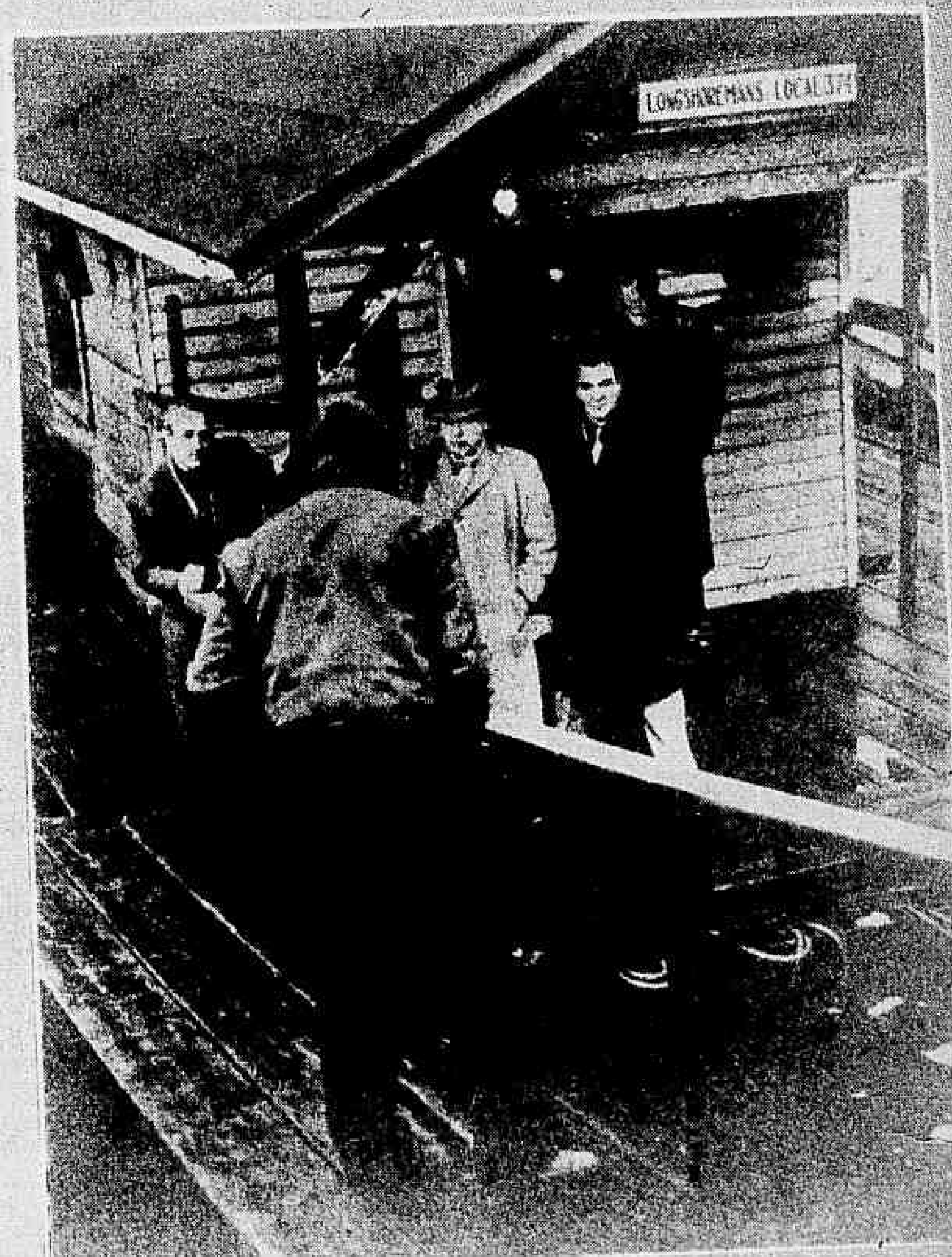
Lee J. Cobb encarna a figura do sinistro Johnny Friendly, o «gangster» que aterroriza tôda a zona do pôrto de Nova York, na história sensacional de Budd Schulberg. O filme é de grande brutalidade e é considerado a obra prima de Elia Kazan. No entanto, não tirou prêmio no festival de Veneza...



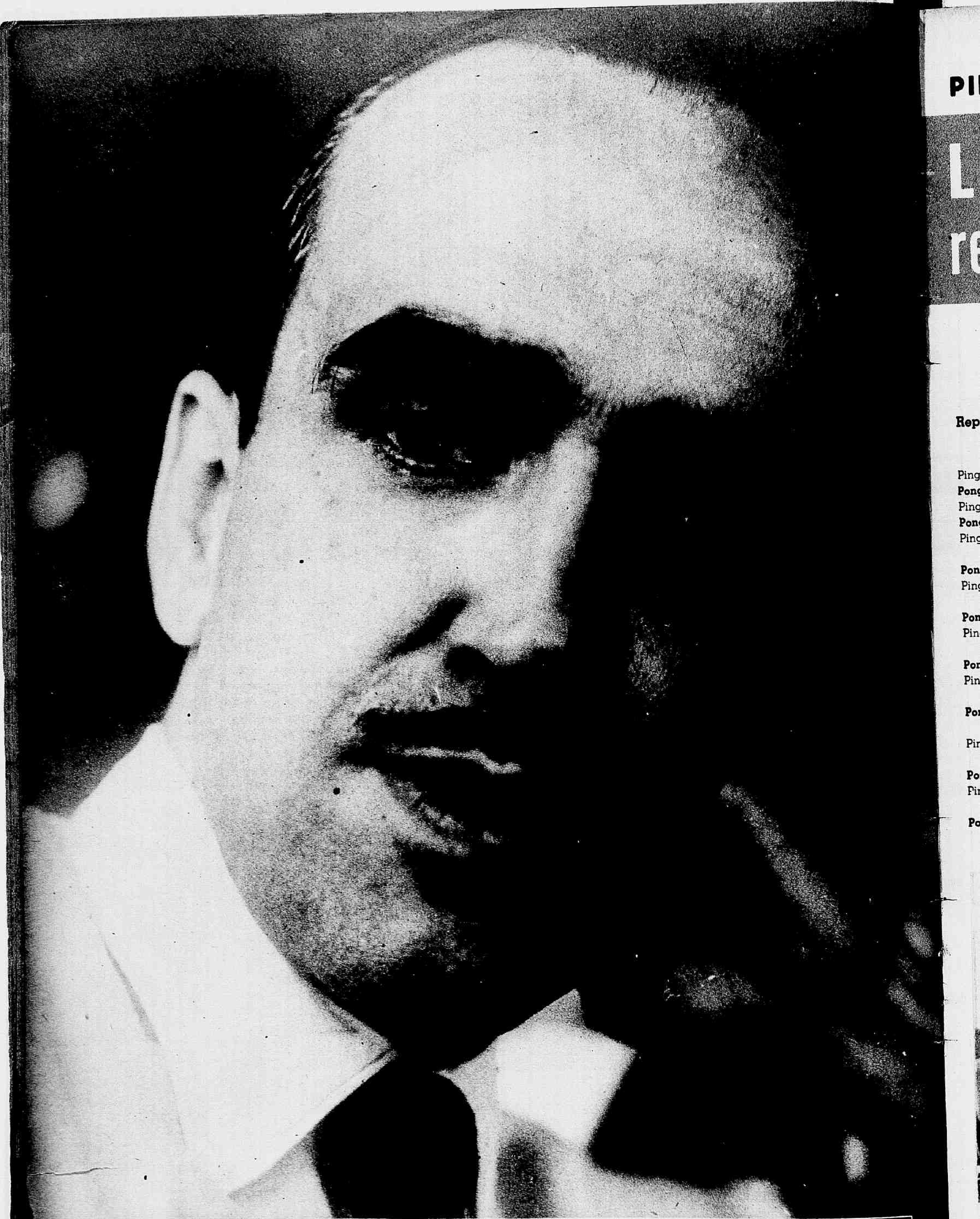


Aqui está a revelação feminina do filme, Eva Marie Saint, até agora inteiramente desconhecida e que de repente, por simples determinação pessoal, alcança o estrelato. Sua vigorosa interpretação acompanha de perto a genial «performance» de Marlon Brando, diz a crítica.





Eis o momento capital do filme: Marlon Brando enfrenta o terrível «gangster». Na cena, vêem-se ainda Tony Galento, Mami Mauriello e Abe Simon. O filme é de grande simplicidade e contado com fôrça impressionante, de onde apareceu o sucesso livre no Festival de Veneza.



● Lúcio do Nascimento Rangel (40 anos há pouco comemorados) é a maior autoridade em música popular brasileira. Amigo de Noel Rosa, admirador incondicional de tôda a velha guarda do samba, tem certa prevenção com a música popular de hoje que acha comercializada e cheia de influências estrangeiras. Mas além de samba e sambista Lúcio interessou-se sempre por literatura e pelos amigos.

Viveu intensamente os tempos «um pouco menos difíceis», quando freqüentemente podia ser visto num bar da Lapa ou numa Escola de Samba, com Mário de Andrade, Ismael Silva, Paulo da Portela e Mário Cabral, indo ver e sentir o samba no seu «habitat». Hoje, embora o seu modo de vida tenha mudado, continua fiel aos seus amigos vivos e aos seus sambistas mortos. Fernando Lôbo deu-lhe um apelido radiofônico que pegou: «meu bom Lúcio», e é assim que o chamam os amigos.

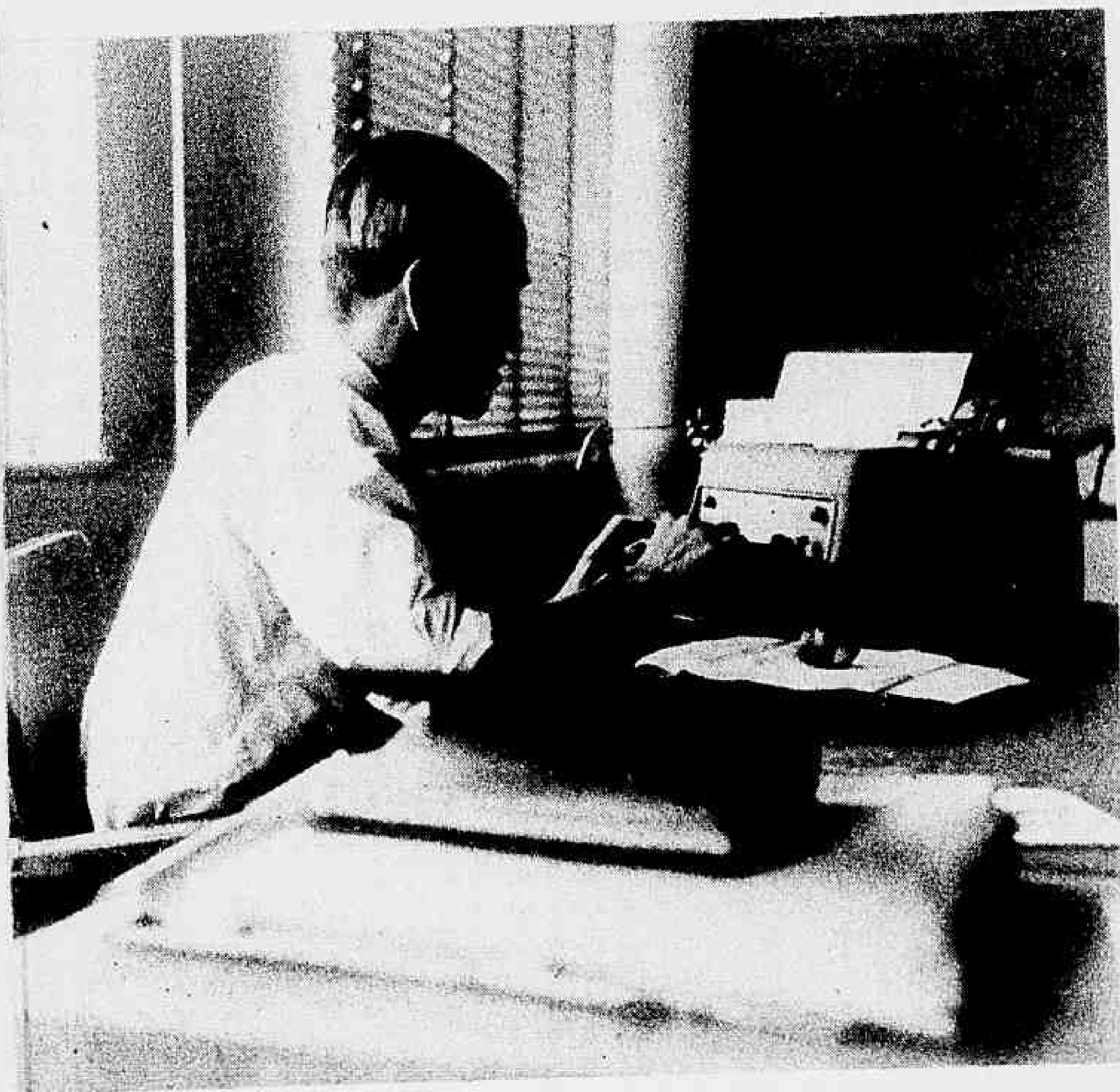
LÚCIO RANGEL responde bem e depressa



CULTIVA AMIGOS E MÚSICA POPULAR (A BOA) E CONHECE, MAS NÃO EVITA, OS PECADOS MORTAIS.

Reportagem de **FLÁVIO DE AQUINO** Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

Ping — Qual a sua verdadeira vocação?
Pong — Ser Jorge Guinle.
Ping — Que é preciso para se ser sambista?
Pong — Não ouvir rádio.
Ping — Quais os instrumentos que não devem entrar num samba?
Pong — A clarineta do Zacarias.
Ping — O samba de ontem é melhor que o de hoje?
Pong — Pergunte aos netos do Donga.
Ping — Se Sinhô fôsse vivo qual o samba que êle hoje poderia assinar?
Pong — Qualquer um de Cartola.
Ping — Quais as virtudes que deve ter um amigo?
Pong — Precisar que a gente pague um uísque para êle.
Ping — Qual a virtude que não deve ter um inimigo?
Pong — Colt calibre 42 de carga dupla.
Ping — Se você fôsse Presidente da República qual seria seu primeiro ato?
Pong — Nomear Prudente de Morais Neto prefeito do Distrito Federal.
Ping — «Bebida, mulher e orgia» é um bom lema?
Pong — E' nome de barco.
Ping — Quais são os sete pecados capitais?
Pong — Bebida, mulher e orgia.
Ping — Que é preciso para se viver solitário?
Pong — Prudência e capitalização.
Ping — Que acha do uísque falsificado?
Pong — Melhor que nenhum.
Ping — Que acha do Brasil de hoje?
Pong — Prefiro o de amanhã.
Ping — Qual o pior tipo de chato?
Pong — O erudito.
Ping — Qual o melhor?
Pong — O discreto.
Ping — Qual o maior brasileiro morto?
Pong — Mário de Andrade.
Ping — Classifique a sua preferência: amigo, arte, música, literatura, bebida.
Pong — Primeiro, Otávio Tirso; segundo, não quero ir outra vez à França.
Ping — Quais os fantasmas que mais lhe aparecem?
Pong — King Oliver, Noel Rosa e José Auto.
Ping — Qual o livro que mais o comoveu?
Pong — Não foi nenhum do Jorge Amado.
Ping — Qual o de que mais gostou?
Pong — O de cheque.
Ping — Qual o melhor livro que detestou e o pior de que gostou?
Pong — Proust inteiro e «Arsène Lupin contra Sherlock Holmes».
Ping — Qual a melhor maneira de se ganhar a vida?
Pong — Jorge Guinle, outra vez.
Ping — Qual a mais fácil?
Pong — Jorge Guinle, no placê.
Ping — Para você, o que é um louco?
Pong — Paulo Mendes Campos.
Ping — Você está velho?
Pong — Ora, ora, ora...
Ping — O que lhe reserva o futuro?
Pong — Meu futuro está entregue nas mãos de Válter Quadros.
Ping — Diga alguma coisa para terminar.
Pong — Fim.



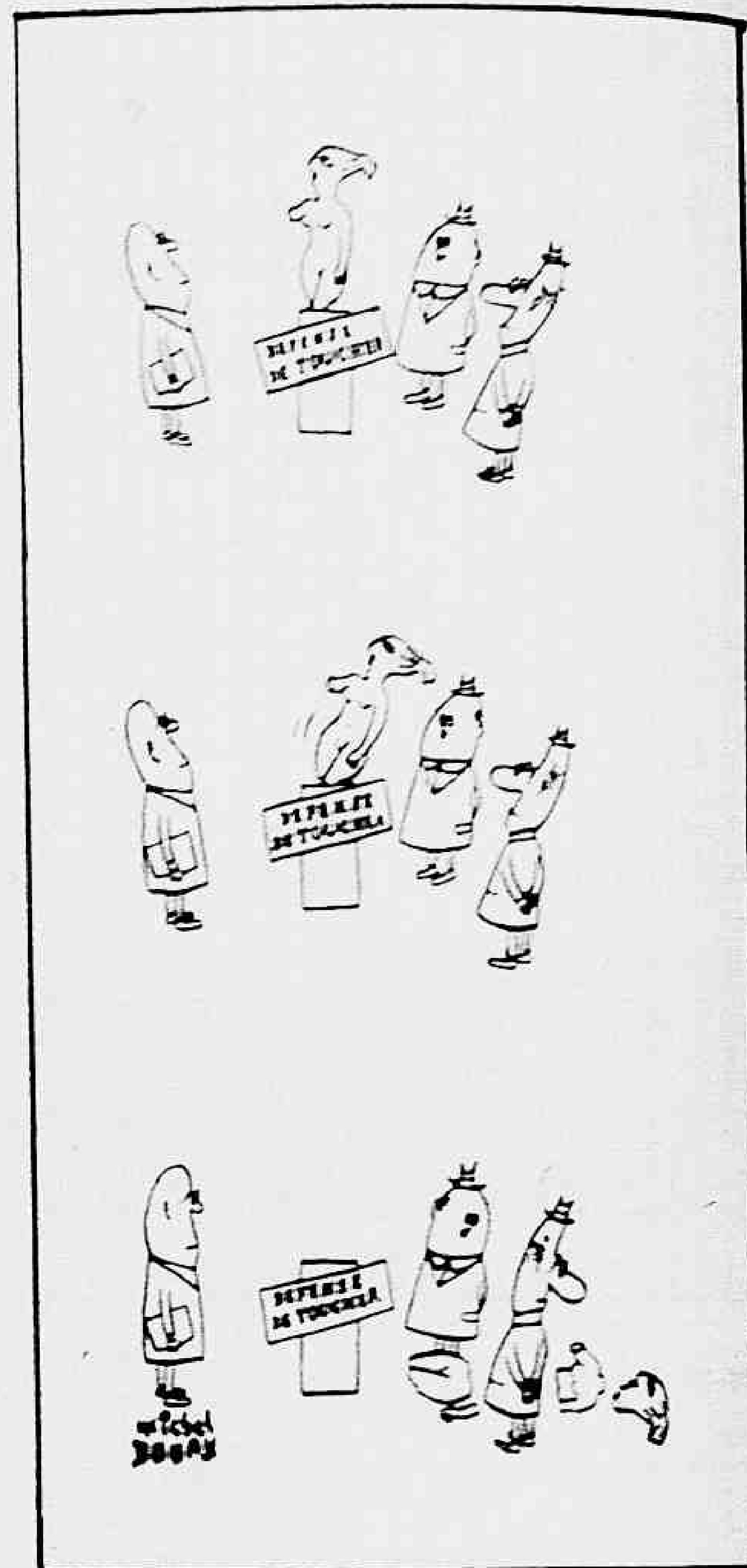


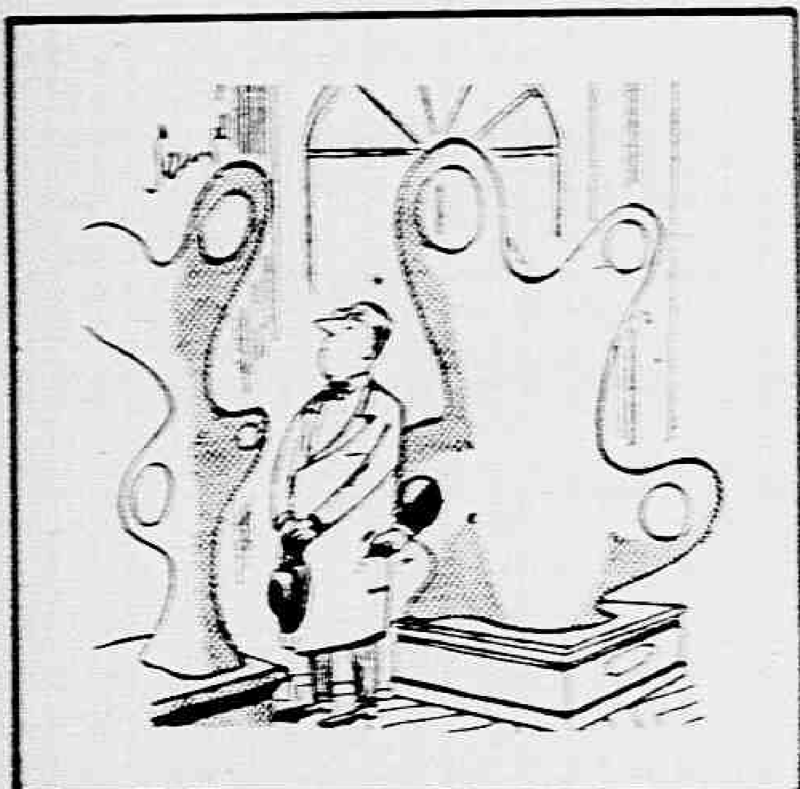
Jorge Guinle... Jorge Guinle... Jorge Guinle... Jorge Guinle... Idéia fixa, obcessão permanente e ambição máxima na vida de Lúcio Rangel.

A arte moderna no RISO DOS OUTROS

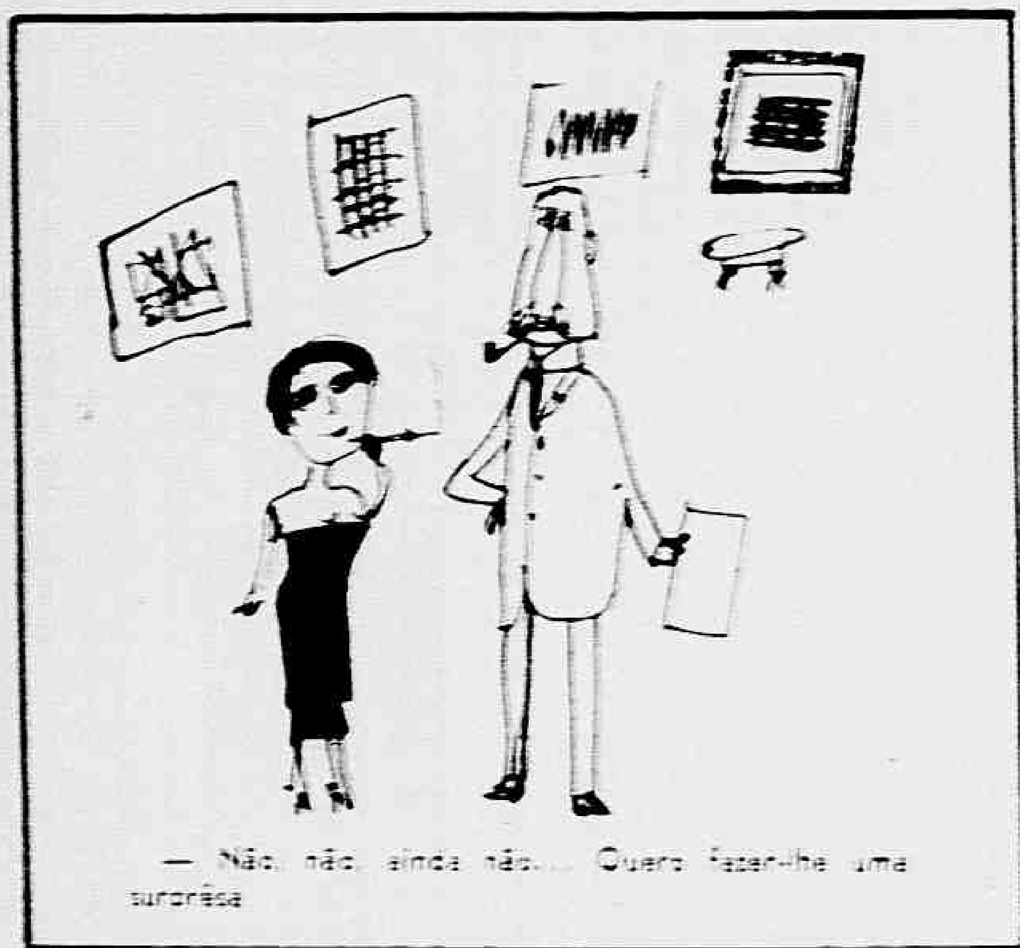


— Querida, como você é bonita!

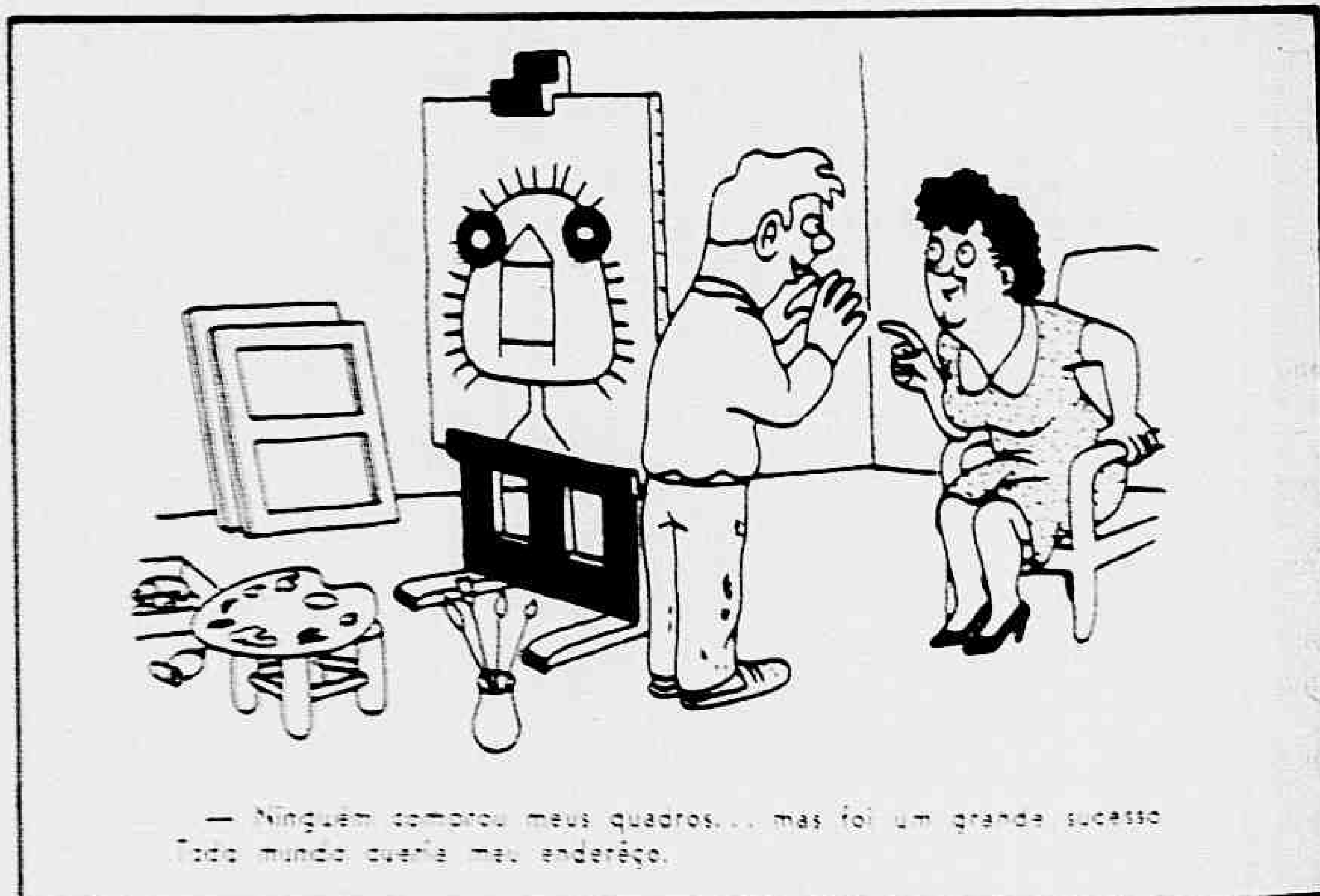




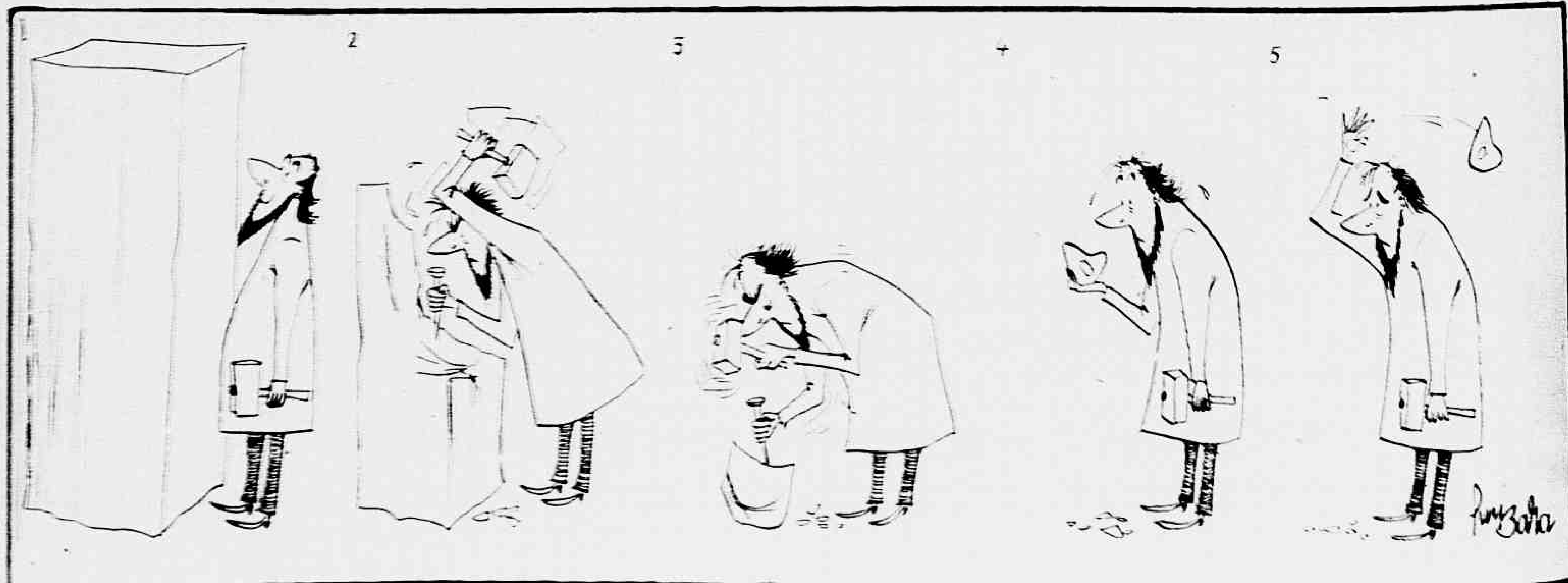




— Não, não, ainda não... Quero fazer-lhe uma surprêsa.



— Ninguém comprou meus quadros... mas foi um grande sucesso. Todo mundo queria meu endereço.



A PEDRA NO CAMINHO DE MARILYN

TEDDY DE OLIVEIRA

● As últimas semanas trouxeram surprêsas para os fãs de cinema, a começar pelo casamento inesperado de Audrey Hepburn com Mel Ferrer. Êles atuavam juntos no teatro e continuavam juntos fora do palco, porém ninguém desconfiou que aquela amizade não era tão simples como parecia e que o coração de ambos já estava dominado pelo mais puro e sincero amor, e que êsse amor acabaria levando-os ao casamento.

A outra «surprêsa» foi o regresso de Marta Rocha. A segunda beleza do mundo não aceitou as condições do contrato que lhe ofereceu a Universal, fêz exigências absurdas e voltou ao seu país (que é o nosso) para casar e ter muitos filhos, embora muita gente acredite que ela fará cinema no Brasil e se tornará em pouco tempo uma «estrêla» tão famosa como Eliana ou Tônia Carrero. Marta prometeu contar à imprensa tudo direitinho revelando porque não aceitou a carreira de «estrêla» em Hollywood, preferindo regressar.

A maior surprêsa, no entanto, foi a notícia do próximo divórcio de Marilyn Monroe de seu famosíssimo marido, Joe Di Maggio, «astro» do beisebol e considerado o companheiro ideal para a loura mais famosa de Hollywood. Casados desde janeiro, Joe e Marilyn sempre se mostraram felizes em público. Êle era até muito carinhoso quando posava ao lado de Marilyn e jamais se soube de alguma desavença séria entre os dois. No entanto, Marilyn queixou-se agora de que Joe visitava muito pouco o lar de ambos em Beverly Hills, preferindo passar todo seu tempo em New York.

São muitas as razões apresentadas pelos amigos do casal para a separação que se anuncia. Dizem que Joe jamais gostou de ver sua espôsa, Marilyn, envolvida em propaganda escandalosa. Ficou furioso quando viu a foto de Marilyn com a saia que o vento levantara junto ao «Metrô» e que se constituíra no instantâneo mais sensacional do ano! Joe detesta êsse tipo de publicidade, ao contrário de sua espôsa que adora ser alvo de tôdas as atenções e participar de «casos» que mobilizem o público em tôrno de sua pessoa.

Marilyn, por sua vez, acha que Joe é uma pedra no seu caminho, isso porque as carreiras de ambos dificultam uma vida em comum e ela considera um êrro tentar um casamento que nasceu falhado. Joe quer uma mulher e não uma «estrêla», diz outro amigo. Afinal, tôda a verdade aparecerá no tribunal durante o processo de divórcio. Até lá Marilyn estará em todos os jornais e revistas do mundo como a personagem do ano. E a «pedra» a que a «estrêla» se referiu, resistirá ao tempo?



Marian Carr, a nova e sensacional loura de Hollywood, faz sua estréia num filme sôbre a vida perigosa de um circo: («A Morte Ronda o Espetáculo»). Ela vai empolgar no trapézio!

FLAGRANTES DO CINEMA

Marlon Brando não regula muito da «bola» é o que dizem sempre em Hollywood. Quando mais se falava de seu profundo interêsse sentimental por Movita, eis que êle aparece numa festa em companhia de Suzan Cabot e todo cheio de atenções para com sua nova amiguinha. Falando a um amigo, Marlon explicou solene:

— Será que eu não posso trocar de namorada? Todo mundo comenta que sou volúvel . . . Mas serei o único em Hollywood?

★

Erich Von Stroheim, aquêle que durante o Festival de Cinema em São Paulo foi o maior «show» vivo da festa, decidiu-se por uma nova carreira, a de escritor. Stroheim conclui uma obra em dois volumes e sôbre seu novo livro declarou a um jornalista:

— Gostaria muito de trocar a profissão de ator, pela de escritor. Tenho palpite de que daria certo . . .

★

Mr. Hughes, que é o maior «leão» de Hollywood junto às garôtas bonitas da capital do cinema, vem de contratar por longo período a italianinha Gina Lollobrigida. Comentário de Mr. Hughes para um de seus auxiliares:

— Dessa vez não foi fácil convencer uma «estrêla» a ganhar milhares de dólares . . .

CINEMA BRASILEIRO

● Uma novidade que apresentará o filme nacional «Floradas na Serra», a última produção da Vera Cruz em meio da crise que a envolveu, será uma canção cuja letra foi escrita pelo poeta Vinícius de Morais.

● Tom Payne foi escolhido para dirigir a paródia de «O Cangaceiro», ou seja «O Neto do Cangaceiro», argumento de Walter George Durst escrito especialmente para o talento cômico de Mazzaroppi.

● Luta feroz é vivida por Milton Ribeiro e Hélio Souto em «Os Três Garimpeiros», filme dirigido por Gianni Pons no interior paulista. Alberto Ruschell e Aurora Duarte são os principais do elenco.

● Por falar em Alberto Ruschell, vão bem animadas as filmagens de «Orgulho», que está sendo realizado na Espanha com o concurso da «estrelinha» da Vera Cruz, Marisa Prado. Fala-se que Alberto fará também um filme com Ana Esmeralda, antes de regressar ao Brasil.

● Mancini está muito animado em prosseguir filmando «Nobreza Gaúcha», tão logo dê por concluído seu impasse com a Sacra Filmes. Patrícia Lacerda continuaria no elenco, apesar de tudo que se vem dizendo em contrário. Falando de Patrícia, convém lembrar que a «estrelinha» de «Com o Diabo no Corpo» recusou tentadora proposta para filmar fora do Brasil.



Rhonda Flemming e Jan Sterling saíram para fazer compras em Beverly Hills e estiveram admirando uma riquíssima coleção de bijouterias. Trouxeram verdadeiras maravilhas para adôrno do belo vestuário que ambas possuem.

CORREIO DA EUROPA

OS ADMIRADORES do conhecido artista cômico francês Fernandel promoveram recentemente uma homenagem ao intérprete do famoso «Don Camillo», inaugurando uma avenida com o nome do personagem na cidade de veraneio de Carry-le-Rouet. Fernandel descerrou a placa da artéria que cinematogràficamente lhe pertence. . .

A GRANDE atriz francesa Edwige Feuillère aceitou representar o papel de uma avó moça e encantadora no novo filme francês «Les Fruits de L'Eté». Françoise Arnoul, o adorável «brotinho» fará o papel de filha de Edwige, mas ainda não foi definitivamente escolhida. Paul Henreid também participará da película; êle que ùltimamente nada tem feito de elogiável em Hollywood . . .



A italianinha Anna Maria Alberghetti é vista aqui sendo calorosamente homenageada por dois admiradores de sua voz e de sua arte: Normam Taurog, célebre diretor, e Irving Adde, autor das músicas do último filme de Anna.

FALA-SE EM HOLLYWOOD

Segundo boatos recebidos de Hollywood, Ava Gardner seria o novo caso amoroso do conhecido produtor americano Howard Hughes. Êles estão saindo juntos tôdas as noites e Mr. Hughes tem se mostrado «carinhoso demais» para com a «estrêla» que tanta confusão armou no Brasil . . .

★

Linda Darnell precisou aprender a tocar violão para cenas de seu novo filme, «Night Without End», e quem está ensinando é Rick Jason, aquêle ator de «boa cara» que vimos num pequeno papel em «Sombrero» e parece destinado a ser um «galã» de nome em Hollywood.

★

Hollywood comenta que Ida Lupino tenha se juntado ao seu ex-marido Collier Young para produzir «The Bigamist», escolhendo para «estrêla» Joan Fontaine, atual espôsa de Collier e grande amiga da realizadora de «O Mundo Me Odeia». Situações como essa formam o pitoresco de Hollywood, a cidade dos paradoxos . . .

★

Causou sensação o romance vivido pela espôsa do ator John Carradine com um artista brasileiro, que aliás já voltou ao Rio de Janeiro e contou pormenorizadamente à imprensa como conquistou o coração da bela loura . . .



NA REGIÃO DOS BAOBÁS

LOURDES ESPÍNDOLA **Desenho de DAREL**

A O visitante ocidental sempre intrigou, em tôdas as épocas, o variado aspeto da vida no continente africano, tanto na parte que diz respeito à etnogenia, como à etnografia.

A manifestação das atividades dos seus habitantes, o colorido dos seus trajes, a excentricidade das moradias, religião, etc., exercem sôbre a mente do europeu, e sobretudo do americano, verdadeiro fascínio. Essa foi a sensação que me ficou dum passeio através do centro e bairros de Dakar, quando conduzida por Mustafá, um chofer negro. Era como se penetrasse em algo misterioso e sobrenatural levada pelo som mágico de uma flauta encantada.

Mustafá, como seus irmãos de raça, um espécime humano de alto porte, semelhante ao Baobá, falava, falava num francês cadenciado que a calmaria reinante tornava ainda mais rítmico. Sua religião — o islamismo — possìvelmente vinda do norte da África e imposta pelos árabes, deu-lhe a submissão do crente que aceita resignado seu humilde lugar no mundo.

Desprendido de si próprio, tinha sempre — quando se referia aos da sua raça — a mesma expressão de humanitarismo fraternal. Meus irmãos! Todavia, embora sua fisionomia de pele ebânea e seu olhar protegido pelos óculos escuros não deixassem transparecer o que lhe ia no íntimo, a voz traiu-o por um rápido instante, quando, comunicando veladamente seu pensamento, me disse: aqui, residimos nós, os "dakarois" negros. O exotismo e a miséria se chocavam e confundiam nessa paisagem urbana onde o elemento humano sobrepunha-se a tôdas as coisas dando-lhes um caráter incomparável e emocionante. Algumas casas — se assim pudéssemos denominar essas sórdidas choupanas — assemelhavam-se com os barracões das nossas favelas, porém, a maioria, era de forma cônica, coberta com a palha das palmáceas nativas, parecendo tendas árabes, ou malocas.

Mustafá, tirando os óculos escuros e limpando-os vagarosamente, voltou-se, e pude então ler em seus olhos o sofrimento de tôda uma raça que há séculos vive sob o domínio de civilizações importadas. "Il y a du sable et du sel dans mon âme", parecia dizer-me com as palavras de Fréminville.

Mas, imediatamente se refêz e perguntou-me como viviam os negros no Brasil. Respondi-lhe que em condições de igualdade com os brancos, muito embora suas possibilidades latentes não lhes permitissem ainda conquistar o lugar a que fazem jus. E êle interrogativo: por que os brancos não os ajudam a desenvolver essas possibilidades? Contornei a questão evasivamente, não só porque a mesma exigiria muito tempo para ser explicada como também porque, no momento — já no centro da cidade — precisava mobilizar todos os sentidos a fim de integrar-me às cenas de rua, onde grupos esparsos, de componentes ataviados com roupas multicores e toucados exóticos, confabulavam animadamente.

Mustafá, satisfazendo a minha natural curiosidade, disse que se tratava, para seus irmãos, de um grande dia festivo "La Tabaski" que tem a mesma importância e significação

ritualísticas pertencentes ao islamismo são bizarras e estranhas do Natal para os católicos. Claro está que as cerimônias como tudo que cerca os orientais e extremo-ocidentais. "La Tabaski" é precedida da lavagem dos carneiros que vão ser sacrificados e seguida da "grande prière" coletiva realizada ao meio-dia na Mesquita local. Após as abluções purificadoras os nativos ouvem posternados e contritos as preces e exortações do "Iman" (espécie de sacerdote muçulmano).

Encerrada a solenidade na Mesquita, a multidão de adeptos se dispersa em pequenos ajuntamentos trocando seus membros saudações e votos de felicidade.

Aí estava o motivo dêsse "rendez-vous" ao ar livre que enchia de alacridade as ruas de Dakar. Apesar das Ordens Católicas existentes, das escolas, jardins de infância, hospitais, etc., o europeu não conseguiu transformar o indígena africano.

Mesmo a religião muçulmana que pratica, degenera muitas vêzes na veneração superticiosa e bárbara dos ritos idólatras. Todos êsses atributos inerentes aos seus antepassados estão em potencial na gênese da raça. E se um dia essa consciência nativista despertar, estimulada pelos conhecimentos adquiridos dos próprios conquistadores, poderá inesperadamente abater-se sôbre os mesmos com a fôrça gigantesca dum Baobá.





As novidades no terreno da Moda não pararam na linha "flat-look". Foram além. Agora é a vez dos sapatos. Depois da variedade de côres para os sapatos de passeio, que iam desde os tons pastéis até o vermelho "Gaugin", para noite, Paris lança agora uma nova revolução, esta na ponta dos pés. O "retôrno ao passado" está surgindo nos saltos Luís XV e nos desenhos nos peitos dos sapatos em que são utilizados brilhantes, pérolas e pedras em tom pastel. Tudo indica que os pés neste verão ficarão mais nus. A novidade consiste em expor os dois lados dos pés, sôbre os quais há apenas finas correias de couro, ao passo que os sapatos cobrem inteiramente o resto das extremidades.

As correias inclinadas lateralmente, as amplas aberturas na frente e o calcanhar nu fazem parte da "nova-velha-moda". Os saltos devem ser altos e em forma de estilete e os sapatos estreitos e leves. O "escarpin", porém, ainda mantém todo o seu prestígio para as toilettes de verão... Um "escarpin" bem equilibrado sôbre um salto Luís XV, de meia-altura ou então alto e fino, de acôrdo com a hora do dia, ou com o traje que deve acompanhar, ainda é o preferido pelas damas que preferem uma elegância sóbria. O rosto do sapato é alongado e a gáspia fechada ou cortada por finas alças sôbre o dorso do pé.



A "REVOLUÇÃO" DO MOMENTO É NA PONTA DOS PÉS

Texto de *MARINA SALLES* Desenho de *LAURITZEN BERN*



Cravos vermelhos são bordados sôbre êste lindo vestido de veludo prêto, criação de Dior. Sapatos em cetim rosa.

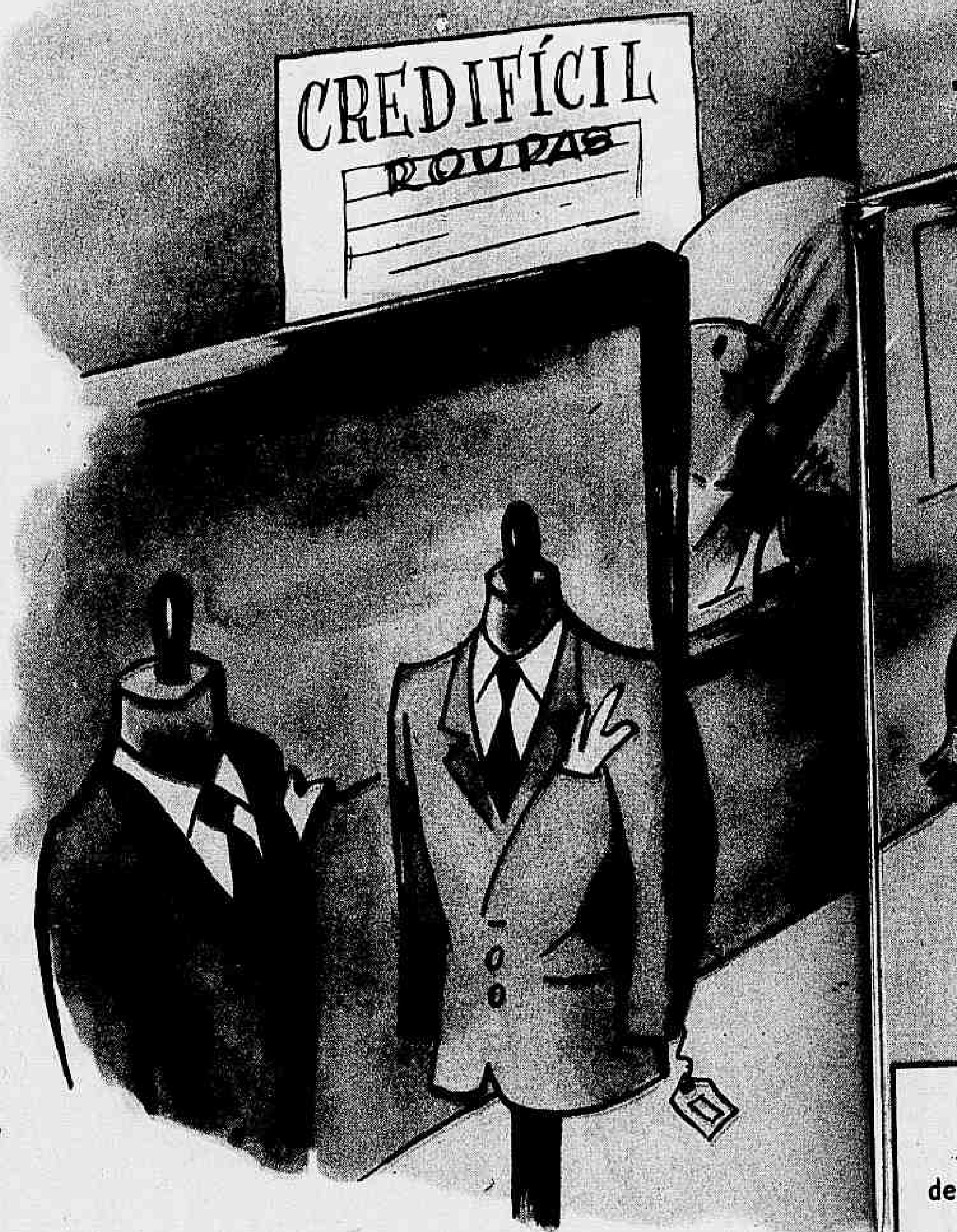
O verdadeiro redangote. Prático, simples, êste elegante vestido de Dior poderá vestir qualquer mulher. Suas linhas seguem ao já famoso «flat-look», pois não acentuam as formas femininas, pelo contrário, disfarçam-nas.

FORTUNA (sem um níquel) APRESENTA

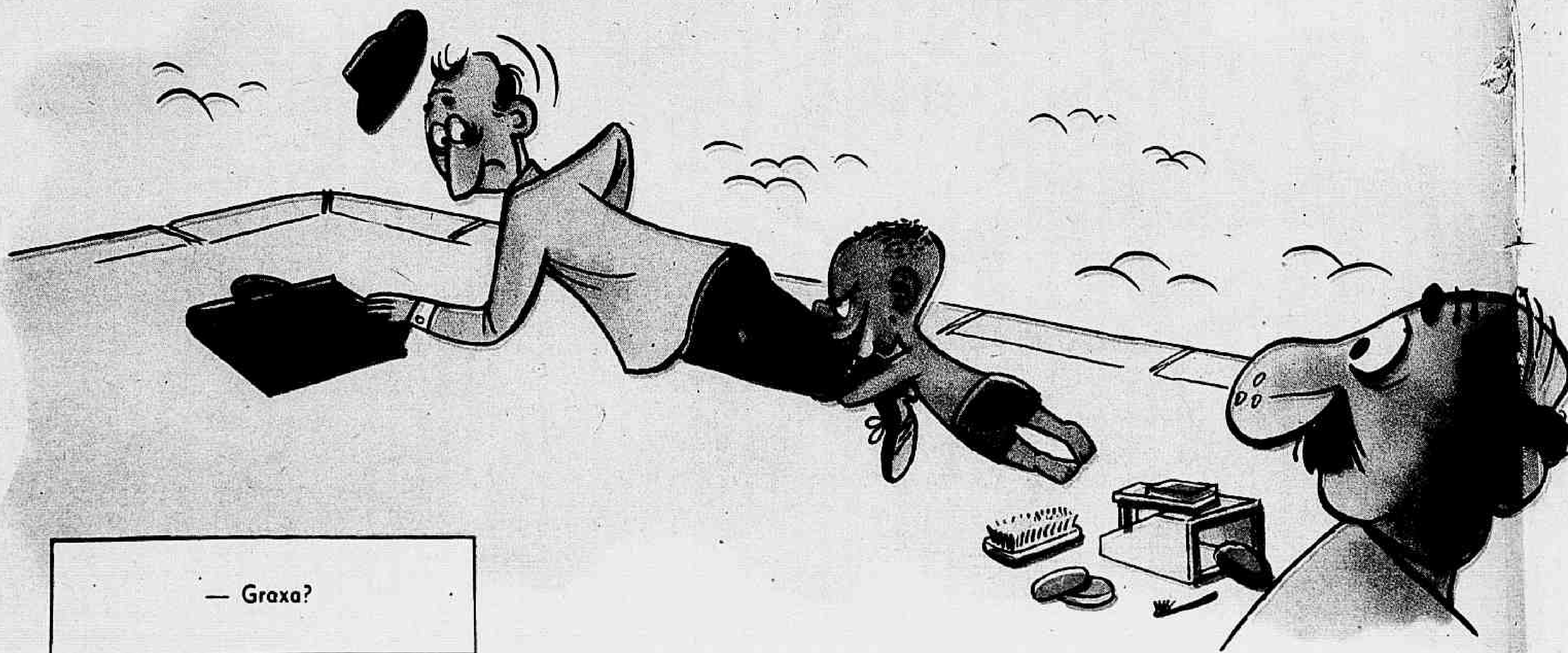
A VIDA DIFIC



O ORDENADO
(como o sentimos no fim do mês)



de

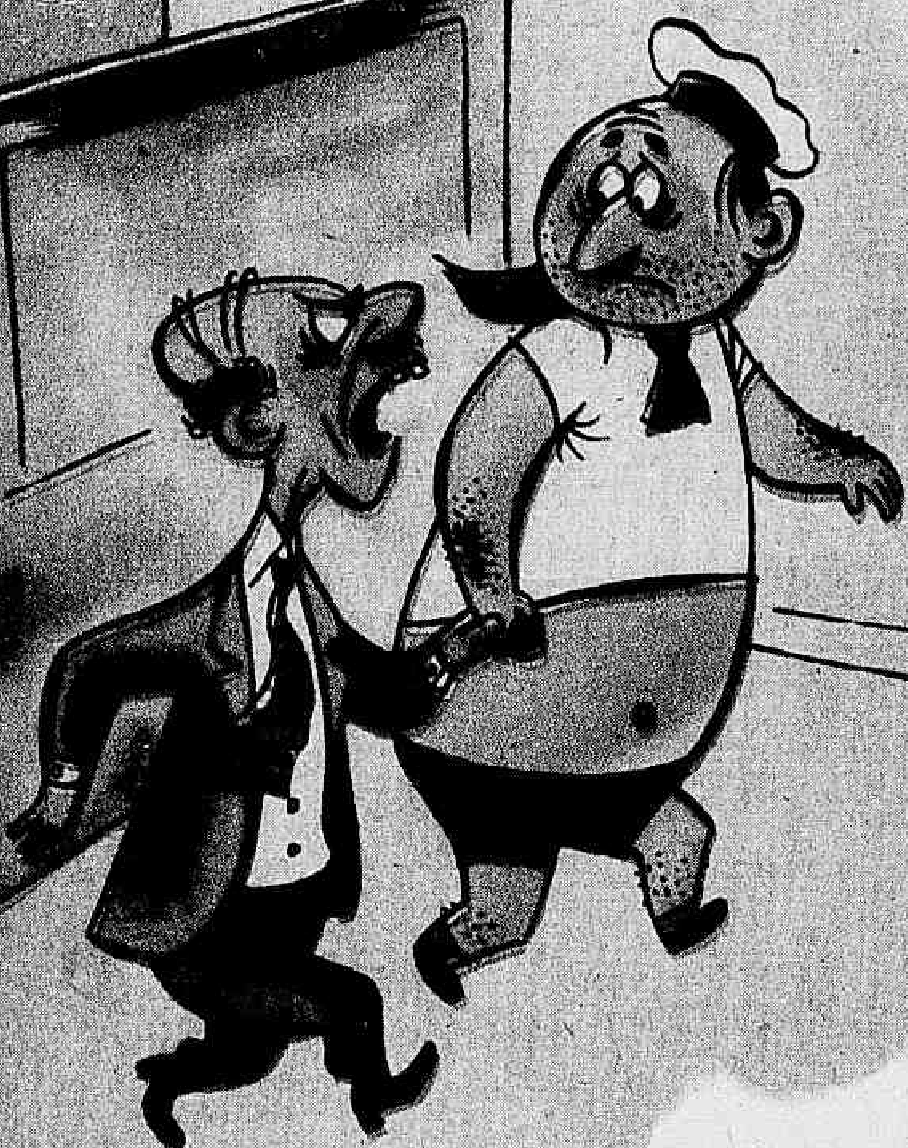


— Graxa?

ÍCIL



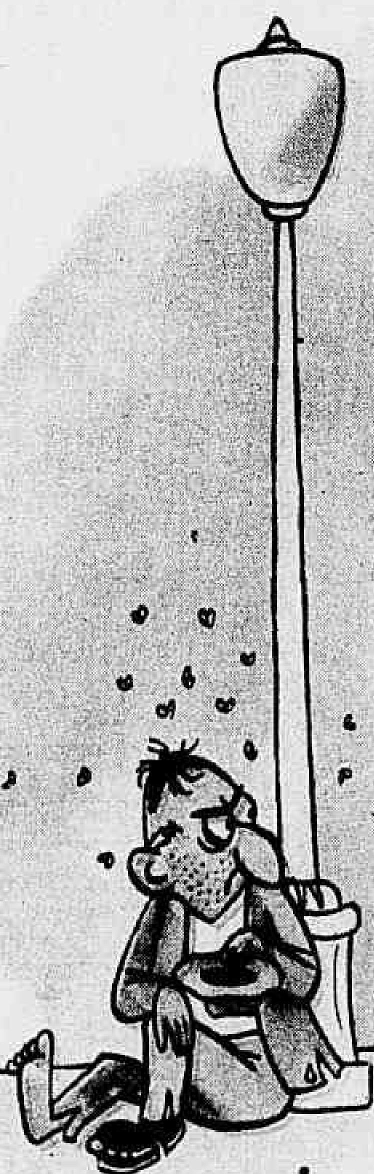
— Êle gosta de aparentar

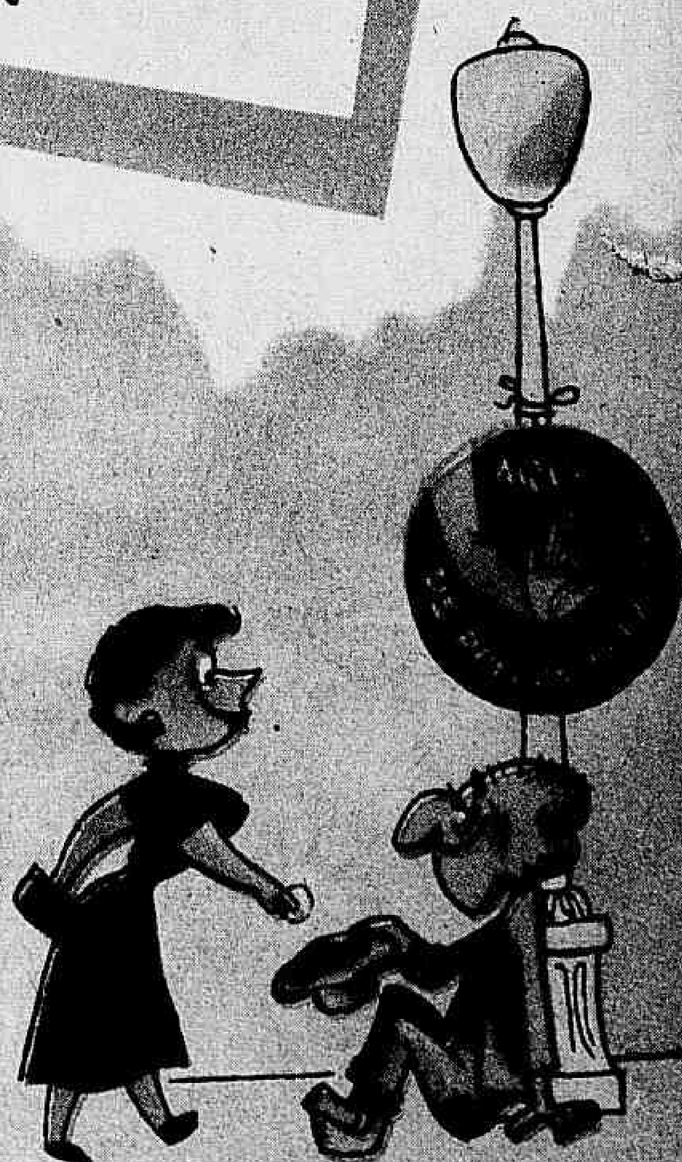


— Que terno novo nada, menino! Ainda não acabei de pagar essa sua roupinha de marinheiro...



— Pode ficar descansado: o sr não tem nada no estômago.
— Pois aí é que esta o problema







RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Seus pais eram fazendeiros abastados no interior da Colômbia. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria se criaram como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência, voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Os pais de Efraim não viram êsse namôro com bons olhos, pois que Maria sofrera um ataque suspeito de epilepsia — moléstia de que morrera a mãe — bem como porque o filho deveria ir à Europa, a fim de aperfeiçoar-se em medicina. Nesse ínterim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça não sofria de ataques epiléticos, e que a vertigem que tivera não fôra causada por tal moléstia. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, e encontra em casa Carlos, que pretende a mão da moça. Debulhada em prantos, Maria é informada da pretensão.

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

MARIA, minha mãe e minha irmã olharam umas às outras com estranheza, surpreendidas com a facilidade com que eu enganava Carlos; mas era porque não estava a par do exame que êle fêz à tarde nos livros da minha estante, exame em que tão má situação deixou meus autores prediletos — e recordando-me com certo rancor do que êle havia dito sôbre o «Don Quixote», acrescentei:

— Você deve ter visto êsses versos no «O Dia», é porque não se lembra, creio que estão assinados por um tal Almendarez.

— Como não, disse. Tenho para isto tão má memória. Se são os que ouvi minha prima recitar... francamente, parecem melhores cantados por essas senhoritas. Tenha a bondade de dizer a elas — ajuntou dirigindo-se a Maria.

Esta, sorrindo, perguntou a Ema:

— Como começa o primeiro? Esquecem-se de mim. Diz você, que os decorou bem.

— Porém, você acaba de cantá-los, observou Carlos, e recitá-los é mais fácil. Por ruins que sejam, ditos por você serão bons.

Maria os repetiu — mas ao chegar à última estrofe, sua voz era quase trêmula.

Carlos deu graças a Deus, ajuntando:

— Agora sim, estou quase seguro de tê-los ouvido antes.

Ah, dizia-me eu. O que Carlos se acha seguro é de ter visto durante todos os dias o que os meus maus versos pintam — porém sem reparar nisto, como olha o relógio.

XXIV

Chegou a hora de nos retirarmos, e temendo eu que me houvessem preparado a cama no mesmo quarto de Carlos, dirigi-me para o meu — dêle saíam naquele momento minha mãe e Maria.

— Poderei dormir sòzinho aqui, não é verdade? — perguntei à primeira, que compreendendo o motivo da pergunta, respondeu:

— Não, seu amigo.

— Sim, minhas flôres, disse vendo as de minha jarra, postas nela pela manhã e que Maria levava no lenço. Onde é que você as leva?

— Ao oratório, porque não houve tempo de colocar outras ali.

Agradeci bastante a fineza de não permitir que as flôres destinadas a mim adornassem aquela noite meu quarto e assim estivessem ao alcance do outro.

Porém ela havia deixado o ramo de açucenas que eu havia trazido aquela tarde da montanha, que ainda se achavam muito visíveis sôbre minha mesa. Apresentei-as, dizendo-lhe:

— Leva também estas açucenas para o altar. Transito as trouxe para você, recomendando que a havia eleito para madrinha do matrimônio. E como todos devemos orar pela sua felicidade...

— Sim, sim, respondeu-me. Quer então que eu seja sua madrinha? — acrescentou como consultando minha mãe.

— E' muito natural, disse esta.

— E eu, que tenho um traje tão lindo para servir neste dia! E' necessário que você diga que fiquei muito contente ao saber que nós... que me havia preferido para sua madrinha.

Meus irmãos, Felipe e o que o seguia, receberam com surprêsa e prazer a notícia de que eu passaria a noite no mesmo quarto que êles. Haviam se acomodado os dois numa das camas, para que me servisse a de Felipe. Nas cortinas desta, Maria havia suspenso o medalhão da Virgem Dolorosa que se achava em meu quarto.

Logo que os meninos rezaram, ajoelhados na cama, deram-me as boas-noites e dormiam, depois de se terem rido dos mêdos que mùtuamente se transmitiam com a cabeça do tigre.

Durante aquela noite não sòmente estêve comigo a imagem de Maria: os anjos da casa dormiam perto de mim. Ao despontar do sol viriam êles buscá-los para beijá-los sôbre as faces e levá-los à fonte, onde seriam banhados aquêles rostos e mãos brancos e perfumados como as rosas do Castelo que êles recolhiam para o altar.

XXV

Ao amanhecer despertou-me o cochicho das crianças que em vão se estimulavam para respeitar-me o sono. As pombas que haviam sido aprisionadas durante aquêles dias, gemiam espiando os primeiros raios de luz que penetravam nos aposentos pelas venezianas.

— Não abras, dizia Felipe, não abras que meu irmão está dormindo.

— Porém se Maria nos chamou, respondia o rapazinho.

— Não faz mal, há muito tempo que estou acordado e não chamei ninguém.

— Sim, já sei o que querer; ir correndo às quebradas para dizer que teus anzóis é que apanharam o peixe.

— Como me custa colocá-los, interrompeu Felipe.

— Veja que coisa engraçada! Se é Juan Angel quem os coloca nos bons charcos...

E insistia em abrir a porta.

— Não abra! — tornou Felipe, já zangado. Espera, vou ver se Efraím está dormindo.

E dizendo isto, aproximou-se nas pontas dos pés de minha cama.

Tomei-o então pelos braços, dizendo:

— As, espertalhãozinho! E' você então quem rouba os peixes ao garôto...

Riram-se ambos e aproximaram-se para cumprimentar respeitosamente. Ficou tudo arranjado com a promessa que fiz de assisti-los à tarde colocar os anzóis. Levantei-me e, deixando-os atarefados a encarcerar as pombas que revoluteavam buscando saída junto à porta, atravessei o jardim.

As flôres transmitiam ao vento seus delicados aromas, ao receber a carícia dos primeiros raios de sol, que já assomava no cume do Morrillos, esparzindo até o zenite pequenas nuvens de rosa e ouro.

Ao passar diante da janela de Ema, ouvi que ela e Maria conversavam, interrompendo-se para rir. Produziam suas vozes, em especialidade a de Maria, pelo incomparável sussurro de seus «ss», algo semelhante ao que formavam as pombas ao despertar entre as fôlhas das laranjeiras.

Conversavam baixo dom Jerônimo e Carlos, passeando de um lado para outro no corredor que ficava diante dos seus quartos. Não hesitei em saltar o valado da horta, a fim de cair no pátio exterior.

— Oh, disse o senhor de M., você madruga como um bom fazendeiro. Acreditava que fôsse tão dorminhoco quanto seus amigos ao chegar de Bogotá... Porém, os que vivem comigo tem de se acostumar a madrugar.

Continuou fazendo uma larga enumeração das vantagens que proporciona o dormir pouco — ao qual eu poderia ter contestado que o que êle chamava dormir pouco não era outra coisa senão dormir muito começando cedo; pois confessava que tinha por hábito recolher-se às sete ou oito da noite, a fim de evitar a enxaqueca.

A chegada de Bráulio, a quem Juan Angel havia ido chamar pela madrugada, cumprindo a ordem que lhe havia dado durante a noite, impediu-nos de desfrutar o fim do discurso do senhor de M.

Trazia Bráulio um casal de cachorros, nos quais não teria sido fácil a outro menos conhecedor dêles do que eu, reconhecer os heróis de nossa caçada no dia anterior. Mayo grunhiu ao vê-los e veio esconder-se atrás de mim com demonstrações de invencível antipatia. Êle, com sua pele branca, formosa, as orelhas caídas e olhos severos, emprestava-se ante os latidos do montanhês um ar de imponderável aristcoracia.

Bráulio saudou humildemente e aproximou-se para perguntar-me pela família, enquanto eu lhe estendia a mão com afeto. Seus cachorros fizeram-me agrados, patenteando que eu era mais simpático do que Mayo.

— Teremos ocasião de ensaiar sua espinganda, disse a Carlos. Mandei buscar dois cachorros muito bons em Santa Helena, e aqui tem um companheiro com quem os veados não gostam de brincadeiras — além de dois cachorros muito espertos.

— Êsses? — perguntou Carlos desdenhosamente.

— Com estas marcas? — acrescentou dom Jerônimo.

— Sim senhor, êstes mesmo.

— Só vendo para crer, contestou o sr. de M. empreendendo de novo seus passeios pelo corredor.

Acabavam de nos trazer café, e obriguei Bráulio a que aceitasse a taça que me era destinada. Carlos e seu pai não dissimularam a estranheza que lhes causava minha cortezia com o montanhês.

Pouco depois o sr. de M. e meu pai montaram para visitar os trabalhos da fazenda. Bráulio, Carlos e eu, nos dedicamos a preparar as espingardas e a graduar a carga que meu amigo tencionava experimentar.

Estávamos nisto, quando minha mãe me fêz saber dissimuladamente que pretendia me falar. Esperava-me com seu costureiro. Maria e minha irmã achavam-se no banho. Fazendo-me sentar perto dela, disse:

— Seu pai insiste em que se dê conhecimento a Maria das pretensões de Carlos. Você acha que se deve fazer assim?

— Creio que deve fazer o que meu pai pretende.

— Imagino que você dê essa opinião para obedecê-lo e não porque não o impressione tal decisão.

— Resolvi observar esta conduta. Além do mais, Maria ainda não está comprometida comigo, e tem liberdade para decidir. Prometi não dizer nada a ela do que combinei com vocês... e tenho cumprido minha promessa.

— Creio que a emoção que Maria vai experimentar ao ver que seu pai e eu estamos longe de aprovar o que se passa entre vocês, faça-lhe mal. Seu pai não quis falar ao sr. de M. da enfermidade de Maria, temendo que se leve isto em conta para uma recusa. E como êle e seu filho sabem que ela possui um dote... além do mais, não quero dizer-lhe, mas você compreende. Que devemos fazer? Fale você, para que Maria não pense nem remotamente que nos opomos a que seja sua espôsa. Sem que assim eu deixe de cumprir o que prometi ùltimamente a seu pai.

— Só há um meio.

— Qual?

— Vou lhe dizer: e tenho certeza de que o aprovará. Suplico-lhe desde já que me aprove. Revelemos a Maria o segrêdo que meu pai impôs sôbre o consentimento que me deu de ver nela a minha espôsa. Prometo que serei prudente e que nada deixaremos perceber a meu pai, para que venha a descobrir esta pequena traição necessária. Poderia eu conservar esta conduta que êle exige, sem ocasionar a Maria maiores penas do que teria se confessássemos tudo?

(Continua no próximo número)

Tradução de LÚCIO CARDOSO

Desenho de RAMÓN

"DA MESMA ARGILA"

NO DUSE

BRUTUS PEDREIRA

● «Da mesma argila», drama em três atos, de Maria Inês Barros de Almeida foi, sem favor, um dos melhores espetáculos apresentados pelo Duse, mesmo sem atentar à circunstâncias dirimente de serem estreantes tanto a autora quanto o encenador Alfredo Souto de Almeida. No simpaticíssimo teatrinho da Rua Hermenegildo de Barros, espetáculos bem inferiores a êsse foram apresentados, apesar de seus realizadores e dos signatários dos textos já não pertencerem à categoria de marujos de primeira viagem. Em sua peça de estréia, Maria Inês deu-nos mostra de qualidades nem sempre encontradiças em autores de maior tirocínio: senso de desenvolvimento e de construção dramática, além de bom e fluente diálogo. As cenas sucedem-se em ritmo uniforme, sem solavancos, e o quebra-cabeça dos estreantes: a motivação das entradas e saídas dos personagens, a autora resolveu-o com habilidade. Os caracteres estão bem delineados e se a mola-mestra do drama pareceu um tanto anacrônica a certos espectadores, essa é falha de fácil correção, pois uma ou duas frases acrescentadas ao diálogo serão suficientes para determinar, nitidamente, a época em que a ação se desenrola e entrou em vigor o ato jurídico que justifica o comportamento do protagonista. A direção de Alfredo Souto de Almeida corre macia, bem enquadrada no realismo em que o drama foi vazado. Procurou e conseguiu evitar a repetição sensível das marcações, o que nem sempre é fácil em palco tão pequeno, quando o diretor não cede à tentação de atravancá-lo com móveis e elementos que tornem plasível maior movimentação dos personagens. As figuras do drama tiveram, de parte do diretor, caracterização adequada, física e psicològicamente, e os atores que as encarnaram desempenharam-se a contento, de sua tarefa. Um simples reparo, sôbre a maneira de dizer de Geni Borges e Glória Cometh. Não me refiro à ausência absoluta de técnica vocal, falta imperdoável que tanto prejudica, já não digo os amadores, mas a quase totalidade dos atores profissionais. No caso de Geni Borges, aludo ao emprêgo reiterado de inflexões estranhíssimas. Não são as que certos atores de rádio-novela puseram em circulação, com aquêles detestáveis intervalos ascendentes de sétima, desencavados, para o discurso comum, não sei de onde nem por quem, e que dão às falas uma continuidade equivalente à da montanha-russa. Essas inflexões, Geni Borges não as usa; em compensação, abusa de outras que nunca ouvi, nem mesmo em suas falas de papéis anteriores. O discurso, assim tratado, assume um tom falso, de má retórica, e a emoção que dêle se desprende é sèriamente prejudicada, quando não se torna cômica ou ridícula. Acontece, porém, que Geni Borges tem talento e é aproveitabilíssima. Conheço-a, de outras peças, e posso avaliar a sua versatilidade, que é muita. Acaba de entrar para o professionalismo, na Companhia Dulcina-Odilon. Não será hora de corrigir essa falha? A de Glória Cometh é de outra espécie e devida, talvez, em grande parte, ao nervosismo: fala aos borbotões. Diz as frases muito depressa e alonga as pausas entre uma e outra. Sua correção consiste, apenas, em contrôle e ritmo. Isso também se aprende num bom curso de dicção. A menina tem boa presença e é jeitosa. Esperamos vê-la em outros papéis, para melhor apreciar suas qualidades, sòmente indicadas, por enquanto. Hélcio de Souza compôs um tipo elogiável, excetuada a cabeleira que, à léguas, gritava ser postiça. Ao que me consta, o Duse é, ou se considera, uma escola de teatro. Deve de ter, portanto, um professor de maquilagem. Que faz, êsse professor, que não ensina seus alunos a afinarem uma cabeleira? Onde se viu alguém com a testa bicolor? Tais descuidos prejudicam a verossimilhança e a ilusão teatral, como prejudicado foi o bom trabalho de Hélcio de Souza por aquela malfadada cabeleira. Maria Pompeu, Nelson Mariani, no protagonista, e Celso Borges, merecedores de elogios, sem restrições apreciáveis. O cenário de Harry Cole, sóbrio, discreto, funcionou bem. De bom gôsto, a combinação de côres. Os empresários devem ficar de ôlho nesse moço. Há nêle estôfo para um ótimo cenógrafo. Resumindo: espetáculo cuidado; representação homogênea; seus elementos, bem equilibrados. Esperemos que o Duse, em sua série de espetáculos programados, mantenha o nível de «Da mesma argila». Então, sim, estará cumprindo, de fato, sua belíssima finalidade.



JASCHA HEIFETZ — Considerado, universalmente, um dos três maiores violinistas da atualidade e, para muitos, o maior dos três. Programado pela Associação Brasileira de Concertos, para março vindouro. Parabéns, melômanos!

★

Em Berlim, voltou ao palco, do qual estivera ausente durante vários anos, o ator considerado o maior da Alemanha de antes da guerra: Werner Kraus. Apresentou-se, no Schlossparktheater, em «Vor Sonnenuntergang» (Antes do Ocaso), de Hauptman, que foi um dos seus cavalos de batalha em 1932, sob a direção de Max Reinhardt, e também em outra peça de que foi o primeiro intérprete: «Der Hauptman von Koepenick» (O Capitão de Koepenick), a famosa sátira anti-militarista de Zuckmayer, considerado, hoje em dia, o maior autor dramático da Alemanha ocidental (o da Alemanha oriental é Bert Brecht).

★

No Festival de Salzburgo, foi estreada a nova ópera «Penélope», do compositor suíço Rolf Lieberman, sôbre libreto do musicólogo alemão Heinrich Strobel. O argumento narra a história duma mulher que, durante a guerra, tornou a casar, depois de saber que seu marido desaparecera. Um dia, porém, é anunciado o regresso do desaparecido, num grupo de prisioneiros recambiados. O sentimento de dever faz com que se resolva a ir presenciar a chegada dos prisioneiros, e por um dêles sabe, então, que o marido morrera a caminho da pátria. De volta a casa, descobre que o segundo marido, durante a sua ausência, se inforcara. Precede o drama, uma cena em que a antiga Penélope, às voltas com três pretendentes, para convencê-los dos méritos e vantagens da fidelidade, conta-lhes a história da sua descendente do século XX. Um côro de tragédia grega comenta a ação e não faltam, no libreto, alusões políticas anti-nazistas e anti-militaristas. A ópera foi òtimamente acolhida, se bem que a crítica tenha notado, na partitura, certa influência de Hindemith. O senso lírico e o sólido «métier» do compositor foram altamente elogiados.

★

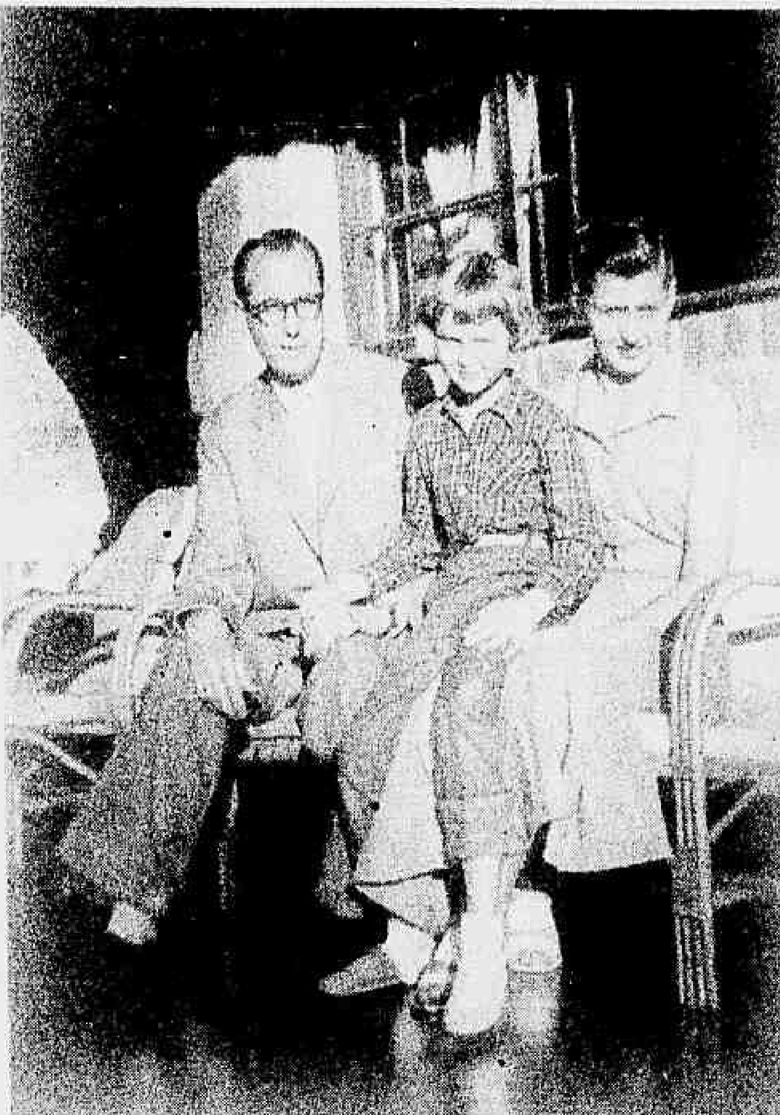
Como segunda peça de sua presente temporada no Teatro Leopoldo Fróis, de São Paulo, Sérgio Cardoso apresentará «Sinhá Moça chorou», de Hernani Fornari. Para o papel de Manuela, a protagonista, foi escolhida Zaíde Hassel, que o Estúdio 53 incluíra no elenco de uma de suas últimas realizações, aqui no Rio.



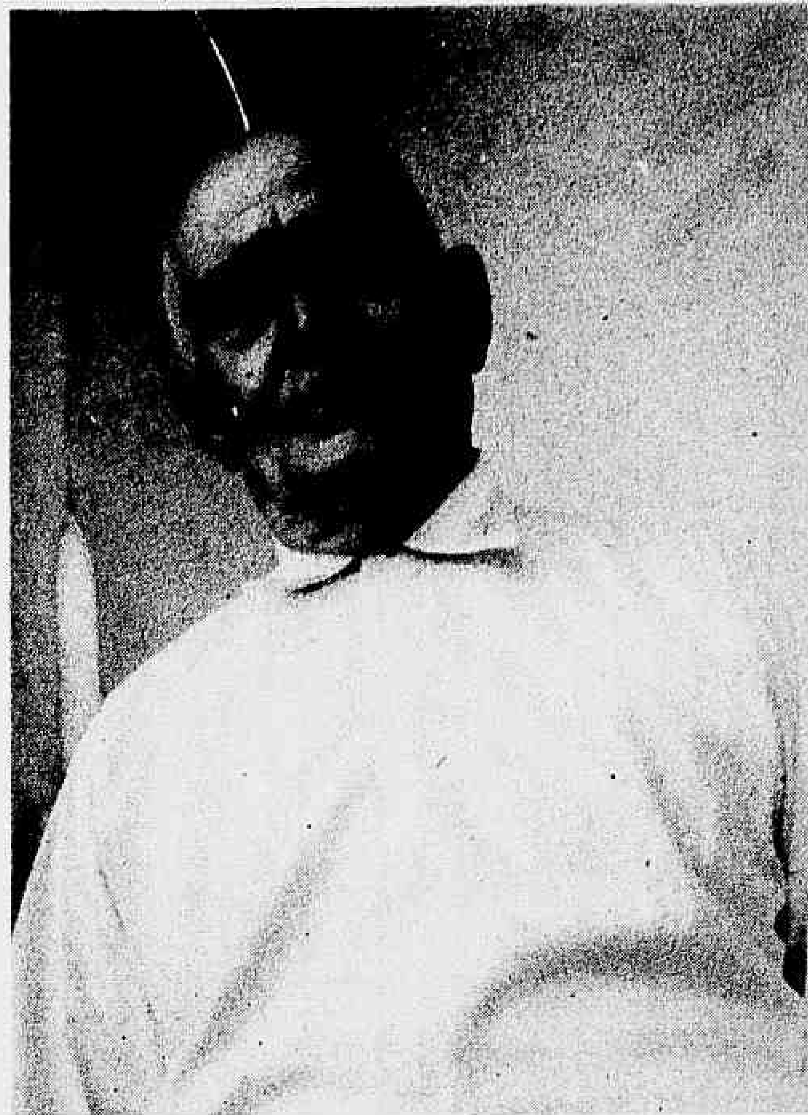
PAULO AUTRAN, CACILDA BECKER e MARINA FREIRE, numa cena de «Seis Personagens à Procura de Autor», de Pirandello, 5º cartaz do T.B.C., no Ginástico, e uma das maiores realizações da ilustre companhia paulista.



NASCIDO NA ÁFRICA DO SUL, Otton, gerente do Grande Hotel Prata, está sempre preparado para receber os hóspedes que retornam à estância hidromineral, onde Juarez Távora gosta de meditar sôbre o seu municipalismo e conversar sôbre o petróleo brasileiro, refazendo as fôrças para a futura campanha presidencial...



LANÇANDO SEU PROTESTO contra o abandono da estância hidromineral de Águas da Prata, por parte dos poderes públicos, Orcival Pereira da Silva, proprietário do Hotel Glória, diz: «É falta de patriotismo dessa gente que despreza o patrimônio nacional de fontes radioativas para gastar o dinheiro lá fora».



SIMPLES SITIANTE, João Rabello de Andrade, o atual prefeito em cinco meses de atividade revelou-se excelente homem público, dando demonstração cabal de que com honestidade e trabalho, Águas da Prata dentro de pouco tempo pode tornar-se um lugar digno das águas radioativas que Deus lhe deu.

cidade e 1.052, em relação ao nível do mar, de onde se avista uma magnífica paisagem rural. No Bosque de Eucaliptos, onde o São Paulo Hotel está construindo uma «churrasqueira» o ambiente bucólico é muito agradável.

Quanto à organização dos Hotéis e Pensões, o que vimos é de certo modo original. O São Paulo Hotel, por exemplo, tem acomodações para cêrca de 350 pessoas nos seus 149 apartamentos. A auto-suficiência dêsse hotel é impressionante. Nos seus 16 alqueires de terra são cultivados os cereais (arroz, feijão, milho etc), há fruteiras das mais variadas espécies, inclusive, caju, manga, pera, maçã, uva, figo, castanha, mamão, abacate, goiaba, 4 mil pés de abacaxi e dois mil pés de marmelo. O aproveitamento do terreno é tão profícuo que tudo o que se consome naquele hotel (até os doces) tem origem ali mesmo. E a água corrente, nos quartos, banheiros e cozinhas, são de nascente própria. E, segundo nos informou o sr. Adelino Sinelli (proprietário do hotel, com 47 anos de prática) os bonitos móveis do São Paulo Hotel foram feitos também ali, como ali nasceu o café que se toma ou a madeira que abastece a organização.

E foi êsse hotel que os industriais de São João da Boa Vista escolheram para o local do banquete em homenagem aos homens de indústria de todo o Brasil (cêrca de quatrocentos talheres) em virtude do seu amplo e organizado salão de refeições.

Também o Grande Hotel Prata apresenta um tipo de organização à altura, dispondo de 110 apartamentos, refeitórios para crianças e adultos, separados, biblioteca, buate, cinema próprio, barbearia, manicure, salão de festas, bar e outras instalações que o dignificam.

No Apalace Hotel (prédio novo) o tipo de organização é bom, tendo 40 quartos, 9 dos quais com banheiro; o Hotel Glória tem, nas suas torneira, em todos os seus 30 quartos, uma das mais fortes águas minerais radioativas do mundo, a da fonte do Vilela, com 89,30 de radioatividade.

Quanto às pensões, tem Águas da Prata excelentes. A Pensão Maris, por exemplo, é dirigida pela própria família Maris. Nela não falta o confôrto necessário a quem, dispondo de menor verba, deseja fazer, ali, uma estação de cura. Ao lado desta, vem a Pensão São Luiz, com boas acomodações e a Pensão Modelo, de propriedade de um experimentado hoteleiro, Orcival P. da Silva, proprietário do Hotel Glória.



NUMA AGITADA REUNIÃO, na Associação Comercial e Industrial de São João da Boa Vista, os industriais sãojoanenses resolveram que os seus colegas de todo o Brasil (mais de 400 homens de indústria) ficariam hospedados nos excelentes hotéis de Águas da Prata, onde, no São Paulo Hotel, seria realizado um banquete de mais de 400 talheres e, nos salões de festas do mesmo Hotel, um desfile de modas promovido pela FIATEX, cujos lindos modelos vestiriam trajos confeccionados com tecidos daquela fábrica.

DE SITIANTE A PREFEITO

Em Águas da Prata, de vez em quando, ouvimos falar do «Dico». Intrigados com êsse nome, indagamos: «Quem é êsse Dico?» Dico é o atual prefeito, o homem que a gente pensava que êle não desse certo, e em cinco meses de gestão à frente da Prefeitura já fêz muito mais que as administrações anteriores.

O «Dico», um modesto sitiante que a administração do sr. Lucas Nogueira Garcez foi tirar de uma fazendola para a vida pública. Caminhando três quilômetros, encontramos, afinal, em sua casa de campo o sr. João Rabelo de Andrade (o Dico), homem magro, simples e afável, que nos falou assim: «Administrar, meu velho amigo, é a coisa mais fácil do mundo. O administrador municipal não precisa fazer grandes programas, mas, sim, ir resolvendo aquêles problemas de mais urgência, com honestidade no emprêgo das verbas e vistas voltadas para a marcha dos trabalhos, sem ficar prêso a um gabinete ou a meia dúzia de informantes, que nem sempre dizem a verdade. Em síntese, com trabalho e honestidade, pode-se fazer alguma coisa pelo bem estar público... e isso depende de boa vontade. Na minha administração, tenho contado com o apoio do dr. Antônio Pôncio Hipólito e demais responsáveis pelo Departamento de Obras Sanitárias, graças ao que estou calçando as ruas, limpando o leito e consertando as margens do Ribeirão do Quartel, para fazer arborização e ajardinamento condignos, causando melhor impressão ao veranistas que aqui vem todos os anos gozar do clima e das águas salutares desta terra».

Como homens de imprensa, agradecemos ao Comendador Antônio Annunziato, uma das figuras populares de Águas da Prata, a existência do «Pavilhão da Imprensa» onde se presta homenagem a Monteiro Lobato e se lê mensagens de cordialidade de outros povos.



GILDA SANTOS JACINTO

● Com 19 anos, carioca, estudou o clássico no Colégio São Paulo, fala pouco, mas nada e muito bem. Seus compositores são dois poetas: Caymi e Antônio Maria. «Domingo passado, fui fazer um passeio de barco e Hélio Beltrão tocou um amor de música do Antônio Maria. Pena que eu não tivesse gravado o nome».



SOLANGE DE AFFONSECA

● É sobrinha da organizadora e idealizadora da festa da «Glamour». Alta, quase um metro e setenta, 18, é cem por cento dos esportes. Joga voli e pratica natação e hipismo. Diz que um dos seus maiores prazeres é correr nas praias, montando um bom cavalo. Nasceu carioca e é loura de olhos verdes.



MARIA LÚCIA MAURITY

● Loura, com 1 metro e 70, olhos verdes, carioca de nascimento e comportamento, é fortíssima candidata. Joga tênis no aristocrático «Country Club», ainda não fez 18 verões, desfila pela primeira vez, lê o seríssimo Graciliano Ramos e admira Clark Gable ao mesmo tempo. Estudou no Colégio Sion.

SUCESSO GARANTIDO

A FESTA DA "GLAMOUR-GIRL"

UM TIME QUE GANHARIA QUALQUER PARTIDA DE GRAÇA, ELEGÂNCIA E BELEZA

Texto de PETER

Fotos de VIEIRA

QUANDO cheguei ao Salão Verde do Copacabana Palace, atendendo a um convite para conhecer as «patronesses» da festa da «Glamour-Girl», concluí imediatamente que a festa só poderia ser um sucesso. Sucesso social e estético, pois as moças compunham um time que nos daria fàcilmente o título de campeões mundiais de beleza e elegância. Havia em funcionamento uma legião de fotógrafos e cinegrafistas, inclusive os da televisão. Assim, depois de um ano de interrupção, voltamos a ter o baile que ficou tradicional em Sociedade. E' nossa intenção dividir um pouco com os leitores o bem que faz aos olhos êsse grupo de gente nova e bonita. Aí vão elas, com uma biografia relâmpago, feita entre goles rapidíssimos de chá, e no próximo número daremos a reportagem fotográfica do acontecimento de ontem.



MARIA LÚCIA SEQUEIRA CORTES

● Com olhos pretos e cabelos ainda mais pretos, é a primeira vez que toma parte na organização de uma festa. Debutou em 1945, tendo sido seu par Jacinto de Thormes. É decoradora e trabalha muito. Está abrindo um curso de decoração de Natal. Falou no rádio com grande desembaraço e da mesma forma simpática que deu esta entrevista.



MARINA MIRANDA FREITAS

● Deu uma entrevista engraçadíssima. No último ano do Curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia, queria mais fazer perguntas do que respondê-las. «O que eu mais gosto é de viajar: já conheço Europa, América do Norte e do Sul e, diàriamente, viajo para a Tijuca. Não gostaria de ser escafandrista pois tenho horror ao mar. Adoro feijoada.



ANA LÚCIA DE ANDRADE TAMM

● Mineira de Belo Horizonte, com 1,58 ms, morena de olhos muito bonitos, estudou no Notre Dame e aprende, atualmente, pintura com Santa Rosa. Conhece os Estados Unidos e Europa e seus pintores prediletos são Van Gogh e Roult Rouault. De maneiras calmas, discretas, freqüenta pouco. Faz um gênero sóbrio e muito clássico. Quer escrever sôbre modas.







ILDE GARAVAGLIA

● Tôdas as pessoas que freqüentam Sociedade conhecem Ilde Garavaglia. Faz um gênero. Alta, bonita, nascida na Avenida Atlântica, faz coleção de borboletas e caixas de fósforos. Cabelos castanhos, olhos idem, sua entrevista foi das mais espirituosas. É filha do diretor Antônio Garavaglia e já foi seis vêzes à Europa, devendo partir, breve, pela sétima vez. É outra fortíssima candidata ao título.

SÔNIA MARIA WOLTER

● Com 19 anos e 1,70 ms, não gosta de lugares enfumaçados e de ir a bailes. Prefere mil vêzes ficar em casa, lendo um bom livro. Estuda no Sacre Coeur de Marie e pretende fazer um curso de neo-latinas. Gosta de todos os autores, lendo sem preferência. Gosta de Portinari na sua fase clássica e joga buraco, mas só quando insistem muito. Não gosta de esportes, nem de circo, preferindo o teatro.

BABY VIGNOLI

● Com 17 anos e uns belíssimos olhos verdes, deixou, há pouco tempo, de comparecer a um certo desfile para assistir a um jôgo de «basket». Seu maior entusiasmo está dirigido para os barcos a vela e o mar. E seu amor ao mar, estende-se até as telas de Panceti. E' muito supersticiosa, gostaria de ir à Índia, mas detestaria caçar onças em Mato Grosso. «Um vagabundo toca em surdina», foi seu grande livro







LÚCIA CANTALICE

● Morena de 1 metro e 60, sente-se muito bem sôbre um «sky» aquático. No último ano da Faculdade Católica de Filosofia, será no próximo ano uma professôra mocíssima. [illegible] três anos nos Estados Unidos, onde aprendeu a gostar do autor de «Um americano em Paris». Conhece também Buenos Aires [illegible]. No Brasil, gosta de Ari Barroso e Noel Rosa.

REGINA SAMPAIO DÓRIA

● Filha do advogado Antônio Sampaio Dória, conheceu a Europa e os Estados Unidos, onde trabalhou como secretária de seu pai que representou o Brasil na Organização das Nações Unidas. Gostou dos Estados Unidos, apreciou o progresso, mas faz questão de frisar que só moraria mesmo no Brasil. Admira o compositor brasileiro Villa Lobos, música clássica, «bridge» e passa todos os verões em São Paulo. Prefere André Maurois.

MARIA DA GLÓRIA CAPANEMA

● 19 anos, morena, olhos pretos, herdou a beleza da mãe. Filha do político Gustavo Capanema, acha uma beleza da arte moderna o prédio do Ministério da Educação. Acabou o clássico no Sacre-Coeur de Jesus e agora estuda português. Achou que Marlon Brando foi excelente em «Júlio César», gosta de viajar e foi debutante em Pampulha, justamente na ocasião em que algumas senhoras da Sociedade carioca foram lá desfilar.

ÚLTIMO FLASH

CINCO CIGARROS

• O cigarro é, definitivamente, uma conquista feminina. Desde aquelas que já atingiram a idade celebrada por Balzac, até o simples «brotinho», que talvez pela primeira vez compareça a uma reunião social, tôdas empunham o cigarro, e exibem de modo diferente o «chic» das fumantes. Eis, a bordo do «Quebec», navio de guerra canadense que ora nos visita, as senhoras e senhoritas Gessi Santos, Cléo Almeida, Darci Branco Almeida, Lúcia Irene Picchi e Nair Santos — tôdas na hora exata de experimentar o gôsto do cigarro.

CORREIO DA REVISTA



Aôr Ribeiro

«QUANTO MAIS ME ATACAM MAIS EU SUBO»

A entrevista publicada no número 46 da REVISTA DA SEMANA, apesar do dr. Nereu Ramos negar sua veracidade por intermédio de alguns órgãos do Distrito Federal, é inteiramente verídica (como tudo que escrevi até hoje) e me foi concedida um dia após as eleições, em Florianópolis, isto é, no dia 4 de outubro, segunda-feira, no «Ponto-Chic», lugar público, antes do meio-dia.

Aliás, as declarações publicadas na entrevista, estão gravadas em disco de propriedade da «Rádio. Guarujá», de Florianópolis e foram amplamente irradiadas.

Quando muito, acredito que o dr. Nereu Ramos não sabia que as declarações seriam publiçadas na REVISTA DA SEMANA, mas que estava dando uma entrevista para ser publicada, a um jornalista profissional, lá isso estava.

De resto, assumo (como sempre o fiz) a responsabilidade de qualquer conceito emitido em reportagens de minha autoria.

Agora e sempre, (ass.) Aôr Ribeiro — Rua Machado de Assis, 35 (Rio).

UBIRAJARA A. PEREIRA (RIO)

Transcrevemos abaixo, na íntegra, a carta que recebemos:

«Sòmente ontem, por estar afastado desta Capital, em tratamento de saúde, tomei conhecimento da reportagem constante de fls. 40 a 42 da REVISTA DA SEMANA de 9 do corrente, na qual sob as epígrafes — **Enxêrto no Ministério** e **Nova Tática** graves acusações são feitas a minha pessoa. Convencido de que a reportagem foi preparada baseando-se o jornalista em dados que lhe foram fornecidos, chego à conclusão de que V. S. foi ludibriado nos seus propósitos íntegros de fazer jornalismo são e digno, não acobertando calúnias mal assacadas contra quem seja honesto e cumpridor de seus deveres. Por isso, venho à presença de V. S. esclarecer que houve, por parte dos informantes, o desejo de formular um ataque pessoal cujo interêsse não posso alcançar. Asseguro, entretanto, que nunca participei de quaisquer negociações sôbre os fatos que fizeram assunto da reportagem, nem mantenho relações com possíveis falsificadores de diplomas.

Nesse sentido, conforme cópia que junto à presente carta, acabo de requerer ao Sr. Diretor do Departamento de Administração do M.E.C., a quem estou diretamente subordinado, a abertura de inquérito administrativo, bem como de uma devassa em minha vida particular, medidas essas que apurarão a procedência ou não do que está relatado no periódico referido.

Cumpro, assim, um dever de lealdade de comunicar a V. S. as providências que tomei diante da publicação que me atinge tão cruelmente e espero, também, que sejam divulgadas pelo mesmo órgão que veiculou a denúncia, as conclusões a que chegaram as autoridades competentes.

(Ass.) **Ubirajara A. Pereira**

O RISO DOS OUTROS



SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



— Que choque! Olá! Olé!



— O que doutor? Êle está mudando de sexo? Mas isto é horrível para o meu guarda-roupa!



— Eu menti horrivelmente... Não me chamo Valentim.

Princesa dos Cristais

CRISTAIS

FRANCÊSES E TCHECOS

LOUÇAS E PORCELANAS DE DIVERSAS PROCEDÊNCIAS

★

FAQUEIROS, OBJETOS DE ADÔRNO E ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES

RUA DA ASSEMBLÉIA, 90 TELEFONE: 22-7913

Conversa de mulher

LIGIA JUNQUEIRA



BELEZA E ESPORTE

● *Os esportes constituem um dos mais seguros caminhos para se ter um corpo e uma cútis belos, e sempre jovens. Refiro-me, naturalmente, ao esporte praticado racionalmente, com moderação e critério. Desde a infância, as mulheres principalmente, deviam dedicar-se à prática de alguns esportes e não abandoná-los nunca. Sentir-se-iam mais saudáveis e com maior alegria de viver.*



Analisemos, ràpidamente, alguns dos efeitos salutares dos diversos esportes sôbre o organismo feminino:

★ **A natação** — *é chamado o "esporte completo". Para a mulher, serve para desenvolver o busto, para dar graça aos movimentos, tornar o corpo elegante, e os músculos firmes e flexíveis. A natação como que "esculpe" o corpo feminino.*

★ **O ciclismo** — *é ótimo para o desenvolvimento do corpo, aconselha-se às adolescentes. Além disso, a bicicleta engrossa as pernas demasiadamente finas, pois faz trabalhar os seus músculos.*

★ **Tênis** — *o tênis devia ser mais praticado pela nossa mocidade feminina. Torna fortes e flexíveis todos os músculos do corpo. Fortalece o tórax, dá firmeza ao busto.*



★ *Esportes com bolas — como vôli,* **basquete, "medicine ball"** — *são ótimos para o desenvolvimento do busto e também para redução dos quadris excessivos. Muito bons para quem quer diminuir pêso.*

Infelizmente, entre nós, a patinação não é um esporte muito em voga, porque é ótimo para diminuição da barriga e para as coxas, além de fortalecer o tornozelo.

Notinhas úteis

OVOS RACHADOS — Se vai cozinhar ovos que estão rachados, tenha o cuidado de esfregar um pouco de sal nas frestas, antes do cozimento. Cozinhe-o em água com sal. Assim, a clara não sairá para fora da rachadura.

●

CAFÉ OU CHÁ — Não devem ser guardados em recipientes de alumínio, cobre ou latão. Prefira um recipiente de louça ou de vidro, onde estas bebidas conservarão melhor o seu sabor.

●

BURACOS DE PREGOS — Se a parede de sua casa está tôda esburacada de pregos, será fácil tapar os buracos com uma pasta feita com cêra de abelha e goma arábica. Tenham o cuidado de igualar bem a superfície. Depois de sêca, pinte na côr da parede.

SAPATO DE CHUVA — E' bom ter um sapato mais grosso para os dias de chuva. Êste deve ser guardado sempre com uma leve camada de vaselina. Assim, o couro estará sempre macio, e a vaselina formará uma camada impermeabilizante.

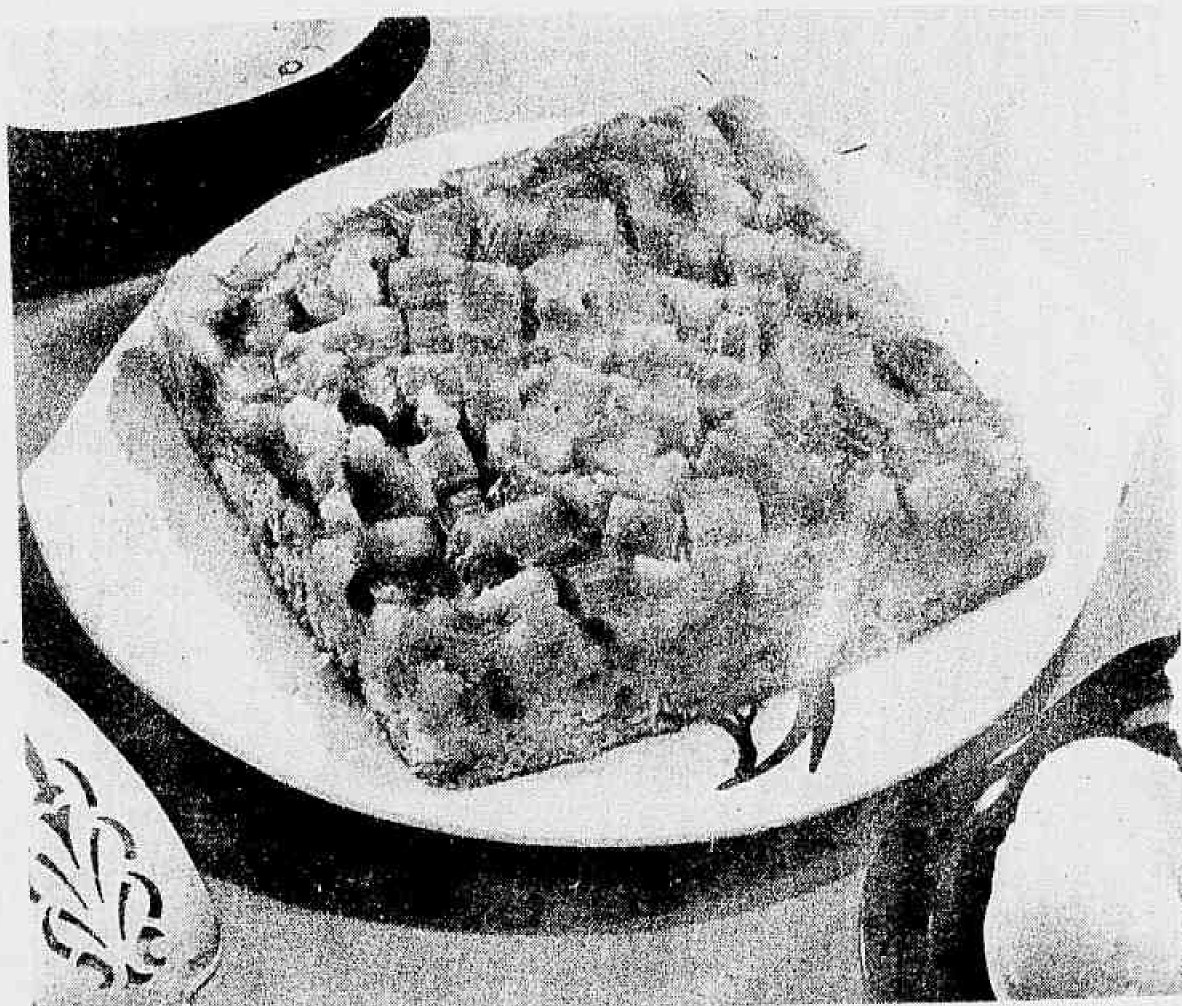
●

PEIXE COZIDO — E' comum ver-se o peixe cozido se desfazer na água. Para evitar que isso aconteça, basta colocar na água de cocção um pouco de vinagre. O peixe ficará inteirinho.

●

ARMÁRIOS QUE NÃO FECHAM — Quando as portas dos armários não fecham bem, geralmente é porque não estão bem niveladas. Procure ajeitar a posição do móvel, com pequenos calços de madeira.

Week-end na cozinha



● Se você tiver jeito de arranjar 4 xícaras de ruibarbo fresco, prepara êste bôlo-torta extraordinário! E' uma sobremesa fina, que será muito apreciada: própria, portanto, para quando tiver alguns convidados aos quais deseje surpreender.

1 Começa-se preparando a coberta da torta (que será espalhada no fundo da fôrma, antes de se pôr a massa). Misture 4 xícaras de ruibarbo fresco, cortado em pedacinhos, com uma xícara de açúcar mascavo e 2 colheres das de sopa de manteiga. Espalhe no fundo da fôrma ou assadeira.

2 Agora, cuide da massa, pròpriamente, do bôlo-torta. Peneire juntos os seguintes ingredientes: uma xícara de farinha de trigo, uma e meia colher das de chá de fermento em pó, uma pitadinha de sal.

3 Bata bem 2 gemas, continue a bater, acrescentando aos poucos uma xícara de açúcar. Depois, ponha meia xícara dágua quente, muito devagar. Finalmente, junte meia xícara de farinha de trigo integral e uma colherinha de essência de baunilha. Acrescente os ingredientes secos peneirados juntos e misture bem.

4 Bata as 2 claras em neve. Junte a massa. Ponha essa sôbre a camada de ruibarbo, preparada como dito acima.

5 Asse em forno moderado, perto de uma hora. Antes de tirar da fôrma deixe descansar uns poucos minutos. Corte em quadrados e sirva, quente ou fria, como creme «chantily».

NOTA: — Não encontrando ruibarbo prepare a receita com abacaxi em calda, ou com morangos frescos. Ficará, também, muito gostosa.

Falando de cabelos...

● Se os seus cabelos são muito secos, unte-os de óleo, uma noite antes de fazer o xampu. Ou então, coloque algumas gotas de loção deoleosa na água em que enxaguá-los. Êsse tratamento protegerá delicadamente os cabelos, dando-lhes brilho e tornando-os mais abundantes, se forem ralos.

● Quando as pontas dos cabelos são quebradiças, não quer dizer que tenha que untá-los de óleo em tôda a cabeça. Ponha um pouquinho de óleo na ponta de seus dedos, e espalhe-o nos cabelos que recobrem a nuca, as têmporas e nas pontas.

● Usando uma escôva limpa nos cabelos, você não precisará de xampus tão freqüentes. Tenha duas escôvas, e lave-as sempre depois de usadas. Enquanto uma seca a outra já estará pronta para ser usada.

● Se seus cabelos são prematuramente esbranquecidos, porque não os tinge? A boa tintura lhes devolverá o brilho que perderam e dará uma nova vida a seu rosto.

● Não é prudente nem, geralmente, estético, modificar inteiramente a côr de seus cabelos. Quando tiver que tingi-los, faça-o na côr natural que tinham antes de se tornarem grisalhos.



PENTEADO «POM-POM»



● O penteado curto a "pompom" é preferido por muitas jovens adolescentes de ar brejeiro. Eis como enrolar os cabelos para se conseguir um bonito penteado nesse estilo:

Tome mechas de mais ou menos dois centímetros. Faça os cachos por tôda a cabeça sempre com a mesma quantidade de cabelo.

Quando soltar o penteado, escove-os para cima, dando um movimento rotativo quando chegar nas pontas dos cabelos. Prefira, para isso, as escôvas com superfície convexa. Penteie os cabelos para cima na nuca e um pouco para a frente sôbre a testa.





FAMÍLIA REAL — Eis, em traje esporte, tôda a família real da Europa, posando para uma fotografia histórica. Participaram êles de uma viagem de recreio no «Agamemnon» e há aí soberanos da Itália, França, Grécia, Rumânia, Bulgária e Holanda.



CRIANÇAS LEPROSAS — Todos êstes meninos, estranhos e sorridentes, são leprosos. Numa região da África êles são tratados por «Mãe Júlia», um autêntico anjo da guarda.

A PATIÑO — Joan Ortia Patiño continua no cartaz: depois de seu pedido de divórcio, roubam-lhe tôdas as preciosas jóias...



Por êsse MUNDO DE DEUS

A ATLANTIDA — Eis o testemunho fundamental da existência do continente Atlântida: esta pedra, conhecida como o «Teto do mundo», é a prova de que um território inteiro submergiu, ficando apenas de fora estas pontas negras...

LISBOA NO CINEMA — Françoise Arnoul e Daniel Gelin filmam em Lisboa. Ei-los passeando juntos na rua da Bica Grande, já integrados à paisagem da capital lusa, que em alguns trechos tanto se parece com a nossa.



A BELA OTERO — Maria Felix está em Paris filmando uma revivescência da vida da famosa «Bela Otero». Na foto vemos a bela Maria Felix neste papel, e a «Bela Otero» tal como foi.



MÃES E FILHAS — Em cima Marlene Dietrich e sua mãe, há vinte anos. Embaixo Marlene Dietrich e a filha, atualmente. Convém esclarecer que Marlene é a do lado de lá, pois podem se confundir.



★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★

ENTREVISTA IMAGINÁRIA



Noticiam que, impressionada com os gatos de Colette, Dinah Silveira de Queiroz havia resolvido criar uma oncinha. Fomos ouvi-la.

— Onde está a onça, Dinah? — perguntamos.

E Dinah:

— Desisti.

— Por quê?

— Cresceu demais.

— Só por isto?

— Além do mais, tenho a convicção, por experiência própria, que onça não se domestica nunca.

Pensamos que o animal a houvesse arranhado — não, apenas a onça recusava-se a posar para os fotógrafos.

NOTICIÁRIO

O SR. CORNÉLIO Penna acha-se diante de uma dúvida: seu novo livro, já terminado, chamava-se "O Escorpião", mais depois que a Comissão do IV Centenário premiou um livro com título idêntico, não sabe êle mais como chamar à sua obra.

O SR. ROSÁRIO Fusco, que publicou recentemente "Carta à Noiva", já se encaminha para uma nova experiência no terreno do romance: "Rodia".

O POETA REINALDO Bairão, que conta entre os valores novos de São Paulo, anuncia um novo livro de poesia, cujo título ainda ignora. Bairão redige também um jornal literário, de que já conhecemos magníficos fragmentos publicados num jornal desta capital.

LIGIA JUNQUEIRA SCHMIDT, que traduziu Faulkner para a nossa língua, também está hesitante quanto ao título de seu novo romance. Não sabe se o chamará de "O galho e a fôlha", ou se de "A cinza e o vinho".

DÉCIO VITTORIO estreou com muita discrição é grande entusiasmo da parte dos amigos que o conhecem mais intimamente. Razão: seu livro é de uma poesia depurada e pouco accessível, cujo valor só os íntimos descobrem com facilidade.

HÁ MUITO tempo Fernando Sabino anunciava que havia terminado seu novo romance. Não se sabia ainda do título, mas o tema era conhecido: a história de tôda uma geração mineira.

JOSÉ CONDÉ é um escritor que produz sempre. Ainda agora, depois de "Histórias da cidade morta", anuncia uma novela em que divisa nítidos progressos sôbre os livros anteriores.

E O SR. AMANDO Fontes, já retirado da política, apresentará finalmente seu anunciado "Deputado Santos Lima".

UMA NOTÍCIA de última hora: o poeta Ferreira Gullar considerando sua experiência poética encerrada com "A luta corporal", encaminha-se para o terreno da novela, trabalhando numa obra que se dividirá entre os dois gêneros, e que auguramos muito mais propensa ao terreno poético.

A Cidade Assassinada

●** Com "A Cidade Assassinada", peça em três atos e sete quadros que a Livraria José Olympio Editôra acaba de publicar, Antônio Callado, o vitorioso romancista de "Assunção de Salviano", estréia com absoluto sucesso na literatura teatral. Essa peça, aliás, representada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em julho dêste ano, obteve desde logo a maior repercussão, merecendo dos críticos especializados os mais altos e sinceros louvores, o que bem nos dá a medida exata do enorme talento artístico de Antônio Callado. Drama de natureza histórica, concebido e realizado dentro de um espírito profundamente original, "A Cidade Assassinada", que é a história da queda de Santo André da Borda do Campo, simbolizada por João Ramalho, ante o surgimento de São Paulo, simbolizada por Anchieta, consagrou em definitivo a personalidade de escritor de Antônio Callado, quer no domínio da técnica teatral quer no domínio do estilo e da caracterização psicológica dos personagens. "A Cidade Assassinada" amplia e aprofunda o nosso conhecimento e a nossa experiência da realidade humana — pessoal ou social — e se dirige com igual intensidade ao leitor e ao espectador. No palco ou no livro, "A Cidade Assassinada" impressiona pelos recursos de que dá mostras o autor, principalmente pela rara intensidade dramática, pelo vigor e justeza dos diálogos, pela revelação de uma alta e profunda sensibilidade literária! Escritor que maneja o idioma com a segurança dos verdadeiros iniciados, Antônio Callado dispõe de um acentuado substrato de leituras múltiplas e sólidas, o que lhe dá na verdade a experiência de um mestre já consumado na arte de imitar a vida pela representação da ação, fim último do teatro em seu verdadeiro sentido. Ganha assim a literatura teatral brasileira um novo e autêntico valor, iniciando-se num gênero que lhe abrirá sem dúvida as mais vastas e seguras possibilidades artísticas. — A.P.

O QUE ÊLES DIZEM



Augusto Frederico Schmidt



Raquel de Queiroz

Raquel de Queiroz, convidada a dar uma entrevista para esta revista: «Sim, contanto que não seja ping-pong».

●

Antônio Botto, num rasgo, confessou ao poeta Hugo Tavares: «Não compreendo êste país. Quando cheguei aqui, uma noite vi uma lua enorme. Depois li no jornal: «Govêrno de ladrões». Fiquei assustado, disse para minha mulher: «A coisa vai ficar feia, amanhã vamos embora». No dia seguinte, vi a lua de novo, estava pequenininha. E não tinha acontecido nada, tudo continuava na mesma».

●

Definição do sr. Augusto Frederico Schmidt: «A derrota do sr. João Goulart é a primeira pomba, a volta do pássaro trazendo no bico um ramo verde . . .»

Maneiras de dizer.

Já o sr. Carlos Drummond de Andrade proclama: «aos mortos concedamos, antes de tudo, repouso».

Não se referia a Getúlio Vargas.

●

O sr. Rubem Braga também o escreve: «A pior coisa que se pode dizer do sr. Jânio Quadros é que êle sobe ao govêrno de São Paulo já de olhos voltados para o Catete».

O sr. Jânio Quadros já desmentiu: não está de olhos voltados para coisa alguma.

●

A sra. Dinah Silveira de Queiroz exibiu «Floradas na Serra» para o presidente Café Filho. Êste, ao terminar, voltou-se para agradecer à escritora. Dinah não pôde responder — estava em lágrimas.

A FRASE DOS OUTROS

«Os fracassos são de duas espécies, exclama o sempre vitorioso Paul Geraldy, autor de «Toi et Moi». Os que vêm do que não se fêz e se pensava, e os que vêm do que se fêz, e não se pensava.»

●

Steve Passeur anuncia a representação de um novo drama. O diretor da Companhia, um tanto assustado com as exigências de Passeur, comenta:

— Estou pronto a fazer tudo o que fôr possível para o sucesso desta peça, mas não inteiramente tudo.

Título da peça: «Não importa o que por elas».

●

Jean Cocteau, que já está convalescente, declara:

— Viveríamos duas vêzes mais se, durante a primeira metade da vida, adquiríssemos hábitos que reduzissem a segunda.

Também Jean Cocteau, de mal com Mauriac desde a famosa estréia de «Bacchus», enviou a êste um exemplar do seu mais recente livro, com a seguinte dedicatória: «Do mais terno dos seus inimigos . . .»

Fizeram as pazes, é claro.

●

Carlo Coccioli, hoje a «estrêla» de primeira grandeza da literatura européia, afirma: «De agora em diante escreverei meus livros diretamente em francês».

No Brasil, Guido Piovene, que é romancista italiano já havia declarado: «Coccioli é um fenômeno francês, e não italiano».

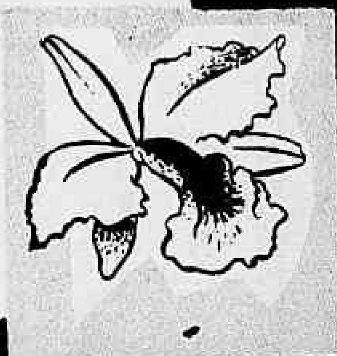
●

Ainda Faulkner. Em São Paulo, indagando sôbre o que pensava de seu conterrâneo Hawthorne, respondeu friamente: «É um mau escritor». E sôbre a «Letra Escarlate», que Lawrence considerava o maior romance americano: «É uma obra má».

★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★











Viagens Maravilhosas...

Vá a LIMA num Constellation da Panair e faça de Lima o seu ponto de partida!

- Para a América Central, México, ESTADOS UNIDOS ou JAPÃO. O caminho é mais curto, mais lindo e mais vantajoso. Serviço turístico ou de luxo, em combinação com a Panagra e Pan American.
- Para excursões de 60 dias na América do Sul, visitando Lima, na terra dos Incas, La Paz, Santiago do Chile, Buenos Aires, Montevidéo e novamente o Brasil. Aproveite sua estada nestes paises para conhecer as ruinas incaicas, visitar os lagos andinos ou Viña Del Mar e participar da movimentada vida noturna portenha. Serviço combinado Panair/Panagra.
- Outra viagem maravilhosa... aproveite a tarifa de excursão, com direito a 17 dias de validade para visitar Santiago e Buenos Aires.

Informe-se em sua Agência de Viagens preferida ou nos escritórios da

PANAIR



DO BRASIL

Quase como no pavoroso terremoto de S. Francisco:

A TERRA ABRIU-SE EM DUAS METADES

A cidade acordou de repente transformada em ruinas — Mil e quinhentos mortos e feridos — Famílias inteiras ficaram sem lar — Um drama da Argélia que comove o mundo inteiro.



Eis uma fotografia que resume a tragédia. Em doze segundos, êste imóvel, um hotel, foi totalmente destruído.



O fazendeiro Raymond Vignal ficou assim no meio das ruínas da casa que êle próprio havia construído.

● Um drama terrível, de proporções maiores do que o famoso terremoto de São Francisco, que o cinema já nos reviveu tantas vêzes, acaba de ter lugar na cidade francesa de Orleansville, na Algéria. Na noite de 9 de setembro, no curto espaço de alguns segundos, o tremor fêz as seguintes vítimas: 1.500 mortos, mais de 1.200 feridos, ficando sem abrigo cêrca de 60.000 pessoas. Cifras tão espantosas não se conhecia senão as fornecidas pelo terremoto e conseqüente incêndio da cidade de São Francisco. Tôda essa gente, acumulada em barracas, nos arredores da cidade, vive agora sem luz, mal alimentada, exposta ao perigo das epidemias. Foi a Rádio Algéria quem deu o alarme. Imediatamente os socorros se organizaram. Cada dia, 2.000 algerianos ofertaram seu sangue. O exército, os bombeiros, a polícia e os soldados trabalharam durante quarenta horas a fim de retirar dos escombros os feridos e os mortos. Uma ponte aérea se estabeleceu entre Orleansville e Alger, onde, de quarenta em quarenta minutos, um comboio de feridos se dirigia para o Hospital Mustapha. Em tôda a França, como sinal de luto, as bandeiras foram suspensas a meio-pau. Começado na Algéria, o movimento de solidariedade se estendeu por todo o país edentro em pouco pelo mundo inteiro.

ORLEANSVILLE — Em Orleansville todos os relógios se detiveram a 1 hora e 11 minutos da manhã, marcando assim a hora do luto e da ruína. Só os animais tiveram o pressentimento do desastre. Os pombos voltearam aquela noite pelo ar sem pousar em lugar algum, e as vacas rebentaram suas amarras para fugir em direção ao campo. Durante tôda a noite os sobreviventes erraram pelas ruas como sonâmbulos.

OS SOBREVIVENTES — O pesadelo do tremor de terra não se desfêz com a madrugada: numerosos tremores sísmicos se sucederam no dia seguinte e nos outros, remergulhando tôdas as vêzes, na angústia, os habitantes das regiões sinistradas.



Esta chora por ter perdido tudo o que era seu...



Um órfão vê num jornal as fotos da catástrofe...

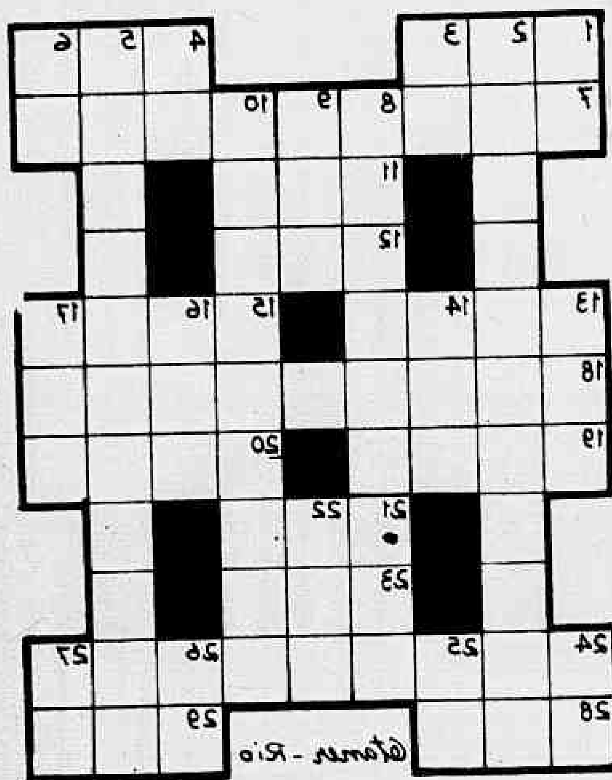


Recuperando suas roupas sob os destroços.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 38

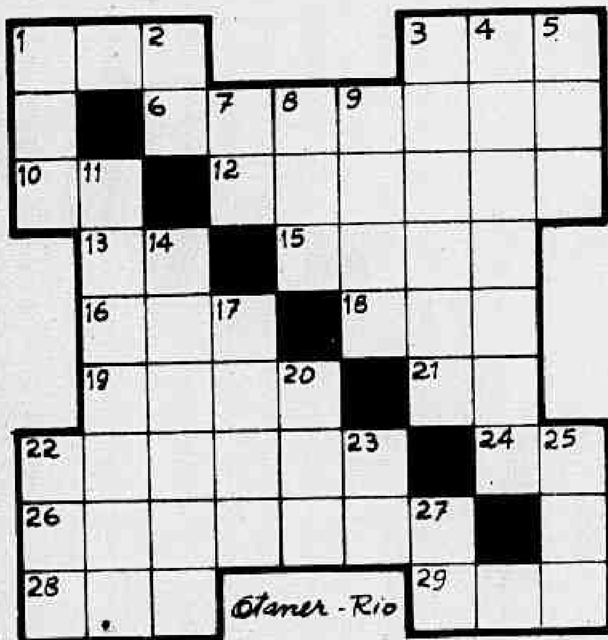
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Proteção — 4. Interjeição de surprêsa — 7. Processo formal de cálculo — 11. Jôgo de cartas de origem italiana — 12. Ave da família dos Odontoforídeos — 13. Ave palmípede — 15. Ensejo — 18. Repicar — 19. Árvore da família das Aceráceas — 20. mulher que toma parte num baile — 21. Constelação austral — 23. Cidade do antigo Egito, no delta do Nilo — 24. Repelente — 28. Certo número — 29. Vila do Egito, na península do Sinai.

VERTICAIS: — 1. Rio da França — 2. Que afaga — 3. Símbolo do metal de pêso atômico 107,88 — 4. A primeira nota da antiga escala musical — 5. Preparação que se faz nos seringais antes de estender nêles os canequinhos de fôlha, para comêço de colheita — 6. Sacerdotisa de Juno — 8. Coberta de sombras — 9. Multidão — 10. Uniformidade — 13. Manto de lã grosseira em uso na Turquia — 14. 13ª letra do nosso alfabeto — 16. Senhora — 17. Altar dos sacrifícios — 22. Raer — 24. Aspecto — 25. Símbolo do metalóide de pêso atômico 35,457 — 26. Símbolo do nitônio — 27. Sufixo designativo de autor.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS — 1. Não cozido — 3. Lavra — 5. Chocalho, brinquedo de criança (pl.) — 10. Artigo plural — 12. O mesmo que rebeca — 13. Pessoa exímia — 15. Fluxo e refluxo das águas do mar — 16. Chefe etíope — 18. Seguiam — 19. Queres bem — 21. 17ª letra do alfabeto grego — 22. Gradear com arame — 24. Nota musical — 26. Denomização que os índios davam aos europeus — 28. Membro de ave — 29. Reza.

VERTICAIS: — 1. Rema para trás — 2. Único — 3. Transformar em aço — 4. Cachos de uva — 5. Apêndice de certos utensílios que serve para segurá-los — 7. Brisa — 8. Antigo navio de guerra cuja proa era munida de um esporão de aço — 9. Guarnecei de abas — 11. Mestiço arruivado (pl.) — 14. Fruto indeiscente monospérmico — 17. Fôlha de pinheiro — 20. Retira-se — 22. Mau cheiro — 23. Símbolo do rubídio — 25. Cólera — 27. Contração.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 37

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — lei — mar — iris — cima — re — ôco — ui — Ata — iró — orfeica — fi — Ro — bambina — par — era — al — Oil — er — idos — ulna — sal — Aar.

VERTICAIS: — Lira — ereto — Il — mi — amura — raio — só — Co — cré — arfar — icone — fim — iri — balda — bei — arena — país — arar — os — lu — ol — la.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — ala — par — sergipano — am — aro — or — erradas — ao — er — asaprol — ar — vai — Au — Paranaguá — Ari — dei.

VERTICAIS: — asa — leme — ar — pá — anos — ror — garoava — ira — poderia — ras — aro — arar — Pan — lauê — Apa — uai — ri — Gd.

A INDÚSTRIA DOS DIPLOMAS FALSOS

O acusado, sr. Pedro Olavo Menezes, faz a sua defesa em carta endereçada à REVISTA DA SEMANA.

Sôbre as reportagens insertas em nossas edições de 2 e 9 do corrente e subordinadas ao título «A indústria dos diplomas falsos», recebemos do sr. Pedro Olavo Menezes uma carta em que se defende das acusações ao mesmo feitas, à qual damos guarida, em obediência ao nosso princípio de boa ética e dando, assim, por encerrado o asunto:

● Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1954.

Ilmo. sr. Diretor de a REVISTA DA SEMANA. — Nesta.

Prezado senhor,

Saudações cordiais.

Em referência às reportagens intituladas A INDÚSTRIA DOS DIPLOMAS FALSOS, publicadas nas edições nsº 40 e 41, desta Revista, venho à sua presença prestar-lhe os seguintes esclarecimentos, dos quais encareço a sua determinação, no sentido de serem divulgados.

Há 4 ou 5 meses, a Federação Nacional dos Odontologistas encaminhou ao sr. chefe de Polícia do Departamento Federal de Segurança Pública, uma denúncia sôbre as atividades de vários escritórios especializados em assuntos de ensino, existentes nesta Capital, como responsáveis por irregularidades, as mais variadas, sôbre a questão de expedição de diplomas de nível superior.

Em atendimento ao vulto da denúncia, as autoridades da Delegacia de Defraudações e Falsificações encetaram diversas diligências, no sentido de ser constatada a sua procedência. Dentre essas diligências, destaca-se a visita das autoridades ao meu escritório, onde foram arrolados inúmeros documentos, que se destinaram à verificação das minhas atividades. Todos documentos absolutamente regulares e legais, conforme tive ocasião de provar, quando do meu depoimento no cartório daquela Delegacia Especializada. Dêste depoimento, publiquei um resumo pelo «Diário de Notícias», em sua edição do dia 16 de julho.

Não satisfeitos os meus detratores, de vez que as denunciaçõês caluniosas que assacaram contra mim não tiveram o efeito que desejaram, vêm insistindo por todos os meios ao seu alcance, visando denegrir perante a opinião pública o conceito que lhes impus por meios legais e competentes.

Pelos documentos retratados na reportagem de a REVISTA DA SEMANA, V. Sª poderá constatar a veracidade do que afirmo. Cartas que teriam sido dirigidas a mim são exibidas com o nome do destinatário borradas, a fim de causarem dúvidas e embaraços. Se são provas das minhas atividades ilícitas, o porque de assim procederem.

Assim agindo, a Federação Nacional dos Odontologistas procedeu de maneira a mais leviana e irresponsável. Provei no inquérito policial, que as cartas publicadas foram tôdas endereçadas à Associação dos ex-Alunos das Escolas Livres, um dos satélites da Federação Nacional dos Odontologistas, da qual se intitula presidente o indivíduo José Avelino Teixeira, charlatão confesso e delinqüente contumaz.

Várias das pessoas apontadas na denúncia como meus intermediários no comércio de diplomas foram por mim conduzidas à Delegacia de Defraudações e Falsificações, onde declararam a verdade em relação à minha pessoa, que não conheciam e apontando a referida Associação como autora de várias propostas vantajosas, para aquisição de diplomas, conforme se infere da cópia da carta em anexo, dirigida pelo mesmo José Avelino Teixeira a um cliente do interior.

O intuito de difamação data de 1951, quando escrevi uma carta aberta a três deputados, que se hombrearam com êsse indivíduo, em uma mesa-redonda levada a efeito na Rádio Globo, destinada a criticar as atividades do dr. Lineu Albuquerque de Melo, então candidato a Deputado Federal e presidente da Junta Especial do Ensino Livre, existente no Ministério da Educação e Saúde. No decorrer da palestra da mesa-redonda, o tal Avelino declarou que o fato de a Junta Especial do Ensino Livre não se reunir com regularidade possibilitava que escritórios inescrupulosos cobrassem avultadas quantias para tratar de processos naquela dependência oficial. Em seguida leu um anúncio do meu escritório, no qual eram oferecidos os nossos serviços a respeito.

No dia seguinte, 19 de abril de 1951, o «Diário de Notícias» publicava a referida carta aberta, pela qual fiz prova de que o sr. José Avelino Teixeira era um charlatão, portador de um diploma falso de médico, do qual não conseguiu registro na Junta Especial do Ensino Livre, provado que foi ser falso. A audácia dêsse indivíduo foi-lhe dada pelo êxito que teve dias atrás, em conseguir registro de um diploma de dentista, cujo curso foi realizado em uma escola aqui do Rio de Janeiro, quando êle estava prêso, em virtude de condenação que lhe foi imposta pelo extinto Tribunal de Segurança Nacional, provadas que foram as suas atividades como espião comunista. (Ver edição do «Correio da Noite», do dia 12 de agôsto de 1953).

As autoridades da Delegacia de Defraudações e Falsificações provamos tôdas as nossas alegações.

As mesmas autoridades solicitamos obrigasse a Federação Nacional dos Odontologistas a apresentar as pessoas que êles indicaram como iscas e de mim terem obtidos documentos graciosos. A isso se furtou a Federação. A denúncia chegou ao cúmulo de apresentar documentos comprobatórios de curso superior, como tendo sido fornecidos por mim a pessoas que desconheço totalmente. Aí não ficou a aleivosia dessa Federação. Até recibos mandaram forjar, como tendo sido por mim emitidos. De tôda a infâmia dei conhecimento à Delegacia de Defraudações.

V. S.ª poderá aquilatar por si só do quanto é capaz quem me calunia, tomando conhecimento de que a denúncia focalizou nada menos que seis escritórios especializados em assuntos de ensino. No entanto tôda a publicidade que êles vêm dedicando ao assunto, me focaliza com exclusividade.

Provei por **a** mais **b** que outros órgãos e entidades da classe, que deram apoio à Federação Nacional dos Odontologistas, eram dirigidos por dentistas que se diplomaram no interior do Estado de São Paulo, quando serviam como guarda-civis na Capital do Estado. Enfim, desmascarei os meus caluniadores o quanto pude. O resto, deixo ao julgamento dos homens de bem, que possuem idoneidade moral, para me julgarem.

Acreditando na acolhida da minha defesa, por parte de V. Sª, apresento-lhe os meus votos de admiração e respeito.

Dr. Pedro Olavo de Menezes

CONSTANTINA ARAÚJO EM "AÍDA"

INTERINO



O soprano Constantina Araújo, em «Oberon», de Weber, com que estreou na ópera de Paris.

● «Nemo propheta in patria sua», diz o Evangelista, e santos de casa não fazem milagres, confirma o rifão luso. Mas acontece que, hoje em dia, é demasiado fácil fazerem-se milagres ou alguém tornar-se profeta fora de sua casa: às vêzes, é suficiente manter boas relações com alguma agência telegráfica ou com os serviços de imprensa das Embaixadas; e aí chovem as notícias sôbre os retumbantes êxitos conseguidos, em terras estrangeiras, pelo novo e até então desconhecido porta-estandarte das pátrias glórias. De modo que, não tivéssemos lido, com os nossos próprios olhos, as elogiosas referências dos mais carrancudos críticos franceses à arte vocal do soprano brasileiro Constantina Araújo, quando se estreou em Paris, êste ano, no «Oberon», de Weber, teríamos ficado um tanto céticos sôbre seus anteriores sucessos no Scala de Milão ou no Covent Garden de Londres, objeto de despachos de agências, e dispostos a pensar, de preferência, nalgum blefe de natureza telegráfica-nacionalista, à base de «o soprano é nosso» ou coisa que o valha.

Apresentando-se, agora, em «Aída», de Verdi, para encerramento da temporada internacional de ópera no Municipal, a senhora Constantina Araújo não decepcionou as grandes expectativas que o noticiário a seu respeito determinara no público e na crítica: afirmou-se seguramente, ao contrário, como um novo e real valor da cena lírica, não apenas nacional, mas mundial. Por enquanto, diríamos que ainda não alcançou o perfeito equilíbrio de suas grandes qualidades, mormente numa partitura, como a de «Aída», que exige a todo o momento especiais virtudes de robustez vocal: seu registro grave nem sempre consegue impor-se com nitidez e, principalmente, parece um pouco empanado nas passagens rápidas. Trata-se, porém, em todo o caso, de uma verdadeira artista do canto. A voz é de belo timbre, que se torna mais cristalino à medida que sobe para os agudos, que enfrenta com ágil desenvoltura, e obedece aos contrôles de uma superior inteligência musical, servida pelos recursos técnicos indispensáveis à boa emissão e ao fraseado preciso; e sem ser nenhum monstro de pujança, dispõe de volume mais que suficiente para não deixar nunca a última palavra à orquestra, mesmo nos «fortissimi». O público do Municipal tributou-lhe merecida ovação, babando-se de gôzo por poder, finalmente, consagrar uma nova cantora nacional sem a penosa sensação de estar querendo enganar, com a simples homenagem a um passaporte, a si e aos outros. Além do mais, sabe a artista mover-se no palco com desembaraço, garbo e louvável comedimento dramático. E, para um público de ópera, acostumado a ver Aídas em forma e pêso de outras tantas May Wests, deve também ter constituído agradável surprêsa contemplar, desta feita, uma escrava etíope de linhas vagamente lollobrigidianas.

Dizem as crônicas que Constantina Araújo, após estudar em São Paulo e cantar por lá um certo número de óperas numa estação de rádio, se apresentasse, há uns dois anos, à Comissão Artística do Municipal, para mostrar o que sabia. Os dignos membros da Comissão, entretanto, depois de ouvi-la, teriam esboçado um sorriso de mofa: tirasse a senhora Constantina o cavalo da chuva, pois, com aquela voz, nem para temporada nacional serviria. Aí a cantora subiu para um navio e tocou-se para a Itália, onde, pouco tempo depois, tendo-lhe o acaso proporcionado a oportunidade de fazer-se ouvir pelo maestro De Sabata, foi contratada para o Scala. Esta segunda parte da narrativa é verídica. A primeira, que concerne à rata da Comissão Artística, possivelmente não passe de pêta. Constitui, ainda assim, precioso elemento para a elaboração de um mito, que convirá cultivar com todo o carinho, para desdouro dessa ou de qualquer outra comissão que pretenda resolver, na base de votos e pareceres burocráticos, problemas de natureza artística.

(Íamos quase esquecendo de dizer que Constantina Araújo não cantou «Aída» sòzinha, sendo embora a «great attraction» e a triunfadora da noite. Teve ela a seu lado um bom Radamés do tenor Mario del Monaco, bem mais à vontade, nessa partitura, que na de «Otello», um apreciável Ramfis do baixo Giuseppe Modesti, um Amonasro não mais que aceitável, no barítono Enzo Mascherini, e uma discreta Amneris, no meio soprano patrício Maria Henriques. Os demais, incluindo coros e orquestra, não chegaram a incomodar, salvo os clarins da marcha triunfal do segundo ato, que devem ter contundido a entrada dos vitoriosos guerreiros egípcios com a chegada do préstito dos «Democráticos» no carnaval, quando umas quantas desafinações até que contribuem para aumentar a animação).

ORQUESTRA JUVENIL Do Museu de Arte de São Paulo

● O Museu de Arte de São Paulo não é apenas a mais bela pinacoteca da América do Sul (tanto assim que uma parte de suas obras continuam sendo expostas, com espanto da crítica européia, que não esperava por essa, em vários países do velho continente); graças ao dinamismo do seu diretor, prof. P. M. Bardi, é também ativíssimo e modelar centro de cultura artística, onde se realizam cursos de história da arte, desenho, gravura, cinema, teatro, bailado, desenho industrial. Em 1950 resolveu o Museu criar uma orquestra sinfônica juvenil, formada de rapazes e moças escolhidos nas mais variadas camadas da população, aos quais foram ministradas lições dos vários instrumentos. E se, ao cabo de quatro anos, não tivessem seus professôres conseguido reunir, com êles, mais do que um arremêdo de charanga, ainda assim devera enaltecer-se êsse esfôrço ao serviço de uma clara finalidade didática: criar as condições para alguns ou muitos dos alunos aferirem as próprias capacidades musicais e, eventualmente, prosseguirem nesses estudos e para outros, de qualquer modo, se iniciarem no gôsto à boa música. Mas, não, senhores! Essa que se apresentou no Teatro Municipal, sob a segura regência do maestro Mario Rossini, que veio ao Brasil com o «Angelicum» de Milão, é uma excelente orquestra, sob todos os pontos de vista: quinteto de arcos homogêneos e de ótima sonoridade, instrumentos de sôpro mais do que eficientes, nas madeiras, e apenas carecendo de maior aprendizado, nos metais. Os pontos altos do concêrto foram alcançados com a «Aria», de Tenaglia-Zanella, a «Villanella», de Respighi e a abertura de «Il matrimonio segreto», de Cimarosa, executados primorosamente, num perfeito equilíbrio dos vários naipes. Tem o conjunto, ainda, caráter prevalecente de orquestra de câmara. Mas não se destinasse êle, como viveiro, programàticamente, a fornecer mudas e enxertos instrumentais às demais orquestras da cidade ou do país e permanecessem seus componentes como formação estável durante mais algum tempo, não temos dúvida de que não tardaria essa orquestra juvenil a dar quinaus, fora de qualquer critério de relatividade e independentemente da idade dos seus integrantes, às melhores dentre as orquestras que andam por aí.



Cacilda Becker, em «Inimigos Intimos», de Barrielt e Gedy, novo cartaz do T.B.C. no Ginástico.

Como recebeu a sua derrota?

VINTE CANDIDATOS VENCIDOS DIZEM (TALVEZ) O QUE PENSAM

HEITOR BELTRÃO, DECEPCIONADO, ABANDONARÁ A POLÍTICA. ★ PAULO GRACINDO PERDEU O BONDE, VAI ESPERAR POR OUTRO. ★ BARCELOS, PICADO PELO VÍRUS DA POLÍTICA, INSISTIRÁ. ★ HAMILTON NOGUEIRA: «RESPEITO O RESULTADO DAS URNAS».

Reportagem de MILTON SALLES

AS eleições de 3 de outubro, principalmente nesta capital foram assinaladas por grandes surprêsas. Por isso mesmo, o duelo Lacerda x Lutero (que o povo abreviou para La x Lu, naturalmente inspirando-se no Fla-Flu), foi relegado a segundo plano, interessando-se todos em conhecer os nomes dos candidatos os quais, embora possuidores de fortes credenciais, não conseguiram uma cadeira numa das três casas legislativas. Radialistas populares, escritores famosos, cientistas de prestígio, desportistas conceituados — todos êles depositaram seus sonhos, suas melhores esperanças, nas sólidas bôlsas de lona que foram as urnas. Depois, quando as cédulas foram pingando sem aquela intensidade anelada, os planos foram-se esfumando e um triste pensamento assaltou a todos: era preciso recomeçar tudo, para daqui a quatro anos fazer nova tentativa. Em face da grande maioria esperar a eleição como coisa líquida e certa, a reportagem fêz-lhe a pergunta «Como recebeu a sua derrota?», colhendo interessantes depoimentos de duas dezenas de candidatos que foram esquecidos pelos eleitores no dia 3 de outubro.

● O TEATRÓLOGO GUILHERME FIGUEIREDO não parece ter sentido em tôda sua extensão o amargor da derrota. Assim respondeu à nossa indagação:

— Na maior alegria, foi como recebi minha não eleição. Candidatei-me para combater o regime de Vargas. Desaparecido êsse regime, a Câmara dos Vereadores só seria para mim um motivo de tédio. Disto ainda estou mais certo quando vejo a lista dos eleitos.

— E agora?

— Agora volto à literatura, porque verifiquei que o meu eleitorado é suficiente para uma edição de bibliófilo...

● O DEPUTADO AUGUSTO DO AMARAL PEIXOTO JÚNIOR (irmão do governador do Estado do Rio) pareceu conformado quando disse:

— A beleza da democracia está nessas situações; hoje somos eleitos, amanhã derrotados, o que equivale a dizer que o povo pode mudar as suas preferências. Não me considero derrotado, já que recebi bom número de votos. Apenas não fui escolhido.

● O SENADOR MOZART LAGO, que durante algum tempo estêve desfrutando excelente situação entre os candidatos a uma cadeira no Senado (onde pretendia continuar), ficou bastante agitado com o resultado das urnas. Por isso, quando lhe perguntamos como havia recebido a derrota, respondeu com jeito de poucos amigos:

— Não me considero derrotado!

— Por que, senador?

— Não pretendo dizer mais nada!

E foi-se embora ruminando a derrota.

● PAULO GRACINDO, radialista dos mais populares, tinha como certa sua eleição para a Gaiola de Ouro. Na primeira vez, concorrendo na legenda do PSD, não venceu porque disse ter sido traído pelo sr. Luís Gama Filho. Mas, agora, em 54, candidatando-se pelo PTN, aguardava apenas o dia da posse, como diziam alguns de seus amigos mais chegados. Entretanto, perdeu. E perdeu feio.

— Como recebeu a derrota, Gracindo?

Apesar de se encontrar adoentado, com febre alta, o produtor do «Balança, mas não cai», respondeu:

— Naturalmente, assim como quem perde um bonde sabendo que virá outro em seguida.

Isto, trocado em miúdos, quer dizer que o artista da Nacional estará presente às eleições de 58.

● O PROFESSOR MAURÍCIO DE MEDEIROS, candidato a deputado pelo PSP, também recebeu reduzido número de votos. Como recebeu a derrota?

— Esportivamente — respondeu.

E não quis mais falar sôbre eleições...


MANOEL BARCELOS


PAULO GRACINDO


O. CANECCHIO (Badu)


O. DINIZ MAGALHÃES


HAMILTON NOGUEIRA


MAURÍCIO DE MEDEIROS


MOZART LAGO


PASCOAL C. MAGNO

● PARA OS OBSERVADORES políticos, um dos poucos vereadores que merecia a reeleição era o sr. Paulo Areal, do PDC, em face de sua combatividade e dos bons propósitos de sua campanha. Entretanto, não foi feliz. Os votos que recebeu não garantiram sua permanência na Câmara.

— Quem faz política em tôrno de um princípio e de um programa (respondeu o sr. Paulo Areal à nossa indagação), não pode encarar a pessoa humana como derrotada. Portanto, prevalecerá sempre o princípio.

● PAULO ROBERTO, produtor radiofônico dos mais famosos, que pela primeira vez concorreu a uma eleição, também não se considera derrotado.

— Por que, Paulo? — quisemos saber.

— Recebi mais de dois mil votos e isto, para mim, é prova de que os eleitores me prestigiaram. Estou perfeitamente equilibrado ao fazer esta afirmação. Candidatei-me para colaborar com o meu partido — o Partido Socialista Brasileiro — do qual sou fundador. Continuarei sendo cada vez mais socialista, eleito ou não.

● O VEREADOR PASCOAL CARLOS MAGNO, cuja ida para a Câmara dos Deputados era tida como certa, na legenda da Aliança Popular. Como teria recebido a derrota?

— Eu já a esperava (respondeu o incentivador do Teatro do Estudante). Não fiz nada para ganhar as eleições.

● ARI BARROSO, que desta vez tentou voltar à Câmara dos Vereadores através da legenda do PSD, surpreendeu a todos com a sua euforia, apesar de não ter atingido o milhar de votos.

— Não senti a derrota porque, no mesmo dia em que soube ser possível conquistar uma cadeira na Gaiola de Ouro, assinei um contrato de 5 meses para atuar em Buenos Aires, Chile, Montevidéu, Peru, Venezuela, etc., com 200 mil cruzeiros mensais livre de despesa. Portanto, não houve tempo para deixar-me abalar pela tragédia da derrota. Mas, noutra eu não caio. O eleitorado brigou comigo.

● O LÍDER PORTUÁRIO DUQUE DE ASSIS também foi surpreendentemente derrotado. Mas parece não ter sofrido com isso, pois afirmou com a maior naturalidade ao repórter:

— Recebi a derrota tão satisfeito como se tivesse saído vitorioso do pleito de 3 de outubro. Sou um candidato novo e pobre, sem dinheiro para fazer a campanha. Infelizmente, o trabalhador ainda vai na conversa dos tubarões do voto. Pretendo candidatar-me daqui a quatro anos, para fazer qualquer coisa pelos portuários. Para isso, vou-me preparar bem.

● O PROFESSOR CLEMENTINO FRAGA, da UDN, também se mostrou sereno, quando lhe fizemos a pergunta.

— Recebi a derrota serenamente (respondeu). Como político marginal, fiquei à margem da votação. E merecidamente.

● O SR. HEITOR BELTRÃO mostrou-se decepcionado. Candidato à reeleição pela Aliança Popular, não se classificou.

— Naturalmente eu não encontro nenhuma explicação para minha derrota (explicou), porque cumpri o meu dever de oposicionista. Como oposição de verdade, não negociei com o govêrno, nem com a Prefeitura, nem com a Chefatura de Polícia. Nunca entrei no Palácio do Catete quando o Getúlio estava no poder e combati o govêrno Vargas de manhã à noite. Isso parece que não agradou ao govêrno como também ao povo. Há um desnível entre mim e o eleitorado. Com certeza o eleitorado é superior. No mais, é normal um homem ser derrotado.

— E agora, doutor Beltrão?

— Agora não tenho mais ilusões. Vou-me retirar da política, pobre e honesto como sempre fui. Estou cansado para continuar lutando.

— Mas, daqui a quatro anos...

— Daqui a quatro anos poderei ser invocado nas sessões espíritas...

● MANOEL BARCELOS, presidente da Associação Brasileira de Rádio, que tinha o Hospital dos Radialistas como o seu grande cabo eleitoral, também não logrou figurar entre os candidatos mais votados do PSP.

— Como recebeu a derrota, Barcelos?

— Com a serenidade dos homens que cumpriram o seu dever.

— E' verdade que vai deixar a política?

— Não. A política é um virus que não sai do nosso sangue quando somos picados por êle.

● O HUMORISTA BADU, candidato a vereador pelo PST, também não foi feliz. Sua votação não ultrapassou uma centena. Como taeria recebido a derrota?

— Com a maior felicidade do mundo (respondeu), porque eu nasci para o rádio. Esta, felizmente, não é a primeira vez que me candidatei. Foi a última...

● O ESCRITOR SOCIALISTA MÁRIO PEDROSA, que disputou uma cadeira na Câmara Federal pela legenda do PSB, teve, igualmente, reduzida votação. Mas não se mostra abatido com isso.

— Recebi a derrota esportivamente, pois considero a eleição um jôgo. E, como em todo jôgo, precisamos também contar com a derrota.

● O SR. ABELLARD FRANÇA, presidente da Federação Metropolitana


BERLIET JÚNIOR


CARLOS FRIAS


PAULO ROBERTO


ARY BARROSO

ROMARIA DA SAUDADE AO "VERA CRUZ"



MA
AN
LA
QU
NA
EN
FA
SO

De
te

R

b
fo
b
o
le
"
a
t
"
n
d
e

MADRUGADAS DE CORAÇÃO EM FESTA, ANGÚSTIAS E EXPECTATIVAS, LÁGRIMAS DE ALEGRIA E FELICIDADE, CADA VEZ QUE O BARCO PORTUGUÊS SURGE NA PRAÇA MAUÁ. ★ QUANDO A FAMÍLIA SE ENCONTRA E A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA É UM FATO INDISCUTÍVEL. ★ SÓ UMA JOVEM SOFREU A DECEPÇÃO MAIOR: ÊLE NÃO VEIO!



De bordo e do cais, as fisionomias vão se transfigurando: primeiro é a expectativa, em busca do amigo que viajou ou que espera o viajante em terra firme. Depois, a alegria esfusiante quando se reconhecem e são trocados os primeiros saudares. Da vigia, gente da 3ª também procura...

Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

● *De cada vez que um navio português dá entrada na Guana-*
bara, a festa repete-se. Não é um acontecimento rotineiro que se
faz sentir, mas um pretexto para novo encontro da família luso-
brasileira na sua mais alta e legítima expressão. E não são apenas
os portuguêses que se habituam a essa festa — também os brasi-
leiros que vão a bordo percorrer as dependências do transatlântico
"da saudade", comprar um "souvenir" lusitano, se possível fazer,
ali, uma refeição típica (regada a bom verdasco). A Polícia Marí-
tima já se habituou ao movimento extraordinário sempre que o
"Vera Cruz" ou o "Santa Maria" completa outra de suas jornadas
marítimas e os guardas sabem que nessa manhã o serviço será
dobrado... Só quem não assistiu, ainda, a um dêsses comoventes
espetáculos, ignora o seu magno significado sentimental e român-
tico. Porque é um romance lírico o que se vê então. Nem sempre os que vão aguardar um parente ou amigo, vivem as emoções mais intensas: o que mais comoveu ao repórter, quando foi dar conta da sua missão, foi um homem humilde, de semblante triste, de roupa sovada, que não fêz questão de subir a bordo. Pitava o seu cigarro, anônimo na multidão, de mãos nas costas e olhar pendurado no navio. Quando o interpelamos a quem esperava, respondeu num dar de ombros:

— Eu? Ninguém... Vim só para ver.

E jogando a ponta de cigarro ao mar:

— Ver — e tocar com estas mãos nem que seja só um pedaço do navio. Já que não posso ir à terra, contento-me em tocar o barco que de lá vem. É como se tocasse em Portugal inteiro...



O Destino é bom quando volta a aproximar quem não se vê há



Devem
olhar
«Que

A ma
te
à Pra
Uma
lhanda
E ass
tôdas
pingos
ou do
Alfând
agasa
vieran
para
o ba
cuida
não s
contr
e lev
não

Ve
no



Devem ser irmãos: o mesmo perfil, o mesmo olhar que investiga e parece perguntar: — «Que destino me espera neste imenso Brasil?»



A terra é quente e as meias vêm do último inverno português. O recurso, porém, é tirá-las e agora está em moda o pé sem meia.



Passaporte na mão, documentos em ordem, tudo à disposição da Polícia Marítima. Após essas formalidades, será o que Deus quiser!

Amanhã parece querer contrariar as pretensões daqueles que desde cedo chegaram à Praça Mauá para aguardar o «Vera Cruz». Uma chuvinha gelada e impertinente cai molhando sapatos, encharcando guarda-chuvas. E assim mesmo o cais está repleto. Gente de tôdas as classes procura abrigar-se dos respingos, as mãos nos bolsos do casaco de lã ou do paletó, amontoando-se sob a marquise da Alfândega. Chales de côres vivas ou escuras agasalham as senhoras que madrugaram e vieram de longe, dos arrabaldes e subúrbios, para receber alguém ou ver. Simplesmente ver o barco da saudade. Um garôto foge aos cuidados maternos, corre e faz alarido. A mãe não se mostra zangada nem faz cara feia, pelo contrário, sorri orgulhosa por ter um filho sadio e levado que pode correr, cais além. Aquêle não é dia para ajuste de contas, apesar da irritante garoa que insiste em cair. As brigas domésticas de mãe e filho não encontrariam repercussão, porque o pai do garôto, o paisinho querido, está chegando. O pai que foi à terra para tratamento de saúde, sem poder levar a mulher e o filho. Por isso mamãe continua sorrindo por tudo e por nada, enquanto o «miúdo» faz das suas...

★

Pouco passa das oito da manhã. Ao longe, varando o nevoeiro, aparece a silhueta de um navio. Cresce o borborinho em dois tempos. O navio vem longe, vagaroso, puxado por duas embarcações rebocadoras. Mãos nervosas procuram, aflitas, um lenço. Uma jovem elegante ajeita às pressas o cabelo cortado à moderna, alvoroçando-se talvez para receber o namorado que foi à Europa completar os estudos. Corre, miùdinho, para mais perto do mar que o traz para seus braços. Agora já se distingue o pavilhão brasileiro a tremular no mastro, mas sabe-se então que o barco não é o que todos esperam... A garôta continua atenta, cortando o ar com o lenço de cambraia, eufórica, mais que radiante. Os olhos negros e grandes só perdem o brilho quando deparam com o nome do navio: «Bretagne»... Decepção!

★

A chuva parou e um sol anêmico, com aparência de convalescente, raia no horizonte. O tempo passa lento, cada minuto parece um dia nos corações dos que esperam desde as seis da manhã. Espôsas, filhas, noivas, famílias inteiras ávidas de rever seus entes queridos...

vê há tanto tempo... a alegria, a felicidade, estão nas fisionomias...



Velhos amigos encontram-se: — «Como ficou aquilo, homem? Tudo no seu devido lugar? Qualquer dia dou lá um pulo a matar saudades!»



Lá está quem elas ansiosas procuram! Parece vir mais gordo, traz ainda aquelas saudáveis côres da aldeia! Vão ter muito que conversar...

"VERA CRUZ"



Passageiros de primeira classe são moderados em suas expansões jubilosas, mas mesmo assim gritam com tôdas as suas fôrças pelos nomes de quem os espera — e jogam serpentinas...

Dez horas. Uma voz carregada de sotaque amigo, bem luso, grita a pulmões abertos:

— Lá está êle! Lá está o nosso barco!

Como se o «Vera Cruz» não pertencesse a uma companhia e sim a todos os portuguêses do mundo! E o grito multiplicou-se — dezenas, centenas de vozes. O cais é pequeno para a multidão que está vibrante. Até São Pedro, generoso e bom, dá ordens para que as nuvens se desfaçam e o sol, no colorido vivo de seus raios, ilumine festivamente a chegada do navio da saudade.

★

Depois, as cenas habituais. Um senhor de cabeça, grisalha mostra os olhos úmidos e não disfarça as lágrimas. Aproximamo-nos. As intempéries dos anos privam-no de movimentos mais rápidos e êle faz fôrça para vencer a plataforma de um vagão ali encostado. Oferecemos ajuda. Aceita. Encarapitado, bem do alto, soluça, baixinho, o bastante para se ouvir:

— Deus seja louvado! Ela aí está. Depois de tantos anos, consegui trazer-te, enfim!

Os lenços são, agora, agitados às dezenas. E não só lenços, também os guarda-chuvas, bôlsas, casacos, chales e tudo que pode dar maior expressão de boas vindas.

Lágrimas de contentamento brotam de cada olhar. A criança ri, berra ou chora, aproveitando a confusão para fazer das suas. O alarido é maior de ambas as partes, do navio e do cais. Serpentinas, confetes e um samba remexido são os presentes da gente de bordo para o Rio que a recebe de coração escancarado. O «Vera Cruz» parece um pedaço de Portugal que vem trazer-nos a mensagem amiga dos que ficaram do outro lado do Atlântico. Duas pátrias que são uma só, encontram-se novamente — brasileiros e portuguêses misturam-se num só todo.

E o resto é alegria.

★

Desembarcam os primeiros passageiros. Corados, vestindo roupas quentes, trazem em maioria, pelo menos, um garrafão de vinho pendurado na mão disposta a trabalhar no Brasil. Chega o momento dos abraços. Descem a escada de madeira que liga a terra ao navio, e logo os parentes e amigos correm ao encontro

Êles trazem no coração a saudade da terra em que nasceram e



O garrafão de vinho «da terrinha» e a sacola com o queijo da Serra e as frutas, ficaram sob a guarda da «miúda» com a sua boneca.



Os primeiros passos na acolhedora terra brasileira e a bagagem conduzida pelo viajante, que precisa ser muito econômico no Brasil!



Não há outro jeito senão descansar sôbre sua pesada mala para abrir a bôlsa: Onde estão os seus diversos documentos? Estarão perdidos?

dos recém-vindos. Beijos prolongados traduzem tôdas as saudades, um pela primeira semana de ausência, outro pela segunda, e mais outro, bem cinematográfico, para a câmara de um conhecido que tem a mania das fotografias para o álbum familiar...

Baixam cêstas carregadas de trutas, litros de vinho verde e do maduro, bonecas originais e multicoloridas, tudo pendurado nos braços fortes. O rosado da epiderme distingue os que chegam, dos que os esperam. O sangue, o entusiasmo, pouco os faz diferentes, contudo: são todos irmãos que se comprimem na extensão das docas. E vêm as primeiras perguntas sôbre os que ficaram, perguntas curiosas e bisbilhoteiras sôbre coisas da terra, da gente, dos negócios, das doenças, de tudo...

O saguão alfandegário ficou cheio, de súbito. E os funcionários não perdem tempo, revistam as bagagens cuidadosamente. Compreendem, entretanto, que uma toalha da Madeira, se fôr uma só, encontrada no fundo da mala, não é contrabando. Mas fingem ser ludibriados... Poucos trazem coisas que exigem pagamento de taxas. Mas, pensando bem, é difícil vir de Portugal ou passar pelas suas lojas de novidades características, sem trazer um presente para a família.

As latas de azeite também não foram esquecidas, e fazem fila a um canto para serem liberadas do recinto, depois de legalizadas. Portugal tem belezas que vieram repartidas nos porões de bagagem do «Vera Cruz».

★

Êstes procuraram lugares mais estratégicos para serem reconhecidos pelos parentes que os aguardavam. Alguns disfarçam a emoção e fazem preces, baixinho: Que tudo comece bem no Brasil!

Somos dos últimos a deixar a Praça Mauá. O edifício da Alfândega vai, aos poucos, esvaziando. O sol desapareceu outra vez. No cais, ainda inconsolável, a mocinha que esperava «alguém» permanece desolada com a falta de sorte. Todos saíram, todos abraçaram a quem era esperado, só ela ficou esperando. Esperando o que não veio desta vez...

Grupos espalham-se pela praça, procuram condução para casa, carregam bagagem, discutem alto, dão notícias pormenorizadas, oferecem cigarros portuguêses e combinam as primeiras tertúlias em família. Os bares estão cheios de outros grupos, os mais sequiosos de conhecer o que se passa na sua aldeia.

E volta a chover.

e nas veias, a latejar, o sangue posto a serviço do Brasil



O primeiro olhar de esguelha para a garôta brasileira que lhe passou ao lado: «Ópa, até que a «gaja» é de truz!» E o olhar diz tudo.



Fisionomia de espanto, atitude de quem não sabe o que daqui por diante a espera, e ao seu filho. Tudo tão estranho, tão diferente...:



A sacola, o garrafão e o passaporte com outros documentos necessários. O olhar perscrutador: E agora, ao trabalho, ao trabalho...

Comunismo no Pólo Norte — O Senado não é agradável — Jânio e Garcez — Prisão para Ademar — Quer trabalhar no cinema do Brasil — Lutero vai recorrer... — Garcez abandonará a política — Europa, França e Bahia...



ROQUETE PINTO
Perda irreparável.



WINSTON CHURCILL
Encontro com
Malenkov.



CHARLES CHAPLIN
Precisamos lembrar
os velhos.



CLAUDINE DUPUS
Quer filmar no Brasil.



LUTERO VARGAS
Vai recorrer ao
Supremo.



JANIO QUADROS
Roma, Paris, ou
New York?

- MARX — A rádio Moscou informa que estão lendo Marx no Pólo Norte.
- BRASIL — O sr. A. Taveira acha que a doença do Brasil é a mania do suicídio.
- JANIO — Medita, indeciso, se irá a Paris ou Nova York.
- DRUMMOND DE ANDRADE — O poeta exclama: «Homens como Roquete Pinto nos ensinam a ter esperança no homem».
- LACERDA — Passando por Pernambuco, desabafou mais uma vez: «Quem matou Getúlio foi a sua solidão».
- ASSIS CHATEAUBRIAND — Na sua linguagem típica de sempre: «O Senado é um ambiente tão desagradável...»
- PASQUALINI — Derrotado, chefiará possivelmente o PTB.
- AMIGOS — O sr. Garcez, ao que se informa, virá com o sr. Jânio Quadros visitar Café Filho.
- ACÔRDO — Anuncia-se que França e Alemanha chegaram a um acôrdo sôbre o velho problema do Sarre.
- CHAPLIN — Distribuindo dinheiro, declarou: «Precisamos lembrar os velhos. Se quiserem beber, que importa?»
- ENEIDA — Chama a atenção para o concurso de romances «Orlando Dantas».
- ADEMAR DE BARROS — Foi afinal, pedida a prisão preventiva do candidato derrotado.
- CHOVEU — Em Ouro Prêto, depois de uma estiagem de cinco meses, tombou um aguaceiro.
- MAR GROSSO — O sr. Aliomar Baleeiro proclama: «Ondas altas encrespam já as águas revôltas em que terá de navegar o sr. Eugênio Gudin...»
- DE ACÔRDO — Preludiando a sucessão presidencial, o sr. Juscelino Kubitschek declarou que está de acôrdo com o esquema Etelvino...
- QUER TRABALHAR — Claudine Dupuis, «estrêla» francesa, declarou que quer trabalhar no cinema do Brasil.
- ESTRANHOS — Declara-se que cêrca de 50 por cento dos imóveis do IAPC são ocupados por estranhos à classe.
- VAI RECORRER — Lutero Vargas anuncia que vai recorrer da decisão do juiz que permitiu Lacerda ausentar-se do país.
- DISPOSIÇÃO — Depois de muito pensar, Churchill declarou que se acha disposto a conferenciar com Malenkov.
- ABANDONARÁ A POLÍTICA — O sr. Lucas Garcez informou que, deixando o govêrno, voltará a ser professor.
- ROMA TAMBÉM — Jânio Quadros começa a alargar as vistas: informou que visitará Roma também.
- VIRGÍNIA LANE — O sr. Sérgio Kroeff embarcou declarando que ia providenciar o desquite: Motivo: incompatibilidade de gênios.
- ATO DE CARIDADE — A Condêssa de Paris declarou a um dos nossos colunistas que vestir-se bem é um ato de caridade.
- CRIME COMUM — O promotor Araújo Jorge opina: é crime comum, o de que é passivo o general Mendes de Morais contra Lacerda.
- ARTE — O Museu de Arte de São Paulo anuncia que irá expor em Milão.
- ADIAMENTO — D. Helder Câmara sugere que se adie o Carnaval, em vista das comemorações do Congresso Eucarístico Internacional.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

MUITO FELIZES, ANSELMO E ILKA SÃO, AGORA



PAPAI e MAMÃE



O primeiro bocejo e o primeiro sorriso do filho de Anselmo e Ilka, fixados para a posteridade pela «Revista da Semana».

ÊLE É A CARA DO PAI, COM O NARIZ E OS OLHOS DE MAMÃE...

Nasceu Anselmo Junior (4 quilos, olhos e cabelos castanhos): Trocou o dia pela noite, faz serenatas, berra de 15 em 15 minutos e está distraindo maravilhosamente os "velhos"



— Você precisa aprender a pegar na criança, querido!



Papai se esforça, mas «Sem Jeito» mandou lembranças...



Canção para ninar recém-nascido, cantada pela «estrêla».



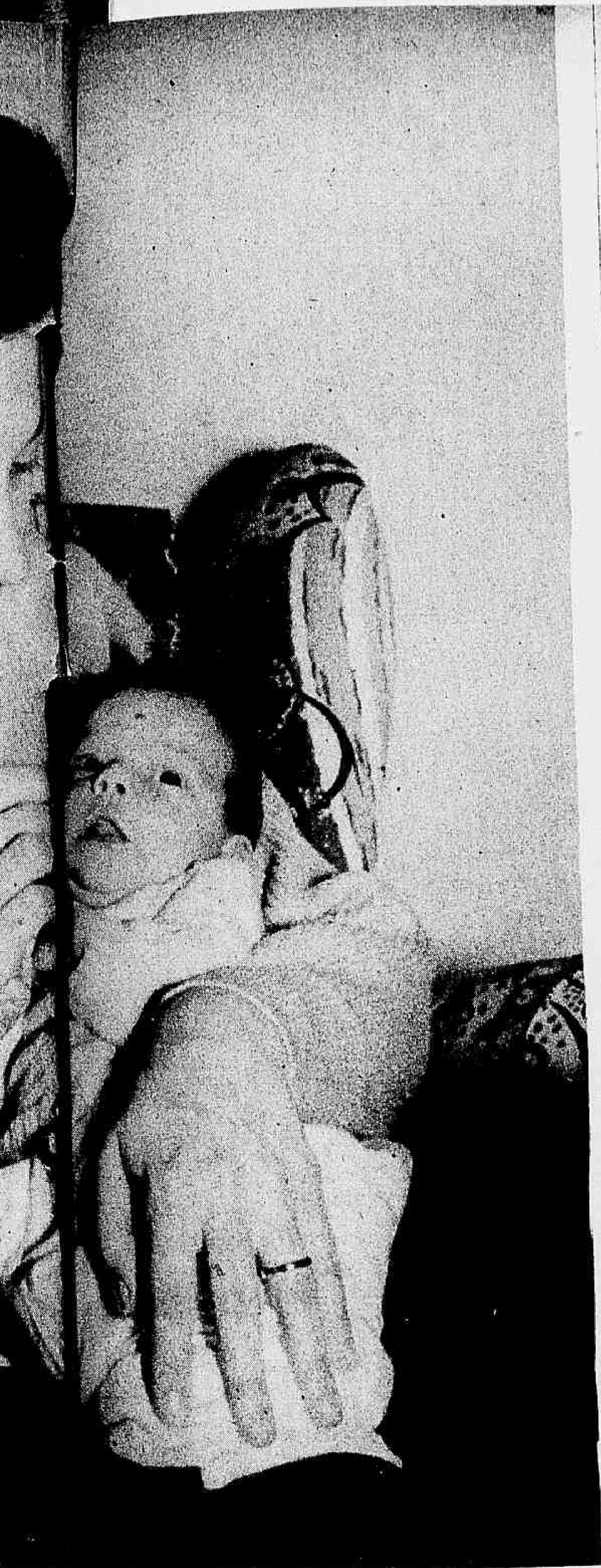
Preparando a mamadeira antes que Júnior reclame...



Dizem que chupeta faz a bôca forta, mas não

● **São Paulo, outubro.** — Não foi muito fácil bater as primeiras fotografias do senhor Anselmo Duarte Júnior, ilustre recém-nascido. Por determinação médica, eram terminantemente proibidos os entrevistadores; com arte e jeito, porém, tudo se arranjou e aqui está o que os fãs de Anselmo e Ilka tanto esperavam.

Fomos encontrar o casal de artistas afastado de suas atividades cinematográficas e investidos de uma nova e nobre missão: a de ser papai e mamãe. Se alguém nutria qualquer dúvida sôbre a felicidade conjugal dos queridos artistas, ela ficará desfeita com esta reportagem mostrando-os encantados com o



se pode evitar que êle ponha a bôca no mundo.



Um pai bôbo e um filho em pose de quem desafia a família inteira para uma luta de box.

Fotos de MÁRIO ZILLI

Reportagem de HÉLIO ABREU

presente da cegonha. Pois a verdade é que os pais estão bobos e inteiramente por conta do Júnior, que é um amor, lindo e robusto. Nasceu no dia 4 do corrente, é forte e chora alto (pulmões de aço), veio ao mundo pesando 4 quilos, tem cabelos castanhos e olhos da mesma côr, com ligeira tendência para o azul. É um menino-grande que, do pai, tem o nariz e os olhos. O resto — bôca, testa e orelhas — pertencem a mamãe Ilka Soares.

★

— Que acha de ser papai? É bom? — perguntamos a Anselmo.

— Tôdas as vêzes que penso que sou pai, sinto-me investido de uma responsabilidade nova e que sou útil em alguma coisa. É ótimo ser pai, velhinho! Estou vivendo uma fase nova e feliz. Se me perguntassem que planos temos, eu e Ilka, responderia: Vamos deixar que o garôto siga o seu destino, obedeça ao seu temperamento. Eu, por exemplo, quando menino, sonhava ser perito-contador. Minha mãe queria que fôsse médico — e acabei artista de cinema, veja você . . .

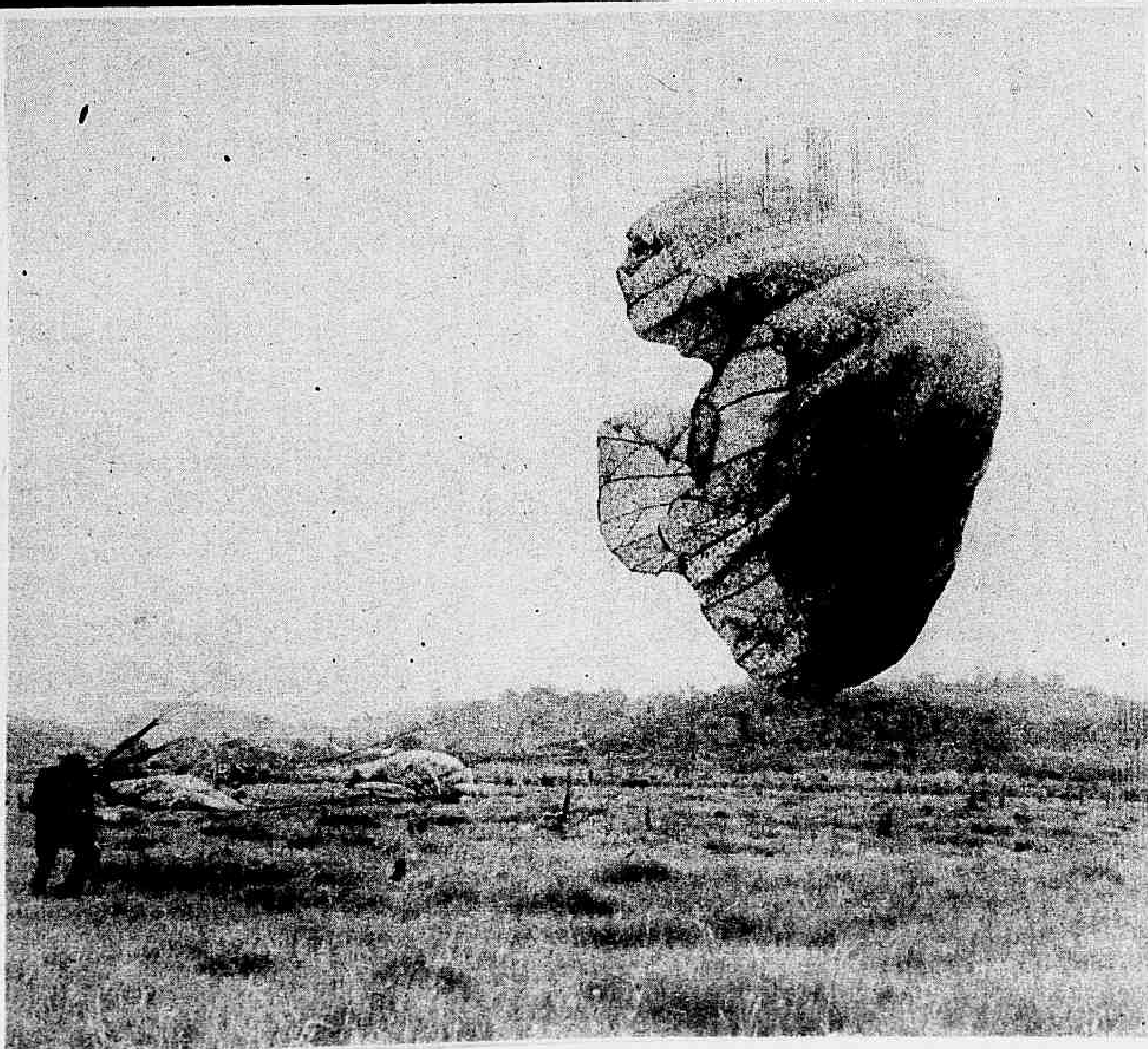
"Mamãe" Ilka Soares respondeu assim:

— Não tenho palavras para descrever a sensação de ser mãe. É a coisa mais maravilhosa do mundo. É a melhor "brincadeira" que pode existir, dentro da missão nobilíssima de ser mamãe. Estou feliz, só Deus poderá exprimir o que sinto. Para meu Anselminho desejo um futuro repleto de felicidades e rogo ao Criador para que meu filho sòmente conheça o lado bom da vida.

A palestra foi interrompida com dois berros agudos do cidadão Júnior. Estava na hora da "bóia" e de outras providências íntimas.

Anselmo pegou um monte de fraldas, Ilka foi cuidar do "biberon" e o repórter saiu de mansinho . . .

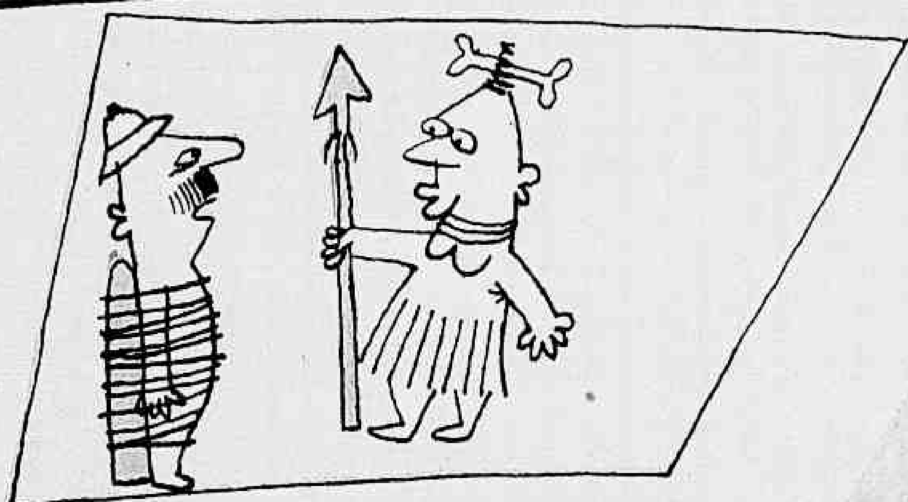




ÊSTES SABEM CAIR!

● A arte de bem cair, com elegância, distinção e sem quebrar as costelas, é praticada eficientemente pelos rapazes da FAB. Disso êles deram provas magníficas na Semana da Asa, quando, para homenagear o Exército, quinhentos dêsses corajosos jovens foram soltos de dezoito aviões da sua corporação, por sôbre o campo de Gramacho, sem ocorrer nenhum acidente. Domingo anterior, também êles se despencaram das alturas, caindo nas areias e nas águas de Copacabana, para deslumbramento dos milhares de banhistas e outros curiosos que ali se encontravam, de nariz espichado no ar, em prolongado «suspense». Não podiam ser mais irrepreensìvelmente perfeitas as duas demonstrações.

FICAVA TÔDA ENCABULADA QUANDO VESTIA A ROUPA. ERA MODÊLO



O ANTROPÓFAGO — Qual o seu último desejo?
O PRISIONEIRO — Tomar um cálice de vinho.
O ANTROPÓFAGO — Infelizmente o sr. tem de escolher outra coisa; nosso chefe não gosta de vinho.

CUCO

galeon eliachar

Assinatura do autor, no Inquérito Político-Militar.

Ilustrado poi PIQUI

QUANDO O MÉDICO OPERADOR CHEGOU, OS XIFÓPAGOS PERGUNTARAM A DUAS VOZES: «EM QUAL DE NÓS VAI DOER, DOUTOR?»

NÃO COMPREENDO...

... porque sempre que levamos uma pequena para passear dirigimos com uma das mãos e na volta com as duas.

Tic-Tac

(Piadas a minuta)

A profissão mais lucrativa é a do chofer de praça; antes de começar a trabalhar já ganhou 5 cruzeiros.

Tic

Não, o brasileiro não é um povo atrasado. Dentro de um automóvel êle está sempre 50 quilômetros na frente de qualquer um.

Tac

Preguiça, isso, sim, o brasileiro tem. Até pra descobrir o Brasil foi preciso de um estrangeiro.

Tic

Ela resolveu fazer uma concordata amorosa: devolveu todos os presentes a todos os namorados. E abriu nova firma.

PERGUNTAS INFALÍVEIS

a quem acaba de ver uma artista de cinema.

- **Que tal é ela?**
- **É assim como no cinema?**
- **É bonita?**
- **Tinha muita gente?**
- **Arranjou autógrafo?**
- **Falou com ela?**
- **Que foi que ela disse?**
- **Onde é que ela vai ficar?**
- **Quando é que ela vai embora?**

PONTOS DE VISTA



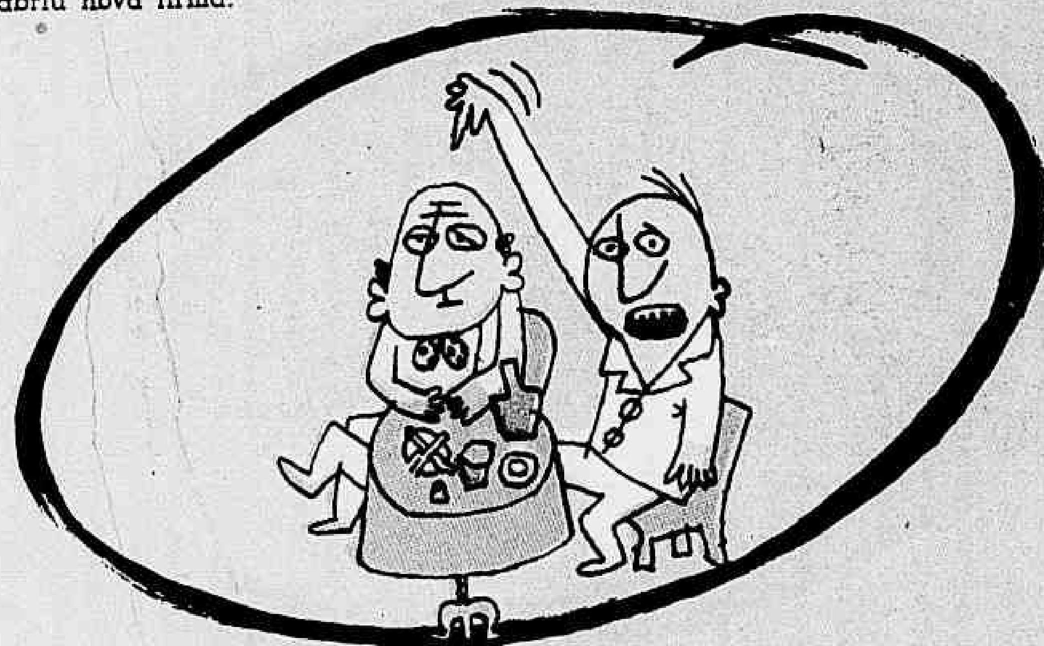
PONTUALIDADE são esses passinhos que a gente dá-qui-pra-lá-de-lá-pra-cá, enquanto o outro não vem.

●

SAUDADE é o retrocesso do pensamento.

●

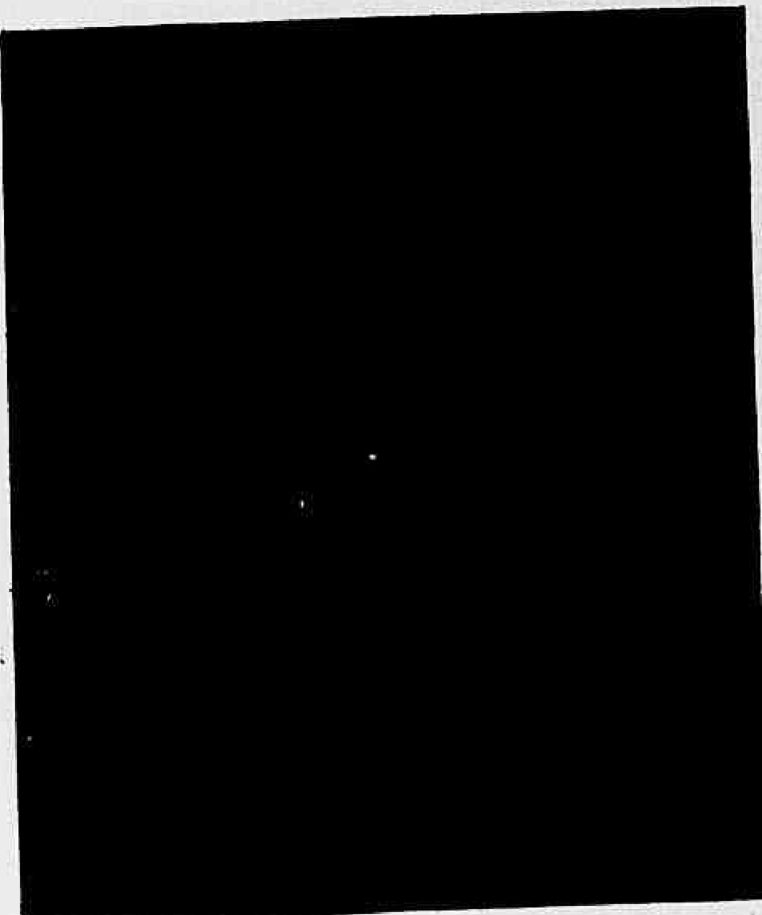
SACRIFÍCIO é essa pequena cota do nosso "eu" que depositamos na boa fé alheia para sacar com juros.



— Garção, a conta!

QUANDO perguntarem àquele usurário se já tinha lido todos os 800 volumes da pequena biblioteca que ganhara no concurso, êle respondeu, simplesmente: "Ainda não. Êles esqueceram de mandar a espátula."









– *Tem razão...*

estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H. 88 287